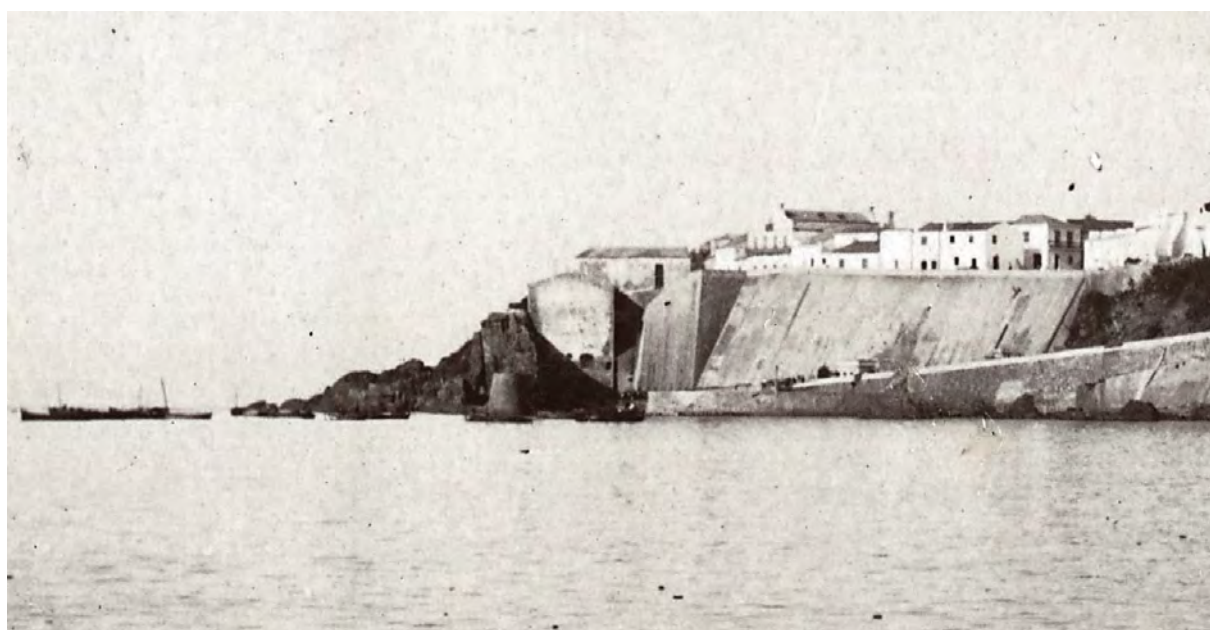


O REGRESSO À MARGEM

Reabilitar a Calheta de Sines, Um Porto de Memórias



Francisco Gonçalves Jordão
Licenciado

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientador: Professor Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco

Orientador: Professor Arquiteto José Aguiar

Júri

Presidente: Doutora Maria Soledade Gomez Paiva Sousa

Vogal: Doutor Miguel Calado Baptista Bastos

Lisboa, FAUL, Janeiro de 2017

O REGRESSO À MARGEM

Reabilitar a Calheta de Sines, Um Porto de Memórias

Francisco Gonçalves Jordão

Licenciado

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientador: Professor Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco

Orientador: Professor Arquiteto José Aguiar

Júri

Presidente: Doutora Maria Soledade Gomez Paiva Sousa

Vogal: Doutor Miguel Calado Baptista Bastos

Lisboa, FAUL, Janeiro de 2017

RESUMO

A baía de Sines, banhada pelo Oceano Atlântico, descobre-se no recorte litoral da costa como um lugar singular entre a terra e o mar, no qual ao longo do tempo se reuniram as condições para o seu desenvolvimento enquanto cidade-porto e cidade-porto-indústria. Sobre diferentes paradigmas e vontades de fazer e refazer cidade, a baía assistiu imponente às deformações dos seus contornos e às sucessivas conquistas ao mar pelo advento da indústria portuária.

Hoje, numa procura de redescobrir a sua identidade e repensar o seu *terminus*, surge a necessidade de recriar e reabilitar as relações entre a cidade de Sines e a frente de mar, de forma a promover o regresso à margem.

O Lugar da Ribeira, no extremo poente da vila de Sines onde se insere a Calheta e o Porto de Pesca, como “porta de mar” e ponto nevrálgico entre a cidade sobre a arriba e a margem na enseada surge como o lugar ideal para refletir sobre essas relações.

As estruturas portuárias desarticuladas com a cidade criam a oportunidade para discutir as suas potencialidades de regenerar e revitalizar o núcleo urbano. A Calheta e as suas lógeas do século XVII, abrem a possibilidade para refletir a reabilitação do património, a preservação da sua identidade e a manutenção da sua memória.

O objeto de estudo é analisado sobre um olhar a várias escalas e sobre várias leituras, essenciais para a resultante lucidez da proposta e do projeto que lhe dá corpo.

Deste modo, pretende-se que o trabalho por meio da arquitetura seja capaz de compatibilizar uma nova existência formal e funcional com a identidade e memória do lugar, cedendo-lhe novos conteúdos vivos capazes de perdurar no tempo.

PALAVRAS-CHAVE

Frente de Mar, Cidade-Porto, Património, Calheta, Sines

ABSTRACT

The Sines bay, bathed by the Atlantic Ocean, is found in the coastal snip of the seashore as a singular place between land and sea, in which the conditions for its development as city-port and city-port-industry were met throughout the times. Under different paradigms and desires to make and to remake the city, the bay watched majestic to the deformations of its shape and to the successive conquests to the sea by the advent of the port industry.

Nowadays, in a quest to recover its identity and rethink its terminus, it is imperative to recreate and to rehabilitate the relations between the city of Sines and the sea front, as the way to promote the return to the shore.

The Lugar da Ribeira, in the western end of Sines, where the Calheta and the Fishing Port are inserted, like a "door for sea" and a neuralgic point between the city at the cliff top and the margin perched on the cove appears to be the ideal place to reflect on these relationships.

The port structures disarticulated with the city create the opportunity to discuss their potential to regenerate and revitalize the urban nucleus. The Calheta and its seventeenth-century warehouses, open the possibility to reflect on the rehabilitation of the patrimony, the preservation of its identity and the conservation of its memory.

The study object is analyzed with a look at various scales and with multiple readings, essential for the resulting clarity of the proposal and the underlying project.

Therefore, through the architecture, the work is intended to reconcile a new formal and functional existence with the identity and memory of the place, giving it new living contents capable to endure in time.

KEY-WORDS

Sea Front, City-Port, Patrimony, Calheta, Sines

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Pedro Pacheco, pela generosidade e disponibilidade, pelas indicações e dúvidas, pelas críticas que foram fundamentais para a concretização do trabalho.

Ao Professor José Aguiar, pela confiança e franqueza, pelo estímulo constante, pelas curtas e longas conversas essenciais para o enriquecimento do trabalho.

Ao Arquiteto Ricardo Pereira e a todas as entidades e pessoas a quem me dirigi, destacando o apoio da Câmara Municipal de Sines e do Arquivo Histórico de Sines.

Aos meus colegas que também embarcaram neste percurso, pelas horas de trabalho, pelas viagens ao lugar, pela ajuda e trabalho em grupo.

Aos meus amigos pelos momentos de distração e descontração entre as horas de trabalho essenciais para descomprimir e voltar com mais força.

A Sara pelo apoio, paciência e compreensão, pela cumplicidade nos bons e maus momentos, pela ajuda, pelo acompanhamento e participação em todo este percurso.

Ao Ruben pelo conhecimento e boa disposição, pelas conversas e críticas construtivas, pela vontade constante de ajudar.

Por último à minha família, aos meus pais, à minha irmã, aos meus avós pelo apoio e força constante, ao longo de todo este caminho que chegou ao fim.

ÍNDICE

I <i>INTRODUÇÃO</i>	1
1.1. Enquadramento e Objetivos	3
1.2. Método	4
1.3. Estrutura	5
II <i>O TERRITÓRIO</i>	7
2.1. A Singularidade de Sines	9
2.2. A Identidade de Sines	13
Um Porto de Abrigo	14
A Vila e o Termo	18
Da Cidade-Porto à Cidade-Porto-Indústria	20
III <i>O LUGAR</i>	29
3.1. Leitura Histórica	32
A Calheta e as Lógeas da Ribeira	33
A Propriedade Pidwell e a Indústria Corticeira	37
A Marginal e o Novo Porto	39
3.2. Leitura Antropológica: O Pescador	41
3.3. Leitura Formal	45
O Lugar de Cima	46
O Lugar da Calheta	48
O Porto de Pesca	51

IV A PROPOSTA	53
4.1. O Regresso à Margem	55
4.2. O que se Mantem / o que se Anula	57
4.3. O Programa	59
4.4. O Exemplo	61
V O PROJETO	65
5.1. Redesenhar o Porto	67
5.2. Redesenhar a Ribeira	68
Reabilitar o Lugar	68
Construir na Arriba	69
5.3. Revitalizar a Calheta	71
A Ligação ao Mar	71
Construir na Passagem	72
Reconverter as Lógeas	73
VI CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
BIBLIOGRAFIA	81
ANEXOS	85

INDICE DE IMAGENS

- 000.** (Capa) A Calheta de Sines, no início do século XX
Fotografia de Autor desconhecido
- 001.** Sines, fotografia aérea IGeoE - Instituto Geográfico do Exército
In Centro de Informação Geoespacial do Exército, 1940
- 002.** Cabo de Sines, no início do séc. XX
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Sines
- 003.** O Mar de Sines e o horizonte distante do Atlântico
Fotografia do autor, 2016
- 004.** Eixo litoral Sines-Setúbal. Autor e data desconhecidos
In Plano de Pormenor da Cova do Lago – Relatório Ambiental
- 005.** Vista sobre a Serra do Cercal a leste de Sines
Fotografia de autor e data desconhecida
- 006.** Forte do Pessegueiro, Porto Covo
Pedro Ferreira, data desconhecida
- 007.** Dunas. Emmerico Nunes, século XX Óleo sobre madeira
In Museu de Sines, inv. MS 1
- 008.** A Villa de Sinnes. Alexandre Massai, 1613
In Instituto dos Arquivos Nacionais, torre do tombo, Casa Cadaval, livro 29, fl.66
- 009.** Cerâmica do “Bronze do Sudoeste” da necrópole de Provença
Sines, Pré-História, Autor e data desconhecidos
- 010.** Colares da Civilização Fenícia. Tesouro do Gaio - séc. VII a.C.
Sines Proto-História, Autor e data desconhecidos
- 011.** Pormenor de ara funerária, Época Romana, Mármore de Trigaches
In Museu de Sines
- 012.** Cantino planisphere. Rota da expedição de Vasco da Gama
Autor desconhecido
- 013.** V,^ DE SINES. Alexandre Massai, 1621
In Museu da Cidade, códice Descrição do Reino de Portugal e do Algarve, Segundo Tratado, fl.68
- 014.** Forte (...) que está feito dentro na Ilha do Pessigeiro em Mayor forma (...) Alexandre Massai
In Museu da Cidade, códice Descrição do Reino de Portugal e do Algarve, Segundo Tratado, fl.64
- 015.** Castello de Sines. Alexandre Massai
In Museu da Cidade, códice Descrição do Reino de Portugal e do Algarve, Segundo Tratado, fl.71
- 016.** Carta da Costa de Sines. João Gabriel Dechermont, 1790
In Instituto de Geográfico Português, CA 282
- 017.** Planta da Villa de Sines. João Gabriel Dechermont, 1790
In Instituto de Geográfico Português, CA 415
- 018.** Sines, baía ao pôr do Sol, com pescadores a voltar do mar, 1900
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Sines

- 019.** A Calheta de Sines e o novo molhe e cais de pescado, 1900
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Sines
- 020.** Chegada da Faina, puxando a embarcação para terra, 1900
Fotografia de F. Bruno
- 021.** Baía de Sines com barcos fundeados a entrar e a sair da Calheta, 1920
Fotografia de F. Bruno
- 022.** Baía de Sines com barcos a vapor no início da exportação da cortiça, 1920
Fotografia de F. Bruno
- 023.** Marcelo Caetano a inaugurar os trabalhos do complexo industrial, 1970
Fotografia de autor desconhecido
- 024.** Sines, fotografia aérea. IGeoE - Instituto Geográfico do Exército
/n Centro de Informação Geoespacial do Exército 1940
- 025.** Sines, fotografia aérea Google Maps, 2004
- 026.** Esquema territorial da cidade de Sines em 1960
Ilustração nossa, 2016
- 027.** Esquema territorial da cidade de Sines em 2011
Ilustração nossa, 2016
- 028.** Fotografia aérea de Sines antes do Complexo Portuário, 1968
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Sines
- 029.** Fotografia aérea da construção do Terminal de granéis líquidos, 1975
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Sines
- 030.** Fotografia aérea do Terminal de granéis líquidos, 2011
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Sines
- 031.** Aterro conquistado ao mar e zona portuária representados a vermelho
Ilustração do autor, 2016
- 032.** O Lugar da Ribeira, área de intervenção, Fotografia aérea Google Earth
Ilustração do autor, 2016
- 033.** Pormenor da planta, Costa e planta da villa de Sines, Leonardo Turriano, 1602
/n Instituto dos Arquivos Nacionais, torre do tombo, Casa Cadaval, livro 29, fl.60
- 034.** Planta da calheta em Mayor forma, Leonardo Turriano, 1602
/n Instituto dos Arquivos Nacionais, torre do tombo, Casa Cadaval, livro 29, fl.62
- 035.** Perfil da calheta em Mayor forma, Leonardo Turriano, 1602
/n Instituto dos Arquivos Nacionais, torre do tombo, Casa Cadaval, livro 29, fl.64
- 036.** Traça da Calheta em Mayor forma (...), Alexandre Massai, 1621
/n Museu da Cidade, códice Descrição do Reino de Portugal e do Algarve, Segundo Tratado, fl.69
- 037.** Pormenor da planta, planta da Calheta da Villa de Sines, Alexandre Massai, 1617
/n Instituto dos Arquivos Nacionais, torre do tombo, Casa Cadaval, livro 29, fl.70
- 038.** Planta do Porto de Sines, projecto de Barcellos Machado, Pedro Caldeiras e John Clark
/n Loureiro, Adolfo - Os Portos Marítimos de Portugal. Lisboa: Imprensa Nacional, 1909. Vol. IV
- 039.** Porto de Sines, projecto de Oliveira Bello
/n Loureiro, Adolfo - Os Portos Marítimos de Portugal. Lisboa: Imprensa Nacional, 1909. Vol. IV

- 040.** A Calheta de Sines e as Lóguas da Ribeira, vistas do mar, 1900
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Sines
- 041.** A Calheta de Sines e o novo molhe e cais de pescada, 1900
Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Sines
- 042.** A Calheta de Sines e os barcos de pesca que aqui se abrigam, 1950
Fotografia cedida por João Marcelino
- 043.** Vista aérea da zona da Ribeira e da Propriedade Pidwell, 1955
Fotografia de autor desconhecido
- 044.** A Ribeira, durante o carregamento e exportação de cortiça, 1950
Fotografia cedida por Eliseu Aguiar
- 045.** A Ribeira e a Calheta de Sines, antes da construção da marginal, 1960
Fotografia de autor desconhecido
- 046.** A Ribeira e a nova marginal que vem quebrar a relação com a margem, 2016
Fotografia do autor
- 047.** A Calheta de Sines com barcos de pesca protegidos pelo Revelim, 1950
Fotografia de autor desconhecido
- 048.** A Calheta e o “fosso” criado pela implantação da marginal, 2016
Fotografia do autor
- 049.** Sines, fotografia aérea. IGeoE - Instituto Geográfico do Exército
In Centro de Informação Geoespacial do Exército 1940
- 050.** Evolução da zona de intervenção, Antes e depois dos anos 70
Ilustração nossa, 2016
- 051.** António Domingos Catarino, pescador e armador típico de Sines
In Jornal Redes do Tempo. Sines, primeira edição. Vol. I
- 052.** A Calheta -Na hora da lota, local de encontro entre a comunidade, 1940
Fotografia cedida por António Correia
- 053.** Homens do Mar remendando as redes junto da Calheta, 1960
Fotografia cedida por Lena Abenta
- 054.** Hora da lota, onde o peixe é vendido sobre o areal, 1960
Fotografia de Ana maria Lopes
- 055.** Remendando as redes no novo cais de abastecimento, 1960
Fotografia do Diário do Alentejo
- 056.** O caminho para a Ribeira de Cima entre dois muros de pedra
Fotografia do autor, 2016
- 057.** A Ribeira de Cima e a antiga cerca da fábrica de cortiça
Fotografia do autor, 2016
- 058.** Palácio Pidwell abandonado que surge entre a vegetação
Fotografia do autor, 2016
- 059.** Forte do Revelim sobre a paisagem e o mar
Fotografia do autor, 2016
- 060.** A paisagem para poente, o horizonte do Oceano Atlântico
Fotografia do autor, 2016

- 061.** A paisagem para sudoeste, a baía e o toque com o mar
Fotografia do autor, 2016
- 062.** A chegada à Calheta por cima pelo Caminho do Forte
Fotografia do autor, 2016
- 063.** Lógeas da Ribeira, alçado este, fotografia com drone
ARCHC-3D, FA-ULISBOA, 2016
- 064.** Lógeas da Ribeira, alçado sul, fotografia com drone
ARCHC-3D, FA-ULISBOA, 2016
- 065.** Armazém Principal, piso térreo com cobertura abobadada
Fotografia do autor, 2016
- 066.** Armazém Principal, quarto e último piso
Fotografia do autor, 2016
- 067.** Armazém a norte, piso inferior
Fotografia do autor, 2016
- 068.** Armazém a norte, piso superior
Fotografia do autor, 2016
- 069.** Porto de Pesca, fotografia aérea Google Earth
Ilustração do autor, 2016
- 070.** Caís de abastecimento e o molhe do novo Porto de Pesca, 1990
Fotografia de autor desconhecido
- 071.** Rampa de Varadouro com barcos atracados
Fotografia do autor, 2016
- 072.** O que se Mantem e o que se Anula, planta de área de intervenção
Ilustração do autor, 2016
- 073.** Caís do Museu do Mar na Galiza, com barco de pesca
Fotografia de Lalo R. Vilar, 2016
- 074.** Vista dos tanques da Piscina das Marés em Leça da Palmeira
Fotografia de Thorsten Hümpel, 2004
- 075.** Caís entre o Museu, o Aquário e o Farol que se estende sobre o mar
Fotografia de Sérgio Portela, 2005
- 076.** Chegada à Piscina das marés antes do acesso à rampa
Fotografia de Thorsten Hümpel, 2004
- 077.** Desenho do projecto para a Praça Gonçalves Zarco no Porto, 1990
/n E. Gustavo Gili De cosas urbanas. Barcelona, 2008. Pag. 44
- 078.** Casa das Mudas
Fotografia de Fernando Guerra, 2011
- 079.** Museu das Ciências em Coimbra
Fotografia de Daniel Malhao, 2006
- 080.** Centro de Artes Visuais de Coimbra
Fotografia de Paulo Simões, 2004
- 081.** Caís de pescado e lota proposta
Ilustração do autor, 2016

082. Caís de abastecimento e tugúrios propostos
Ilustração do autor, 2016

083. Sines, fotografia aérea. IGeoE - Instituto Geográfico do Exército
In Centro de Informação Geoespacial do Exército 1940. Cerca antiga

084. Edifício rótula proposto
Ilustração do autor, 2016

085. Edifício rótula proposto, Axonometria
Ilustração do autor, 2016

086. O túnel sob a Marginal e o novo construído na passagem
Ilustração do autor, 2016

087. As Lógias da Ribeira e o rasgo proposto na fachada do Armazém pequeno
Ilustração do autor, 2016

088. Armazém pequeno, piso superior
Ilustração do autor, 2016

089. Armazém pequeno, piso inferior e Armazém principal último piso
Ilustração do autor, 2016

090. Armazém principal, segundo piso
Ilustração do autor, 2016

091. Armazém principal, primeiro piso
Ilustração do autor, 2016

092. Armazém principal, primeiro térreo
Ilustração do autor, 2016

CAPÍTULO I
INTRODUÇÃO

1.1. ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS

As frentes de água como lugares de permanência por resultado das atividades agrícolas e piscatórias, por motivos comerciais, industriais e de defesa impulsionaram o próprio desenvolvimento das cidades portuárias, concedendo-lhes a sua identidade. Sines como território de análise é um destes casos, afirmando-se como um lugar singular na costa, composto por uma baía natural com bons fundos e protegida dos ventos, estabeleceu as condições necessárias ao seu desenvolvimento enquanto cidade-porto e cidade-porto-indústria. Nos últimos 50 anos foi sujeito a profundas transformações provocadas pelo advento da indústria portuária. A nova visão de cidade, marcada pela introdução de infraestruturas nas frentes de água e por consecutivas conquistas ao mar, vem proporcionar a rotura entre a cidade e a margem.

Deste Modo, Sines vive atualmente sobre um território antagónico, por um lado marcado pelo “polo de crescimento” do complexo industrial e portuário sobre um papel económico e por outro, marcado por um lugar de culturas e tradições, sobre uma história, património e comunidade que vive da relação com o mar. Num momento em que a cidade necessita de reafirmar a sua identidade e redesenhar o seu *terminus*, os lugares à margem de Sines surgem como uma oportunidade de intervenção.

Hoje, surge a necessidade de repensar e reabilitar as relações entre a cidade e a frente de mar, de forma a promover o regresso à margem. As estruturas de cariz industrial, desafetos de funções e desarticulados do tecido urbano, constituem oportunidades de reabilitação e conversão, procurando a sua reintegração na urbe e na vida da comunidade. Deste modo, o trabalho tendo como objeto de estudo o Lugar da Ribeira no extremo poente de Sines, onde se insere a antiga Calheta e o atual Porto de Pesca, cria a oportunidade para refletir sobre essa relação. Neste sentido, pretende-se analisar os valores, potencialidades e qualidades das estruturas pré-existentes e perceber a sua capacidade de revitalizar o núcleo urbano. A Calheta de Sines, “porta de mar” e as suas Lógeas do século XVII, constituem uma oportunidade para discutir a reabilitação do património.

Através de uma abordagem teórica e de uma descoberta pela prática de projeto, pretende-se evidenciar e defender os motivos que fazem deste objeto de análise um lugar pertinente para intervir. Pretende-se ainda que este trabalho por meio da disciplina de arquitetura seja capaz de compatibilizar uma nova realidade funcional, com a identidade do lugar, concebendo novos conteúdos e funções capazes de perdurar no tempo.

1.2. MÉTODO

O processo de trabalho numa primeira instância, através de uma extensa pesquisa bibliográfica, alcançou o conhecimento dos conceitos e temas referentes ao objeto de estudo, encarando-o sempre como sendo o elemento que determina o método e a partir do qual se colocaram as questões inerentes ao trabalho.

Pretendeu-se através de uma leitura histórica, formal, sociológica e fenomenológica atingir um profundo conhecimento do território em questão, perceber as perspectivas da existência, do sentido e identidade do lugar, de forma a compreender as suas valências e necessidades. A leitura do território foi formalizada através da pesquisa de cartografia, iconografia e bibliografia, acompanhadas com visitas ao sítio, apontamentos e levantamentos fotográficos. Na procura de um maior entendimento relativamente ao lugar, foi estabelecido o contacto com algumas entidades e intervenientes que se revelaram úteis no acompanhamento desta abordagem, tais como o arquivo do Centro de Artes de Sines e a Câmara Municipal de Sines. Para além da análise sobre o Território e o Lugar particular de Sines foram também estudadas algumas referências relevantes que abordam questões semelhantes e soluções idênticas ao trabalho proposto.

O exercício de projeto caminhou lado a lado com o processo teórico de investigação, sendo o exercício, pela prática da arquitetura composto por levantamento do existente, utilização de processos gráficos e modelos tridimensionais, com a finalidade de explorar, as relações e perceções inerentes ao desenvolvimento da proposta. Neste sentido procurou do mesmo modo que o projeto fosse capaz de responder às questões de representação e argumentação gráfica necessárias à clareza do exercício, por último realizou-se uma avaliação crítica do trabalho a par com a formulação das conclusões.

1.3. ESTRUTURA

O conteúdo do trabalho organiza-se em seis capítulos estruturantes. Retirando o primeiro e o último, nomeadamente *INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS*, os capítulos centrais constituem o corpo do trabalho onde se pretende abordar o objeto de estudo em diferentes escalas, desde a leitura extensa do território até às componentes do detalhe de projeto.

O primeiro capítulo introdutório expõe o tema a tratar e as questões refletivas apresentadas, juntamente com os objetivos que se pretendem atingir no seu desenvolvimento, como suporte de fundamentação da solução projetual.

O segundo capítulo, *O TERRITÓRIO*, incide numa primeira instância sobre as características geográficas do cabo e da baía de Sines salientando as componentes naturais, as paisagens e ambiências singulares. Seguidamente, procura debruçar-se sobre a identidade do território através de uma contextualização histórica direcionada para a compreensão e entendimento do território e da sua identidade, servindo como instrumento útil para a proposta apresentada.

O terceiro capítulo, *O LUGAR*, é dividido em três leituras. A primeira incide sobre a leitura histórica onde se pretende compreender o valor do Lugar e do seu património; a segunda sobre as componentes formais que a paisagem e edificado apresentam na relação com o lugar atualmente; a terceira sobre características sociais e antropológicas da comunidade de pescadores na sua relação com o mar.

No quarto capítulo, *A PROPOSTA*, expõe-se as intenções a desenvolver para a intervenção no Lugar da Ribeira; a reflexão do que se mantém e do que se anula na relação entre as pré-existências e a nova arquitetura; o programa proposto e soluções de referência que ajudem a moldar a conceção do projeto.

O quinto capítulo, *O PROJETO* aborda apenas as questões inerentes ao ato projetual, em resposta a todas as problemáticas levantadas no decorrer do trabalho, dividindo-se nas três componentes protagonistas que constituem o conjunto.

No sexto capítulo, seguem-se as *CONSIDERAÇÕES FINAIS*, e por último os anexos onde se materializam as várias reflexões do desenvolvimento do trabalho.

CAPÍTULO II

O TERRITÓRIO

Banha o dilatado Oceano a parte mais Ocidental da Província do Alentejo, que estende a sua costa desde o istmo, ou península de Tróia (...) Até ao cabo de S. Vicente, ou Promontório Sacro (...) Haverá vinte e cinco léguas, que se dilatam em praias, baías, rochedos, restingas, e cabos. No meio desta mesma distância está a antiga, e célebre Vila de Sines.¹

1. LÓPES, Francisco Luiz – *Breve Notícia de Sines, Patria de Vasco da Gama*. 1850, p.9

2.1. A SINGULARIDADE DE SINES

Onde a terra se acaba e o mar começa. O mar é o mais poderoso factor de relações geográficas remotas. Caminho aberto para todos os lugares do mundo, (...) Mas ele marca também o fim da terra habitada (...) Muito antes que a vista dê a noção de promontório, vai-se fazendo sentir o isolamento da finisterra. O ar carrega-se de humidade; no solo, varrido por ventos impetuosos, a vegetação rarefaz-se em tufos esparsos cosidos com o chão.²



2. RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 2011, p.143

001. Sines, fotografia aérea GeoE
Instituto Geográfico do Exército
Centro de Informação Geoespacial do
Exército 1940

Geograficamente localizado no sul do País destaca-se no litoral alentejano pela sua qualidade de *finis terrae* ³, sendo no recorte litoral o mais notável acidente entre Setúbal e o Cabo de São Vicente. O Promontório que invade o mar a norte e o abrigo natural formado na baía a sul tornam este território num lugar de características excepcionais.

O recorte da costa mostra muitas irregularidades e saliências, contudo numa costa sensivelmente retilínea, a maior proeminência corresponde à formação vulcânica de Sines, que emerge entre as rochas eruptivas e entra pelo mar dentro, marcando o extremo Ocidente do Alentejo.

O território assenta no Antigo Maciço e na plataforma litoral que se estende ao longo da costa ocidental, desde o estuário do Sado até ao Cabo de São Vicente, com mais de 150 km de comprimento, limitada a este pelas serras e a oeste pelo Oceano Atlântico.

O Maciço intrusivo⁴ de Sines é constituído por um conjunto de rochas de natureza magmática e tectónica, semelhantes às de Sintra e Monchique, onde se destaca a presença de gabros, dioritos e sienitos, juntamente com uma grande quantidade de filões distribuídos entre a Praia da Lagoa a norte até a Praia de São Torpes a sul.

A paisagem deste território é concedida pelas terras baixas da planície litoral alentejana, com relevos suaves para o interior, sendo uma região de bacias fluviais deprimidas, de planuras e promontórios habitados que avançam pelo mar dentro. Este panorama possibilita intensos contrastes entre o planalto e o mar, entre a terra e o céu, entre as ações do Homem e a natureza, sendo um testemunho vivo da história deste território.

*Paisagem pode ser entendida como um grupo de marcas deixadas no território por diversas comunidades que o compartilham, enquanto suporte individual ou colectivo de sobrevivência, sobrepostas às marcas da génese do próprio território e às deixadas pelas transformações a que é alheia a comunidade viva.*⁵



002. Cabo de Sines, séc. XX.

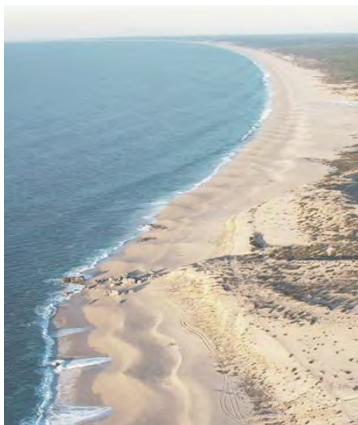
Câmara Municipal de Sines

003. O Mar de Sines, 2016

3. Finis Terrae – Origem do latim significa o fim da terra, o fim do Mundo e o Extremo Ocidente.

4. Maciço intrusivo – Grande massa eruptiva compacta

5. PROAP, *lost competi-tions*. Lisboa, Peres Soc-Tip, 2011



004. Eixo litoral Sines-Setúbal
Autor e data desconhecidos

005. Serra do Cercal
Autores e data desconhecido

006. Forte do Pessegueiro. Porto Covo.
Pedro Ferreira, data desconhecida

A norte de Sines a paisagem é marcada pelo arco litoral de 65 km, que se estende entre o Cabo de Sines e o estuário do Sado, uma faixa litoral de praia arenosa contínua, envolvida por sistemas de dunas e arribas descontínuas, onde se destacam os sistemas de lagoas da Ribeira dos Moinhos, Sancha, Santo André e Melides.

A este, para o interior do continente a planície litoral é delimitada pelos relevos de origem tectónica da Serra de Grândola bem como por extensões da Serra do Cercal. A partir deste remate brusco a plataforma litoral inclina-se suavemente até ao mar, acompanhada pelas ribeiras mais importantes, a ribeira dos Moinhos a norte, a ribeira da Junqueira e a ribeira de Morgavel a sul, que confluem até ao Oceano.

A sul o corredor de São Torpes a Sagres caracteriza-se pela linha de costa formada por arribas e praias intercaladas, estas atacadas furiosamente pelas vagas resultando em desmoronamentos, agulhas e por vezes ilhéus. Nesta faixa litoral, destaca-se a Ilha do Pessegueiro, separado da terra pelo inevitável avanço do mar e ainda os sistemas dunares consolidados pelo vento, cascalheiras de antigas praias e terraços que vão ganhando maior altura ao longo do percurso para sul.

O clima é de um *Portugal mediterrâneo por natureza, atlântico por posição*.⁶ Tal como defendido por Orlando Ribeiro, atuando de forma ativa sobre os elementos da paisagem. Nesta região de características únicas, é de salientar o manto vegetal e os sistemas arbóreos que emergem entre a diversidade das paisagens. Uns exprimem biótipos como praias, sistemas dunares e arribas influenciados pela proximidade com o oceano, outros exprimem a forte influência do clima mediterrâneo e da transformação humana do solo.

6. Expressão utilizada por Pequito Rebelo em *A Terra Portuguesa*, 1929 e defendida por Orlando Ribeiro em *Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico*, 2011, p.143

Na planície começa a despontar toda a flora das charnecas e dos areais: rosmaninho, tomilho, murta, camarinheiras, urzes e cardos. Os álamos da estrada, branca e deserta, vão rareando à medida que nos aproximamos, e que o mar cintila na frente, à direita e à esquerda, como cingindo num apertado abraço a vila, que se avista lá no fim, junto das ondas, coroado pelas velas dos moinhos, guardada pelo elegante farol.⁷

No planalto litoral, por cima das arribas, a flora rasteira da enseada prolonga-se para o interior, resultando em matas e bosques de maior altura. A norte surgem matos de solo arenoso, carrascais, acaciais, e silvados estes pontuados por árvores sendo o pinheiro bravo, a árvore que melhor desabrocha neste território. Por toda a região se alastram densos pinhais que se estendem até aos rochedos e arribas sobre o mar.

Para o interior e para sul, despertam os cheiros da paisagem mediterrânea, a azinheira, a esteva, o carrasco, o eucalipto, o sobreiro e por vezes o olival que se estendem sobre os montados e sequeiras, onde se vão cozendo com os mosaicos agrícolas e pequenas parcelas rurais de cultivos hortícolas e casas de taipa. No meio deste horizonte rural, o território volta às origens do Alentejo, num tom mediterrâneo genuíno.



007. Dunas.
Emmerico Nunes, século XX
Óleo sobre madeira
Museu de Sines, inv. MS 1

7. CAMPOS, Cláudia – *Sines*. In
Índia. Número único, 1898, p.14

2.2. A IDENTIDADE DE SINES

*Sines parece vir de Sinus, seio ou enseada. E com efeito, de Setúbal ao Promontório Sacro, é ela a única que abre, sem dependência de maré, a sua meia-lua de asilo às embarcações, que dela precisam. (...) O arco da enseada é formado por uma curva de rochas, que do pontal, extremidade sul, corre circulando até á ribeira, extremidade norte (...) As suas vertentes são desiguaes. N'uns sítios são ribas, alcantis; n'outros ladeiras e encostas, mais ou menos disfarçadas, mais ou menos fragosas e ingremes.*⁸



8. LÓPES, Francisco Luiz – *Breve Notícia de Sines, Patria de Vasco da Gama*. 1850, p.30

008. A Villa de Sinnes.
Alexandre Massai, 1613
A.N.T.T., códice da Casa Cadaval, n.º 29, fl. 66

Um Porto de Abrigo

A baía de Sines, situada a sul do estuário do Sado e a norte do rio Mira é abençoada pela natureza, com uma enseada abrigada dos ventos com bons fundos capazes de acolher embarcações e uma arribo facilitadora da defesa. Situada num ponto singular, de rara exceção em toda a costa litoral foi ao longo da história um lugar propício para o homem se instalar.

A presença humana na baía de Sines, da qual existem inúmeros vestígios arqueológicos, remete à Pré-História e mais tarde ao período romano, no qual encontraram nesta baía, um local adequado para a entrada e ancoragem de barcos, condição necessária para o comércio com as vilas envolventes, sobretudo com Miróbriga (Santiago do Cacém), da qual Sines era a porta de entrada e saída nas ligações comerciais marítimas com o exterior. *Sinus Romana*, já era um porto comercial e industrial, onde a pesca, a indústria da salga e as produções agrícolas das aldeias vizinhas desempenhavam um papel importante nas trocas comerciais e exportações com o exterior. A baía de Sines, juntamente com a ilha do Pessegueiro tornaram-se assim num ponto frequente de paragem.

O fim do império Romano no século V levou a instalação de outros povos na Hispânia, dos quais se distinguem em Sines os Visigodos e mais tarde os Muçulmanos. No período Visigótico, Sines pela sua singularidade era considerado lugar sagrado, propício a cultos e rituais sobre o Oceano, onde existem testemunhos de algumas igrejas e ermidas que provinham de Santuários pluriconfessionais. Contudo, estes são desocupados pelos muçulmanos, que durante cinco séculos do seu jugo introduzem em Sines novas técnicas agrícolas e erguem das ermidas, novos templos, deixando um testemunho cultural, natural e arquitetónico na qual ainda hoje se faz sentir a sua influência.



009. Cerâmica do “Bronze do Sudoeste” da necrópole de Provença, Sines, Pré-História. Autor e data desconhecidos

010. Colares da Civilização Fenícia. Tesouro do Gaio - séc. VII a.C., Proto-História Autor e data desconhecidos.

011. Pormenor de ara funerária, Época Romana, Mármore de Trigaches, Museu de Sines.

Na reconquista do território, só no reinado de D. Afonso III, em 1248, Sines é definitivamente integrada no reino, formando parte do Conselho de Santiago do Cacém e doado à Ordem Militar de Santiago de Espada. A aldeia de Sines, cada vez mais marcada pelas atividades piscatórias e comerciais, juntamente com um aumento da produtividade agrícola, leva ao esperado crescimento da população. Os “*homens bons*” da terra solicitam ao rei D. Pedro I, a autonomia de Santiago do Cacém, justificando com o argumento que construiriam uma muralha defensiva na nova vila, de proteção contra os perigos vindos do mar.

*Dom Pedro, pella Graça de Deus, Rey de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem, faço saber que os homeens boons de Sines me enviaron dizer que se fosse minha mercee de os fazer isentos de sugeiçom a Santiago do Cacem, cuja aldea era e que fosse villa per sy, que elles se queriam cercar e fazer aquelle muro que ora hi <he> compeçado per sy.*⁹

Atendendo ao pedido, D. Pedro determinou, por carta de lei de 24 de novembro de 1362, que Sines passasse à categoria de vila. A delimitação do novo concelho, com uma área de cerca de 630 km², ia desde a ribeira de Sancha a norte, até à foz do rio Mira a sul, prolongando-se para o interior incluindo os territórios do Cercal e Colos (Odemira).

O concelho mantém-se intacto durante mais de um século, até à desconexão de Vila Nova de Milfontes e de Colos (Odemira), resultante do novo Foral de D. Manuel, ficando assim delimitado e redefinido o novo termo de Sines. O termo ficou reduzido à faixa litoral entre a ribeira da Sancha e o barranco do Queimado, acabando por se tornar numa pequena vila administrativa com 200 km², mas valiosa na sua relação com o território e com mar.

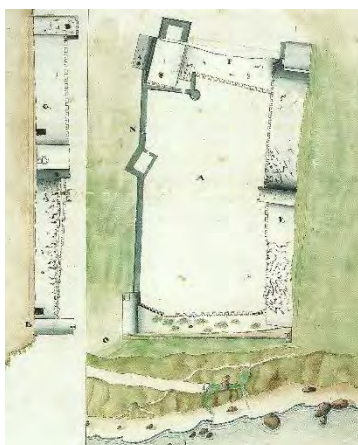
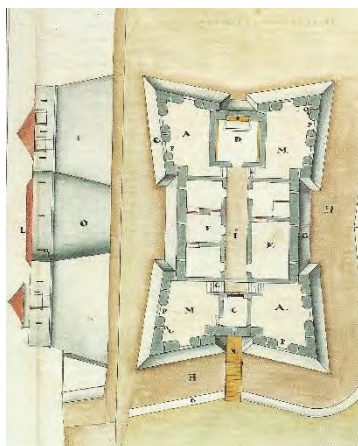
O século XV marca um período relevante de Sines e de toda a nação. Vasco da Gama nasce em 1468 em Sines, filho de Estevão da Gama, alcaide-mor de Sines e Mestre da Ordem de Santiago, é também posteriormente filiado na ordem. As competências de navegador que Vasco da Gama adquire ao longo do tempo, são reconhecidas pelo rei, que em 1492 o incube de chefiar a expedição da descoberta da rota marítima para a Índia, abrindo o comércio europeu das trocas comerciais. A abertura do comércio europeu e a fundação e autonomização da nova vila de Sines, promove um crescimento significativo deste território, onde a pesca, o comércio marítimo e a produção agrícola depressa atraem populações e contribuem para a construção e desenvolvimento da Vila.

9. Arquivos Nacionais Torre do Tombo, Chancelarias Reais, D. Pedro I, fl. 76r. Publicação Chancelarias Medievais Portuguesas. D. Pedro, p. 323, n.º 705.



012. Cantino planisphere.
Rota da expedição de Vasco da Gama
Autor desconhecido
013. V,ª DE SINES.
Alexandre Massai
M.C., códice Descrição (...) Segundo
Tratado, fl.68.





014. Forte (...) na Ilha do Pessegueiro (...) Alexandre Massai
M.C., códice Descrição (...) Segundo Tratado, fl.65.
015. Castello de Sines.
Alexandre Massai
M.C., códice Descrição (...) Segundo Tratado, fl.71.

*Os mares que num tempo foram um elo de ligação, foram, noutros, a ameaça donde vinham as investidas dos corsários e povos invasores. As mesmas margens, às vezes praias, enseadas, espaços abertos, já tiveram também muralhas, fortes, atalaias, já foram barreiras defensivas de cidades-fortaleza.*¹⁰

Nesta época, o mar era também uma fonte de perigos e adversidades, exercendo um duplo efeito de atração / recusa, por um lado era a partir dele que se exercia a pesca e fomentava o comércio marítimo, por outro lado era de onde surgiam os perigos e ameaças corsárias. O ataque a navios e vilas costeiras, por parte de corsários turcos e argelinos posteriormente e a falta de uma frota eficaz obrigou à implementação de uma defesa passiva, assente na fortificação, coordenada com postos de vigia fixos e rondas móveis.

*A vila e o seu termo vigiam-se em seis postos: O primeiro, é defronte da ilha do Pessegueiro; o segundo, na praia da Junqueira (...) o terceiro, na ermida de São Geraldo (...) o quarto, é na ermida de N.^a Sr.^a das Salas donde se vigia o porto, o surgidouro, a calheta e o Norte da vila; o quinto, num local que se diz «O Castelo» (...) o sexto, está num ponto que se diz «a Enxovia», quase uma légua distante da vila.*¹¹

Neste período Sines vai conhecer as primeiras intervenções militares e portuárias de grande importância para o desenvolvimento e consolidação da vila, pelas mãos dos engenheiros militares, Filipe Terzi, Leonardo Turriano e Alexandre Massai. Destes projetos destaca-se o Forte do Pessegueiro, o Fortim da Ilha do Pessegueiro, a reconstrução do Castelo de Sines e na área de intervenção a Calheta e posteriormente o Forte do Revelim. Estas fortificações apesar de muitas delas não serem terminadas contribuíram para o desenvolvimento e crescimento da cidade de Sines, na sua relação mais segura e produtiva com o mar.

10. PORTAS, Nuno – *Água, Cidades e Frentes de Água*. 1998, p.6

11. GUEDES, Lívio – *Aspectos do Reino de Portugal nos Sécs. XVI e XVII, a "descrição" de Alexandre Massai* (1961): II Tratado. Separata do 58.^o volume do Boletim do Arquivo Histórico Militar. 1989, p.117

A Vila e o Termo

A vila de Sines nasceu sobre a arriba e o porto sobre a enseada, sobre o planalto alto e ingreme do litoral, Sines ocupa um lugar estratégico segundo a lógica da escolha de sítios naturalmente defensivos. É no cimo desta escarpa amuralhada que se estende a vila de oeste para este, sempre a olhar a baía. As plantas da vila do início do século XVII, demonstram o seu planeamento tardo-medieval, onde a malha urbana estende-se de nascente para poente, marcada por arruamentos geométricos com quarteirões longos e estreitos. O traçado regular da vila, sobre uma matriz medieval, comprova a necessidade da rápida colonização e aproveitamento na distribuição e parcelamento do território.

*Sines divide-se nominalmente em três partes. A central, Villa propriamente dita: extremidade leste, Aldêa dos Cucos: extremidade oeste, Ribeira, ou senhora das Sallas.*¹²

A vila na sua morfologia apresenta uma malha urbana marcada pela Rua Direita, o eixo central e estruturante, que influenciou na hierarquização das suas ruas paralelas, no sentido nascente-poente. A Rua Direita seria o eixo gerador, económico e social da vila, onde se encontravam os mais importantes estabelecimentos comerciais e se davam os principais encontros e relacionamentos entre os vizinhos.

A rua da Praça no sentido norte-sul é outro eixo estruturante da cidade que se foi “cozendo” com as ruas perpendiculares, criando dois espaços importantes, a Praça Municipal e a “Praça” religiosa localizada junto do Castelo que, para norte estendia-se às áreas periféricas e agrícolas e para sul, descia o alcantilado inclinado até à praia grande. No centro da vila, a Praça, o Castelo e a igreja matriz eram os edifícios mais notáveis, pela arquitetura e dimensão, e pelas funções e simbologias que representavam.

*A extremidade leste da Villa, ou a Aldêa dos Cucos (...) é a cauda de Sines composta quasi toda de casinholas de taipa, e onde nada há de notável senão dous estabelecimentos de cortiça.*¹³

A chamada Aldeia dos Cucos, no extremo este da vila, na qual se destaca o Terreiro e a Rua do Bombarral, corresponde a uma zona de construção mais tardia e socialmente mais pobre da vila, caracterizada por uma malha periférica pouco consolidada e de forte influência rural.

12. LÓPES, Francisco Luiz – *Breve Notícia de Sines, Patria de Vasco da Gama*. 1850, p.35

13. Idem, p.38

Acompanhando a Rua Direita para poente, paralelamente ao mar chega-se à zona da Ribeira, o extremo poente da vila que se estende sobre o mar, onde se situava a vida marítima de Sines. Esta é sobretudo marcada pela Calheta, o porto seguro que abriga as embarcações e que serve de porta para o comércio marítimo com o exterior, sendo o elemento articulador entre a cidade e o mar. Este lugar é ainda marcado, pelo Forte do Revelim, bairro dos pescadores e pela Ermida da Nossa Senhora das Salas, tradicional lugar de devoção e antigo santuário marítimo mandado reconstruir por Vasco da Gama.



016. Carta da Costa de Sines. 1790
Autor desconhecido

IGP, CA 282
017. Planta da Villa de Sines. 1790
João Gabriel Dechermont
IGP, CA 415

Da Cidade-Porto à Cidade-Porto-Indústria

A cidade de Sines cresceu sempre a partir da sua relação com o mar, sendo nesta relação vital entre a cidade e o porto que assenta a sua identidade até aos dias de hoje. A pesca apesar de uma atividade subsidiária em relação à agricultura, depressa se tornou num dos principais meios de subsistência de uma classe de pescadores numerosa e bastante individualizada na sociedade Siniense. A atividade piscatória e o comércio marítimo contribuíram desde cedo para o desenvolvimento de Sines enquanto cidade-porto.

*Da Nazaré para o Sul, a costa é de arribas e os portos de pesca mais importantes recolhem-se ao abrigo das baías voltadas ao sul e protegidas por promontórios calcários (...) a Nazaré, Peniche, Cascais, Sesimbra, Sines pertencem ao mesmo tipo.*¹⁴

Sines é essencialmente um povo de marítimos que através das suas armações já de dimensão empresarial, retiravam do mar, rico em sardinha, cavala e atum, o seu sustento, juntamente com outras armações de Setúbal, contribuindo assim para o grande desenvolvimento do sector pesqueiro da região.

Localizado num ponto estratégico, tornou-se num dos principais portos comerciais do litoral de Portugal. O seu *hinterland*¹⁵, era constituído pelo termo de Sines, Santiago do Cacém, alargando-se também às cidades vizinhas como Campo de Ourique, Cercal e Colos (Odemira). Destas regiões provinham produtos como trigo, vinho, cortiça e carvão, sendo no século XVIII, as vinhas e o mar os principais meios de subsistência.

Quanto ao *foreland*¹⁶, os principais destinos das mercadorias, eram Lisboa, Setúbal, o Norte da Europa e Andaluzia. Ao longo dos tempos, Sines sempre esteve virado para o exterior, por via marítima, variando os seus destinos e parceiros comerciais, conforme as mercadorias comercializadas.

Sines enquanto cidade-porto comercial assim se manteve até ao século XX, marcada pela instalação de pequenas indústrias corticeiras e conserveiras, desenvolvendo-se e adaptando-se às necessidades de cada época. A cidade cresceu, a população aumentou e o trabalho repartia-se entre a pesca, pequenas indústrias e a agricultura.



018. Sines, Baía ao pôr do Sol.
Câmara Municipal de Sines, 1900

019. A Calheta de Sines.
Câmara Municipal de Sines, 1900

14. RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 2011, p. 176

15. o termo *hinterland* significa “terra de trás”. Trata-se de uma zona geográfica servida por um porto, segundo uma rede de transportes, onde são importadas ou exportadas mercadorias.

16. o termo *foreland* significa o oposto, “terra de fora”, de onde são importadas ou exportadas mercadorias.



020. Chegada da Faina.
F. Bruno, 1900

021. Baía de Sines com barcos
fundeados. F. Bruno, 1920

022. Baía de Sines com barcos
fundeados. F. Bruno, 1920

A Cidade que Vem

*Chegaram as máquinas para talhar a cidade que vem
das águas cresce a obra do homem, ouve-se um lento grito
d'espuma e suor
na memória ficaram os sinais dos bosques ceifados, as dunas
desfeitas e algumas casas abandonadas
estenderam-se tubos prateados, onde escorre o negro líquido
levantaram-se imensas chaminés, serpenteiam auto-estradas na
paisagem irreconhecível do teu rosto
onde estão as tâmaras maduras de tuas palmeiras?
e o perfume intenso das flores debruçando-se ao sol?
que murmúrio terão as pedras do teu silêncio?
a memória é hoje uma ferida onde lateja a pedra do homem, hirta
como uma sombra num sonho
e as aves? quando aperta a temperatura... migraram com eu?
aonde caminhas, Doce Moura Encantada?
ouço o ciliar dos canaviais dentro do sono, adivinho teu caminhar
de beijos no rumor das águas
tuas mãos de neve recolhem conchas, estrelas secretas, luas
incendiadas... que o mar esconde na respiração das marés
estremecem-me nas mãos os insectos cortantes do medo, em meu
peito doído ergue-se esta raiva dos mares-de-leva.*

Al Berto MAR-DE-LEVA, 1976



023. Marcelo Caetano a inaugurar os trabalhos do complexo industrial. Autor desconhecido, década de 70

17. PORTAS, Nuno – *Água, Cidades e Frentes de Água*. 1998, p.7

Nos anos 70, segundo uma retórica de expansão e modernidade, Sines foi alvo da transformação mais violenta deste território, pela indústria. Aproveitando a fase de expansão e modernização vivida em todo o mundo Ocidental, o governo de Marcello Caetano encontra em Sines a oportunidade para criar um grande complexo industrial e portuário. A escolha deve-se sobretudo por ocupar uma posição estratégica no litoral de Portugal, com um porto com bons fundos, ideal para atracar navios de grandes calados. Estando localizado no cruzamento das principais rotas europeias dispõem das condições necessárias para atrair o tráfego comercial e efetuar a redistribuição para a Europa, surge assim juntamente com o porto de Lisboa e Leixões, como um dos principais portos nacionais.

O complexo industrial e portuário tem como objetivo dotar Portugal da autonomia em sectores fundamentais como a energia e a transformação de matérias-primas. Este pretende gerar uma dinâmica de desenvolvimento integrado, a partir das facilidades criadas pelas infraestruturas instaladas e pela atração de novas atividades empresariais associadas às indústrias locais, de modo a impulsionar o desenvolvimento regional.

A chegada do comboio ou o ronco dos motores; a azáfama das fábricas que ali mesmo, transformavam matérias-primas ou produziam energia. Entretanto, a “outra” cidade que se separava, empurrada pela necessidade de expansão; os novos complexos portuários e industriais, vedados por vias, muros ou pilhas de contentores, afastados por aterros que avançavam sobre a água.¹⁷

A implementação do complexo industrial causou um grande impacto na paisagem, no ambiente e na sociedade. De um território predominantemente rural, com reduzidas marcas da intervenção do homem passou-se para um território completamente reconfigurado pela indústria. A implementação de infraestruturas, a abertura da pedreira a céu aberto e a construção da marginal para além do impacto na paisagem, foi traumática na vivência social e afetiva da comunidade. Este período marca o fim de Sines enquanto vila piscatória como todos a conheciam, dando início a uma novo modelo de cidade-porto-indústria.



024. Sines, fotografia aérea GeoE - Instituto Geográfico do Exército - Centro de Informação Geoespacial do Exército, 1940

025. Sines, fotografia aérea Google Maps, 2004





026. Esquema territorial da cidade de Sines, 1960
 027. Esquema territorial da cidade de Sines, 2011



028. Fotografia aérea de Sines.

Autor desconhecido, 1968

029. Fotografia aérea da construção do Terminal de granéis líquidos.

Autor desconhecido, 1975

030. Fotografia aérea do Terminal de granéis líquidos

Autor desconhecido, 2011





031. Aterro e zona portuária, 2016

Ocupando uma posição estratégica, tornou-se num dos principais portos de águas profundas da Europa Atlântica e no principal ponto de paragem nas rotas comerciais entre Lisboa e o Mundo Mediterrâneo. O abrigo formado na baía estabeleceu as condições necessárias ao desenvolvimento de Sines enquanto cidade-porto e depois, enquanto cidade-porto-indústria. A cidade de Sines nasceu sobre as arribas e o porto nasceu sobre a enseada e é nesta relação vital entre o planalto urbano e o plano marítimo que vive Sines, a partir da qual se desenvolveu até hoje. Contudo o complexo industrial vem criar uma divisão entre duas unidades: por um lado a cidade habitada que pertence a um grupo de pessoas e por outro a cidade-máquina afirmando-se como um não-lugar e um território de ninguém.

Deste modo, Sines vive hoje sobre um território antagónico por um lado marcado pelo “pólo de crescimento”, um complexo industrial e portuário, sobre um papel económico e político assente na produção terciária, focado na troca de bens e serviços convertidos em valor acrescentado. Por outro lado marcado por um lugar ainda muito enraizado em culturas e tradições, sobre testemunhos com valor histórico e patrimonial e por uma comunidade de marítimos que conserva e defende o seu modo de vida, na forma como se relaciona e ocupa o território.

Sines pela integração de indústrias, turismo, comércio, serviços, novos bairros habitacionais e novos polos de atração, pretende garantir um crescimento sustentável e o desenvolvimento local. Contudo hoje, segundo uma visão contemporânea surge a necessidade de refletir sobre a relação entre a cidade e a margem numa redescoberta da sua identidade.

CAPÍTULO III

O LUGAR

*Antes de transformar um apoio em coluna, antes de colocar pedra sobre pedra, o homem colocou a pedra no terreno para reconhecer um lugar num universo desconhecido: para o reconhecer e modificar.*¹⁸

8. GREGOTTI, Vittorio – Introdução ao estudo da cultura tectónica. 1998, p.28



032. O Lugar da Ribeira, Fotografia aérea
Google Earth, 2016

3.1. LEITURA HISTÓRICA

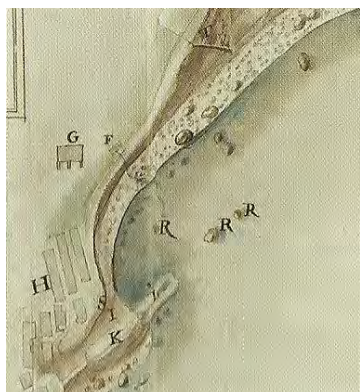
Para lá da vila, assente toda sobre barrocas e penhascos, a estrada bifurcando-se continua: em baixo, até ao cais, em cima, até ao topo do promontório, que tem o nome de Ribeira. É nesse sítio – o qual, antes dos armazéns e das casas mandadas construir por abastados negociantes no começo das exportações das cortiças no país, devia ser apenas um desamparado brejo – que Vasco da Gama edificou a sua igreja da Senhora das Salvas.¹⁹

19. CAMPOS, Cláudia – “Sines” In Índia. Número único, 1898, p.14
20. Calheta – termo que designa baía, angra ou abrigo de pequenas dimensões.
21. Lógeas – termo que significa lojas ou armazéns neste caso de pescadores.

O Lugar da Ribeira no extremo poente da vila era o sítio onde se situava a vida marítima de Sines. A zona é sobretudo marcada pela antiga Calheta²⁰, pelas casas e “lógeas²¹ de pescadores” e pela igreja da Nossa Senhora das Salas mandada reconstruir por Vasco da Gama. Ao longo do tempo este lugar foi palco de outros tipos de ocupação, como pequenas unidades industriais no início da exportação de cortiça. A construção do complexo portuário na segunda metade do século XX, vem transformar por completo o território, tendo grande impacto no lugar e na comunidade.

Através de uma leitura histórica pretende-se compreender o valor deste lugar e a razão da sua existência. O Lugar da Ribeira é marcado por vários momentos de ocupação cronologicamente distintos que divergem pelo tipo de intervenção e compromisso que assumiram com o local. As pré-existências edificadas nesta área constituem testemunhos ricos que se pretendem aqui contextualizar de modo a perceber a sua importância histórica e patrimonial na relação com a identidade do lugar.

A Calheta e as Lógeas da Ribeira



033. Pormenor da planta de Sines.

Leonardo Turriano, 1602
A.N.T.T., códice da Casa
Cadaval, nº29, fl.60.

034. Planta da calheta em mayor forma.

Leonardo Turriano, 1602
A.N.T.T., códice da Casa
Cadaval, nº29, fl.62.

035. Perfil da calheta em mayor forma.

Leonardo Turriano, 1602
A.N.T.T., códice da Casa
Cadaval, nº29, fl.64.

22. QUARESMA, António - *Alexandre Massai: a 'Escola Italiana' de Engenharia Militar no Litoral Alentejano (séculos XVI e XVII)*. 2008, p.96

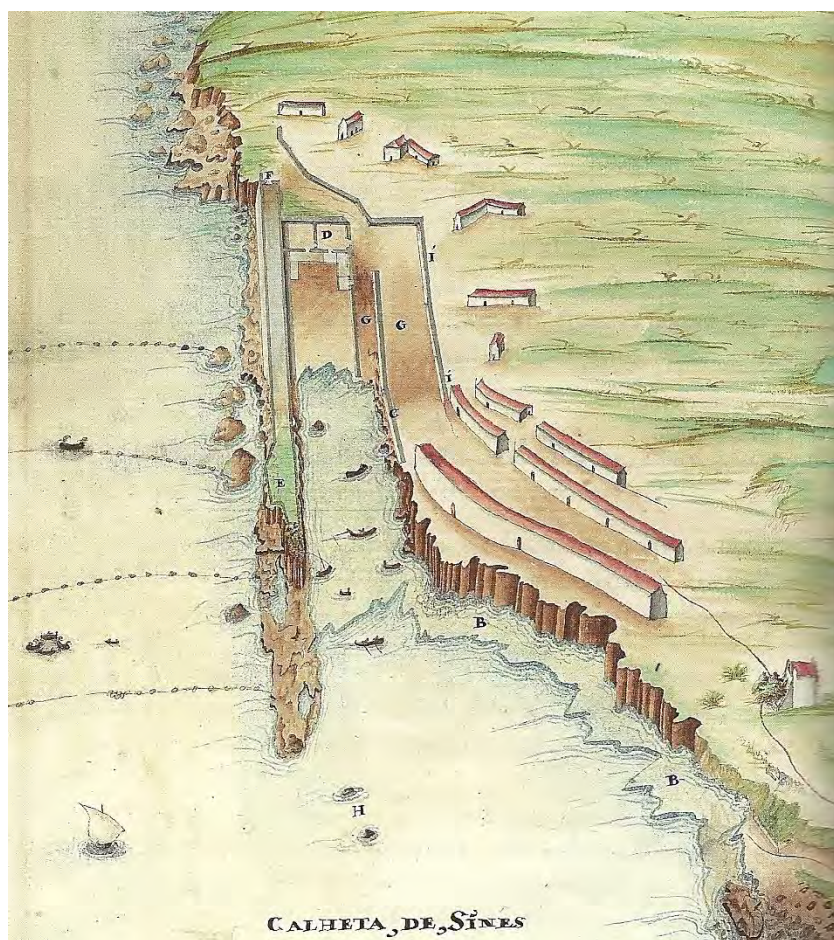
Desde cedo, o pequeno abrigo natural, formado por uma restinga de pedra, num dos lados da baía, constituiu o “porto”, onde se recolhiam as embarcações e se faziam cargas e descargas; apresentava porém vários óbices, um dos quais a pequenez pois não podia albergar mais do que 10 a 12 batéis. (...) a área da Ribeira surgia como um pequeno arrabalde, com as suas “lógeas de pescadores” e a ermida de Nossa Senhora das Salas.²²

As primeiras referências feitas à Calheta de Sines remontam ao início do século XVII, quando os moradores fizeram uma petição ao rei para que o abrigo rochoso a que chamavam de Calheta fosse ampliado de modo a poder acolher sessenta embarcações. A petição exigia uma maior proteção do mar e a defesa contra os ataques corsários, de forma a possibilitar o aumento das armações de pesca e o rendimento da população.

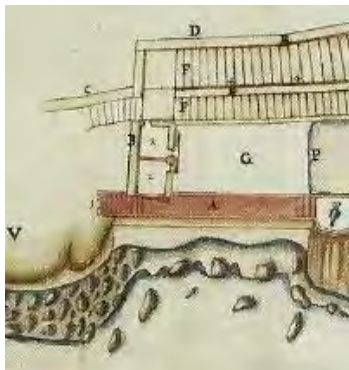
Face à situação, o primeiro plano surgiu pelas mãos do engenheiro Leonardo Turriano, sendo composto por um conjunto de dois desenhos elaborados em 1602: o primeiro *Planta da calheta em mayor forma*; o segundo *Perfil da calheta em mayor forma*. Estas peças desenhadas comprovam já as intenções na abertura de um novo caminho de acesso ao porto, os cortes necessários a fazer na falésia e nos penedos para a desobstrução da entrada e a edificação de uma muralha com uma plataforma para artilharia.

As obras na calheta só tiveram início em 1606 sobre a “traça” de Turriano, contudo ocupado com a defesa do porto de Lisboa e da barra do Tejo, foi progressivamente afastado dos trabalhos em Sines, sendo reformado pelo engenheiro Alexandre Massai. Após o abandono do projeto do Forte e do Fortim da Ilha do Pessegueiro, devido ao novo interesse real pelo ancoradouro de Sines, Massai é destacado para inspecionar o local e elaborar uma proposta alternativa, acabando por se ocupar da direção das obras por mais de duas décadas.

Os primeiros planos da autoria de Alexandre Massai surgem em 1616, onde o engenheiro expressa as suas sugestões e modificações face ao projeto de Leonardo Turriano, acabando por assumir a direção das obras até 1621. As ultimas “traças” do engenheiro, demonstram o projeto praticamente concluído, segundo as últimas decisões do conselho. Os desenhos comprovam o abandono do muro sobre o leixão baixo, deixando apenas o leixão alto, juntamente com alguns trabalhos finalizados: os muros de retenção de terras, a limpeza e ampliação da entrada, os acessos rampeados e as “lógeas de pescadores”. O projeto, apesar dos problemas, das alterações e hesitações, que levaram a que grande parte das propostas não fossem realizadas, tanto por falta de financiamento como pela pressão exercida pelo concelho da fazenda, tratou-se do primeiro grande trabalho de engenharia hidráulica realizado na Calheta de Sines.



036. Traça da Calheta (...)
Alexandre Massai, 1621
M.C., códice Discrição (...)
Segundo Tratado, fl.68.



037. Pormenor da planta da Calheta da Villa de Sines, Alexandre Massai, 1617 A.N.T.T., códice da Casa Cadaval, nº29, fl.70.

23. GUEDES, Lívio – *Aspectos do Reino de Portugal nos Séc. XVI e XVII, a “descripção” de Alexandre Massai* (1961): II Tratado. Separata do 58.^o volume do Boletim do Arquivo Histórico Militar. 1989, p.128
23. Idem, p.123-124



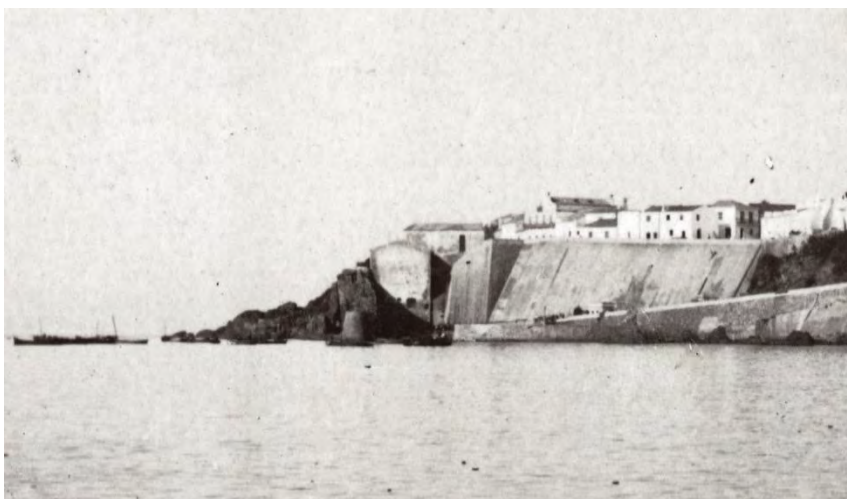
038. Planta do Porto de Sines. Barcellos Machado, Pedro Caldeiras e John Clark. Adolfo Loureiro, Os Portos Marítimos de Portugal.
039. Porto de Sines. Oliveira Bello. Adolfo Loureiro, Os Portos Marítimos de Portugal.

As Lógeas da Ribeira, datam provavelmente o século XVII, sendo a primeira referência feita na “traça” de Alexandre Massai *Planta da calheta da villa de Sines* em 1617, contendo na descrição, *Que se fássão as lógeas assinadas com o n.º2, as quais serão sobradadas como na traça está asinado e as térreas serão calssadas de pédra e cál e as de sima ladrilhadas com duas janélas com grádes de ferro.*²² A construção destas é novamente descrita por Massai no pormenor da Calheta em 1621, *D Loges sobradadas, que não estão acabadas e se devem de cobrir.*²³

As “lógeas dos pescadores” que são desenhadas por Alexandre Massai e descritas ao longo do século XVII e XVIII no Lugar da Calheta, são as mesmas que deram origem às Lógeas da Ribeira como as conhecemos hoje. Os armazéns de planta irregular construídos na falésia sofreram várias transformações e alterações ao longo do tempo. Sendo construídos para o armazenamento de aprestos, o piso térreo chegou também a desempenhar a função de armazém de salga de peixe e de viveiros de marisco.

Ao logo do tempo, o ancoradouro constituiu preocupações pelos responsáveis e negociantes locais. A sua pequena dimensão e a incapacidade de proteção das embarcações pelo leixão existente, não conseguia dar resposta ao crescente movimento marítimo do porto. Após quase um século sem soluções para o porto, surge em 1857 pelo engenheiro Barcellos Machado e em 1878 pelo engenheiro José Pedro Caldeira novas propostas. Com base no projeto de Barcellos e sobre várias alterações, Caldeira prevê a construção de um molhe exterior que dá continuidade ao muro a que chama de “Revelim”, a construção de um paredão composto por um cais, e a construção do novo caminho de ligação entre o porto e a vila. Sobre vários pareceres, em 1880 a obra é finalmente concretizada, contudo a construção do segundo molhe pelo projeto de Manuel de Oliveira Bello só é concluído em 1900.

Neste período, o pequeno ancoradouro era bastante movimentado, atracavam aqui as armações de pesca e saíam e entravam todo o tipo de mercadorias. A facilidade do transporte via marítima, por navios a vapor de Lisboa ao Algarve, fez da Calheta de Sines o principal porto comercial do Alentejo. O antigo porto e as suas lóguas permaneceram intactas até à construção do complexo industrial nos anos 70.



040. A Calheta de Sines.
Autor desconhecido, 1900
041. A Calheta de Sines.
Autor desconhecido, 1900
042. A Calheta de Sines.
João Marcelino, 1950



A Propriedade Pidwell e a Indústria Corticeira

O Lugar da Ribeira, num momento distinto é marcado por outros tipos de ocupação e compromisso, sendo no século XIX, um lugar de interesse para abastados negociantes no início da exportação da cortiça. No despertar da nova atividade, alguns comerciantes encontraram neste local as condições necessárias para a instalação das suas pequenas indústrias.

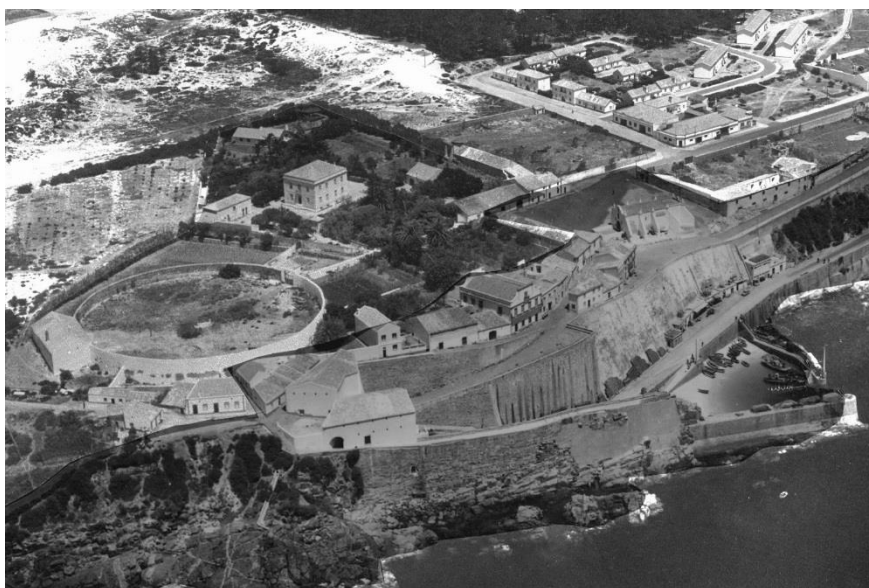
A indústria corticeira instalou-se em Sines no século XIX com capitais ingleses, sendo que em meados do século laboravam já três fábricas (...) Em 1911 o sector ocupava cerca de um terço da população activa e, em 1912, são arroladas nove fábricas, sendo quatro delas de pequena dimensão.²⁴

No século XIX, a sociedade Pidwell da Costa, administrada por Manuel António Pidwell da Costa, instalou-se na Ribeira de Cima. A propriedade era composta por um terreno de grande dimensão onde no meio dos terrenos agrícolas e arvoredo, se erguia um palacete no qual o abastado proprietário residia com a família.

A fábrica de preparação de cortiça localizava-se no Largo de Nossa Senhora das Salas, na extremidade este da propriedade, sendo composta por dois edifícios. Posteriormente dá-se a expansão do complexo sendo construído nas imediações um novo armazém e uma cerca circular composta por um muro em toda a sua extensão, na qual se procedia ao armazenamento e tratamento da cortiça.

A ocupação industrial do lugar pela família Pidwell, deve-se à proximidade com a Calheta, privilegiando o acesso rápido à via de comunicação por mar, a partir da qual a matéria-prima era enviada com destino a Lisboa e ao estrangeiro. Atualmente, depois das várias transformações e mutações deste território, a antiga propriedade já não tem limites claros e o Palácio Pidwell encontra-se abandonado. Das fábricas, resta apenas um armazém desafeto, e vestígios do muro da antiga cerca, contudo estas pré-existências constituem testemunhos ricos, com valor histórico e patrimonial.

24. MADEIRA, João – Os corticeiros e o sindicalismo em Sines. Primeira série, nº142, Julho de 1991



043. Vista aérea da zona da Ribeira e da Propriedade Pidwell.

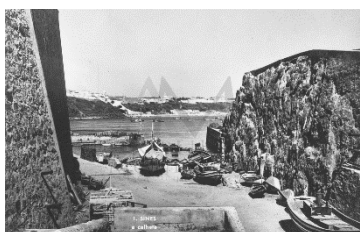
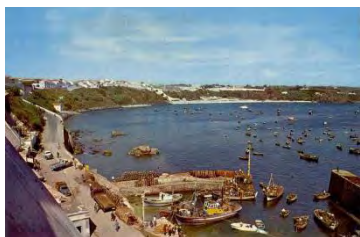
Autor desconhecido, 1955

044. Ribeira Carregamento de Cortiça

Eliseu Aguiar, 1950



A Marginal e o Novo Porto



Nos anos 70, com a violenta transformação do território pela implementação do Complexo Industrial e Portuário de Sines, o Lugar da Ribeira foi alvo de grandes alterações. O aterro conquistado ao mar e a construção da marginal, como o objetivo de melhorar o acesso dos molhes em construção à pedreira a nascente da baía, tornou-se mais tarde numa via de circulação de veículos. A construção da marginal vem por em causa toda a lógica da baía de Sines, originando a completa descaracterização da vila, e do lugar da Ribeira, levando a uma contínua degradação da memória do lugar no seu contacto entre a terra e o mar.

O lugar da Ribeira onde se desenrolava toda a vida marítima de Sines, a porta de mar, de ligação entre a cidade e a margem, onde a calheta funcionava com elemento articulador entre a cota alta e a cota baixa, foi completamente adulterado pelo processo de “modernização” da baía. O que antes era um marco central na imagem da cidade e na vida da comunidade foi abruptamente destruída pela visão de progresso sobre a implementação do novo complexo logístico. A Calheta, surge hoje como um “fosso” um “buraco” entalado entre a marginal e os muros de retenção, encalhada mostra-se como um porto de memórias, com uma carga simbólica esquecida, abandonada e confusa.

Os trabalhos realizados sobre o Lugar da Calheta e a falta de um porto de abrigo para o bom funcionamento da indústria piscatória, causaram um grande impacto no modo de vida dos pescadores. Aproveitando as obras exigiram a construção de um novo porto de pesca que viesse substituir a antiga Calheta de Sines.

Em 1980, nas propostas de desenvolvimento do município segundo os interesses dos sinienses, o porto de pesca passou a integrar o novo plano, estando concluído em 1994. Construído sobre a antiga praia das bicas encontra-se em funcionamento, formado por uma bacia abrigada e por um molhe a oeste, oferece um novo abrigo para a acostagem e fundeadoiro das embarcações de pesca.

045. A Ribeira e a Calheta de Sines.

Autor desconhecido, anos 60

046. A Ribeira e a nova marginal, 2016

047. A Calheta de Sines.

Autor desconhecido, anos 50

048. A Calheta e a nova marginal, 2016



049. Sines, fotografia aérea GeoE Instituto Geográfico do Exército Centro de Informação Geoespacial do Exército 1940. Zona de Intervenção.
050. Evolução da zona de intervenção Antes e depois dos anos 70, 2016



3.2. LEITURA ANTROPOLÓGICA: O PESCADOR



051. O pescador de Sines
Jornal Redes do Tempo, Sines.
Data desconhecida

25. CAMPOS, Cláudia – “Sines”. In
Índia. Número único, 1898, p.14

26. DIEGUES, António Carlos – *A
sócio-etnologia das comunidades
de pescadores marítimos no Brasil*.
1999, Vol. III, P.371

*Sines é essencialmente um povo de marítimos. Todos os filhos da terra conhecem e amam o mar, que lhes tonifica os músculos, tornando-os diligentes e activos, próprios para os labores da existência, e que também lhe molda as almas, embalando-as em sonhos, dando-lhes uma intensa vida interior. As vozes do vasto oceano, que por toda a parte canta e geme, e onde perpassa a escala inteira dos sons e harmonias humanas, que de coisas misteriosas e belas ensinam àqueles que, desde o berço, aprenderam a escutá-las e a entendê-las!*²⁵

A comunidade de Sines é uma comunidade à margem, marcada sobretudo por homens do mar que *souberam, nas suas relações com o meio ambiente particular, o mar, ao qual atribuíram- às suas características naturais- uma dimensão antropológica; colocar em prática sistemas sociais, económicos e religiosos destinados a ocupar, explorar, gerir e imaginar o mar e os seus recursos.*²⁶ O modo de vida da comunidade que conserva a memória do lugar, de forma funcional e afetiva para com o mar e as suas atividades, traduz um sentimento de posse e identidade.

O Mar representa para estes homens não apenas uma fonte de rendimento, mas um modo de vida e sentido de existência, um sentimento diferente do da terra firme, que passa de geração entre geração. Para o pescador a relação com o mar cria uma atmosfera cheia de emoção e significado pela relação com a sua pureza e plenitude mas também pelo sentimento de descoberta e de aventura. Os pescadores são os que melhor transmitem e compreendem este lugar de limite entre a terra e o mar.

O lugar da Ribeira mais do que um lugar físico é um espaço antropológico central na vida da cidade, marcado pela vida marítima é partilhado por um grupo de pessoas que nele vivem, trabalham e o identificam como sendo deles. As dinâmicas sociais do lugar são fruto do espaço produzido e apropriado pela comunidade de marítimos de Sines, definindo a sua identidade, a sua história e as sociabilidades da sua cultura material, religiosa e simbólica, através da forma como o ocupavam diariamente como lugar da pesca, mas também de interação social, de reunião e convivência.

Antigamente, eram os pescadores que ali no promontório sobre o mar passavam as horas, tanto de dia como de noite, de verão e de inverno e que só em dias de festa saíam da Ribeira e se aventuravam pelas ruas do centro da vila. A maior parte da comunidade vivia no bairro de pescadores junto da Ribeira, outros ocupavam os armazéns de aprestos e dormiam sobre as redes e embarcações abrigadas na Calheta. Sobre os penedos da Ribeira os pescadores de vigia permaneciam de noite à espera que ao longe, surgisse um sinal que indicasse que havia peixe na rede.

Por aqui passaram todas as gerações de pescadores desde a infância turbulenta e inculta, até à velhice desamparada, triste e saudosa. Os homens rudes, tostados de alcatrão e do ar salino que lhes bronzeou a pele rugosa (...), aqui se agrupam há muitos anos, a fitar saudosos o mar, a ralar, a praguejar.²⁷

A Calheta de Sines era um lugar central na cidade, onde se dava o encontro entre pescadores, vizinhos, famílias e comerciantes e na hora da lota sobrecarregava-se de vida e confusão. Aqui faziam-se os negócios de mercadorias, carregavam-se os barcos e descarregava-se o peixe que era vendido em cestos no areal. Era também um lugar de despedidas e de reencontros, onde sobre os altos muros do porto os familiares assistiam à partida e à chegada das embarcações que, ora desapareciam, ora surgiam no horizonte. O ancoradouro era bastante movimentado de onde saíam e entravam todo o tipo de mercadorias, entre as redes e os pescadores; de dia e de noite o porto nunca adormecia.

27. SILVA, Júlio Gomes – *Quadros da minha terra – II os Penedos*. Renovação. Sines, nº 7, 15 de Nov. de 1931

052. A Calheta -Na hora da lota
António Correia, 1940





053. Homens do Mar.
 Lena Abenta, 1960
054. Hora da lota.
 Ana maria Lopes, 1960
055. Remendando as redes.
 Diário do Alentejo, 1960

A transformação do Lugar da Ribeira pelo complexo industrial e portuário no final do século XX, teve grande impacto na sociedade, pois criou um confronto entre dois territórios antagónicos: de um lado uma plataforma portuária sobre um papel económico e político, focada na troca e comercialização de bens convertidos em valor acrescentado, afirmando-se como um território de ninguém sem relação com a cidade; por outro, a afirmação de um lugar antropológico que pertence a um grupo de pessoas *que aí vivem, trabalham, o defendem, lhe marcam os pontos chave, vigiam as suas fronteiras, mas também identificam nele os vestígios (...) dos antepassados ou espíritos que lhe povoam a geografia íntima*.²⁸

28. AUGÉ, Marc – *Não-Lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 1994, p.49

A chegada da indústria alterou o modo de vida desta comunidade, segundo os seus próprios códigos, hábitos e liberdades. Muitos são os que não perdoam o espaço roubado ao mar e a destruição dos seus pesqueiros, pondo em risco a biodiversidade marinha e o seu sustento. A apropriação do lugar pelo complexo portuário provocou a rutura entre a cidade e a margem e a sucessiva separação entre a comunidade e o mar. A resistência dos pescadores fez-se sentir desde o início, vivendo uma luta incessante pela defesa do seu modo de vida.

A inauguração do novo porto de pesca que veio substituir a antiga Calheta, surgiu como o novo lar desta comunidade. Como a paisagem se transformou, também os pescadores adaptaram velhas formas de vida sobre estes novos lugares que, com o passar do tempo, começaram a ser novamente apropriados sobre um novo código e sentido antropológico. Hoje, neste lugar, sob uma forte presença industrial e sobre velhos hábitos e culturas, o porto de pesca acolhe estes homens, sendo sobretudo um lugar de trabalho, mas também de permanência e convivência onde vive ainda uma comunidade de pescadores numerosa e individualizada na sociedade siniense.

3.3. LEITURA FORMAL

*No promontório o muro nada fecha ou cerca.
Longo muro branco entre a sombra do rochedo
e as lâmpadas das águas.
No quadrado aberto da janela o mar cintila coberto
de escamas e brilhos como na infância.
O mar ergue o seu radioso sorrir de estátua arcaica.
Toda a luz se azula. Reconhecemos nossa inata alegria:
a evidência do lugar sagrado.*²⁹

Sophia de Melo Breyner

Após a leitura histórica e antropológica, é necessário compreender os aspetos formais inerentes ao lugar, através da análise da sua existência material e física. Tendo este lugar ao longo do tempo sofrido consecutivas alterações e transformações ao nível da topografia, do território de assentamento, de aterros e do edificado, pretende-se perceber a verdade pela qual o lugar se faz hoje comunicar. Através desta leitura não se pretende somente fazer uma análise arquitetónica e tipológica das peças existentes, mas também através de um percurso relatado compreender as relações que se estabelecem na vivência singular do lugar.

O Lugar da Ribeira situado no extremo poente da vila descobre-se numa saliência a sul do cabo de Sines sobre o mar. Traçando um perfil perpendicular à costa, compreende-se que o lugar é marcado por uma variação de cotas onde se verificam três espaços distintos: a Ribeira de Cima no planalto sobre a arriba, a Ribeira de Baixo na enseada sobre o mar e a Calheta que articula o lugar de cima com o de baixo.

29. ANDRESSEN, Sophia de Melo Breyner – «O Sol, o Muro e o Mar».2011

O Lugar de Cima

Seguindo a rua direita para poente, vindo do centro histórico da vila, o primeiro contacto com o lugar é feito no largo de Nossa Senhora das Salas, onde se situa a igreja de planta retangular, mandada construir por Vasco da Gama. Entre os armazéns abandonados, sobre um caminho estreito e discreto em calçada, latejado por dois muros, chega-se ao centro da Ribeira de Cima.

Este lugar é marcado por uma grande clareira, utilizado como estacionamento e parque urbano, embora não consolidado e sem relação com a malha urbana é pautado por várias transformações ao longo da história e rodeado por diferentes tipos de ocupação, resultando num contraste entre construções novas, pré-existências e ruínas que vivem com o lugar.

Olhando a norte, encontra-se o Palácio Pidwell do século XIX, de planta quadrangular, com dois pisos e telhado de quatro águas, hoje abandonado, existe ainda vestígios dos antigos muros da propriedade que surgem entre pinheiros e arbustos.

A este, o lugar é marcado pelas traseiras dos antigos armazéns de cortiça e a sul pelas traseiras de um conjunto de habitações e armazéns de pescadores com frente para a rua do Forte e para a Calheta. Esta frente consolidada é composta por edifícios de planta irregular, com variações e acrescentos, onde se destaca-se a meio o edifício da Capitania do Porto de Sines.

Olhado a sul, para lá do estacionamento e integrado no parque urbano, destaca-se o muro semicircular em alvenaria de pedra, que resulta da antiga cerca da fábrica de cortiça. A oeste o lugar é rematado pelo edifício da APS-Administração do Porto de Sines, construído recentemente, veio transformar por completo o local, não criando qualquer relação com as pré-existências e com a identidade do lugar.

Seguindo o estreito caminho que desce entre a relva para sudoeste, sobre a paisagem do mar e horizonte chega-se ao Forte do Revelim que assente sobre a arriba, destaca-se na paisagem como um elemento icónico. A partir do forte pode-se continuar um caminho para poente descendo pela escadaria na arriba ou voltar para traz, pelo antigo caminho do forte até à Calheta de Sines.



056. O caminho para a Ribeira, 2016

057. A Ribeira de Cima, 2016

058. Palácio Pidwell, 2016

059. Forte do Revelim, 2016

O lugar da Ribeira de Cima no extremo poente da cidade, assente em sítio alto sobre a arriba, mostra-se como um grande promontório sobre a paisagem que, sobre dois panoramas distintos a poente e a sudoeste provocam no sujeito diferentes enquadramentos da linha do horizonte. A poente, no horizonte limpo, o mar é protagonista sobre o barulho das ondas e o azul do mar atlântico, denso e profundo, onde o olhar perde-se na vastidão do horizonte rasgado pelo movimento contínuo dos barcos. Para o quadrante sul, a paisagem abraça o território humanizado da baía de Sines, vendo em cima o castelo e a cidade que se estende sobre a arriba e em baixo a praia, o porto e a indústria sobre a enseada que numa língua de terra arredondada com comprimento indefinido encontra águas imóveis e rasas perdendo-se no horizonte.



060. A paisagem para poente, 2016
061. A paisagem para sudoeste, 2016

O Lugar da Calheta

Para quem vem da Ribeira de Cima, o acesso mais “claro” para a Calheta é feito a partir do Largo de Nossa Senhora das Salas. Através do Caminho do Forte, sobre um pavimento em calçada, ladeado por duas frentes de habitações avista-se o mar ao longe. Esta via estende-se até chegar a uma clareira, onde, sobre o horizonte se destaca em segundo plano a Calheta e as suas Lógeas.

A partir deste pequeno largo, o caminho ramifica-se em dois possíveis percursos, podendo seguir em frente pelo caminho do Forte para poente ou descer pela rampa da Calheta até à Ribeira de Baixo. Seguindo pelo estreito caminho do forte à cota mais alta, tem-se um primeiro contacto com as Lógeas da Ribeira. O caminho estreito ao fundo, muda de direção, apertado de um lado pelo armazém mais pequeno e do outro por uma frente de casas térreas de pescadores dá acesso ao pequeno largo do Forte nas traseiras das Lógeas da Calheta.

Este largo vive entre as Lógeas da Ribeira e as casas de pescadores. As habitações hoje desafetas apresentam uma arquitetura vernacular típica do Alentejo, de construção pobre em alvenaria de pedra, rebocadas e caiadas constituindo vestígios de uma cultura muito enraizada na identidade do lugar.

A partir deste largo, sobre a arriba pode-se continuar o caminho para poente que, já em terra batida vai dar ao Forte do Revelim, ou começar a descer pelo caminho do Revelim que sobre a pesada muralha de pedra, permite o acesso à Ribeira de Baixo. A Calheta é composta por um sistema de percursos e rampas de cantaria aparelhada que fazem a ligação entre a Ribeira de Cima e a Ribeira de Baixo e pelas Lógeas da Ribeira. Descendo pelas rampas e pela escadaria rematada junto ao muro chega-se à parte inferior da Calheta. Com a construção da marginal que veio separar o ancoradouro do mar, este lugar surge hoje como um vazio degradado, apertado entre a marginal e os muros de retenção.

As Lógeas da Ribeira, são compostas por dois armazéns, de planta trapezoidal irregular que se articulam em “L”, com telhados independentes de duas águas, sendo o principal composto por quatro pisos e o outro por dois pisos, todos com acesso independente pelo exterior. Estes dois volumes são articulados por uma passagem em túnel encaixada entre os dois corpos.



062. A chegada à Calheta por cima pelo Caminho do Forte, 2016

No alçado este, o armazém principal é rasgado na base por dois arcos que dão acesso ao piso térreo. O outro assenta sobre um muro de pedra perfurado num lado pelo acesso ao túnel entre os dois volumes, sendo rasgado a meio por duas janelas sobrepostas. No alçado norte, o armazém principal, é composto por um vão com uma porta sobrepujado por um óculo circular, o outro na empena a norte é aberto no canto esquerdo por uma porta de acesso ao piso superior.

No alçado sul, o armazém maior, é rasgado no piso de baixo por um arco de acesso à parte superior do túnel, juntamente por uma porta e uma janela de ligação ao segundo piso, sobreposta com a do piso superior. O outro armazém apresenta, na empena virada a sul, dois vãos, uma janela e um acesso ao piso térreo. Os dois armazéns são também rasgados nas fachadas por pequenas frestas de ventilação.



063. Lógeas da Ribeira, alçado este.
Fotografia com drone, 2016
ARCHC-3D, FA-ULISBOA
064. Lógeas da Ribeira, alçado sul.
Fotografia com drone, 2016
ARCHC-3D, FA-ULISBOA

No interior o armazém principal no piso térreo tem acesso pelo vazio da calheta, através de dois arcos, e um acesso lateral rasgado na muralha do Revelim. Este piso apresenta uma planta retangular irregular, com pavimento em tijoleira e uma cobertura em abóbada de canhão, juntamente com infraestruturas do antigo viveiro de marisco.



Os pisos intermédios de planta idêntica, têm acesso o mais baixo a norte pela rampa da calheta, e o outro pelo caminho do Revelim, o inferior é apenas iluminado por dois óculos circulares, sendo o superior por duas janelas e várias frestas. Apresentam ambos pavimentos em soalho e uma estrutura composta por pilares circulares e vigas de madeira que suportam os pisos superiores.



O último piso com acesso pelo Largo do Forte, apresenta na parede virada a sul e a nascente duas janelas e varias frestas de ventilação. A estrutura é composta por pilares circulares, por um sistema de vigas e travamentos em cruz de madeira, que apoiam o telhado de duas águas rematado em beirado a norte e a sul.



O outro armazém tem acesso ao piso térreo pelo largo do Forte a sul, sendo neste piso iluminado por um vão a sul e por outro na parede este e composto por um pavimento em tijoleira burro. A estrutura é constituída por troncos de madeira com travamentos a 45° e por um sistema de vigas embutidas nas paredes, contudo contém uma estrutura em betão mais recente de suporte à zona de entrada do piso superior.



O piso superior tem acesso pela rua do Forte a norte, sendo iluminado por um vão na parede este, ventilado por treze frestas e composto por um pavimento em soalho que assenta nas vigas do piso inferior. A estrutura do telhado de duas águas é constituído por um sistema de oito asnas de tesoura simples paralelas entre si e com encaixe embutido nas paredes, onde assenta as ripas e as telhas canal, sendo o telhado rematado com beirado a nascente e poente.

As Lógeas da Ribeira de construção simples e tradicional, possuem paredes pesadas de alvenaria de pedra, rebocadas e caiadas e estruturas vernaculares de madeira no interior. O seu valor advém da sua singularidade enraizada na cultura e identidade do lugar, sendo hoje património de Sines.

065. Armazém Principal, piso térreo
Junho, 2016

066. Armazém Principal, quarto piso
Junho, 2016

067. Armazém a norte, piso inferior
Junho, 2016

068. Armazém a norte, piso superior
Junho, 2016

O Porto de Pesca



069. Porto de Pesca.
Fotografia aérea Google Earth, 2016
070. Cais de abastecimento e o molhe.
Autor desconhecido, 1990
071. Rampa de Varadouro, 2016

Atravessando a marginal para o outro lado, junto à Calheta chega-se ao porto de pesca onde se situa atualmente a vida marítima. O porto é formado por uma bacia interior abrigada por um quebra-mar, que oferece as condições necessárias de proteção para a acostagem e fundeadoiro das embarcações. Este é composto por um cais de descarga de peixe que acompanha em baixo a marginal e o paredão para nascente. Também o enquadram um pontão e cais de abastecimento que se estende para sul sobre o molhe e a rampa de varadouro entre os dois, por onde se faz a entrada e saída das embarcações no mar. O acesso principal ao porto é feito por uma estrada rampeada a partir da marginal junto da Calheta, por onde se faz o controlo das entradas e saídas de veículos.

O molhe é acessível podendo ser percorrido pela parte superior, onde figura um caminho estreito sobre o pontão. Em baixo no cais de abastecimento, fazem-se as cargas e descargas das embarcações, onde os pescadores passam as horas a desemaranhar as redes e a olhar o mar no intervalo das fainas. A grande rampa de varadouro entre os dois cais, na qual se encontram várias embarcações atracadas é cortada pela estrada de acesso à lota. O cais de descarga de peixe construído em aterro sobre o mar é marcado pelo edifício da lota, por um armazém de comerciantes, um edifício destinado aos pescadores junto do paredão e estacionamento para camiões comerciais.

O atual porto de pesca, apresenta-se hoje confuso, mal organizado e com dificuldades em responder ao crescente movimento da atividade piscatória. Deste modo constitui hoje uma oportunidade para ser redesenhado e repensado sobre uma visão contemporânea, integrando as diferentes valências que o espaço proporciona, gerando uma simbiose entre a atividade piscatória e a promoção e preservação cultural deste local singular.

CAPÍTULO IV
A PROPOSTA

4.1. O REGRESSO À MARGEM

A relação entre a cidade de Sines e a margem nem sempre foi a mesma, as múltiplas variações e sucessivas conquistas ao mar refletem os diferentes paradigmas e vontades de fazer e refazer cidade, marcados pelo permanente processo de transformação em função do seu desenvolvimento. A relação entre a cidade e a frente de água é, assim, pautada por diversas fases de aproximação e afastamento ao longo do tempo.

*A cidade que outrora suportava o seu dinamismo mercantil e comercial na faina portuária e industrial, pretende agora afirmar-se ou participar nas redes globais da economia informacional. A metrópole dos eventos teve que exorcizar os traços da sua antiga identidade e criar as novas formas e símbolos da pós-modernidade, tornando-os legíveis e atractivos para os novos actores da economia-mundo.*³⁰

O conceito de regresso à margem fundamenta-se na ideia de que existe um percurso coerente na história da cidade de Sines que determina o estado atual da sua relação com o mar, sendo sujeito a profundas transformações nos últimos cinquenta anos, provocadas pelo advento da indústria portuária pesada, de uma modernidade tardia. Hoje, num período pós-industrial, sobre novos interesses surge a oportunidade de repensar, reativar e recriar novas relações entre a cidade e a margem. As estruturas e equipamentos de cariz industrial, desafetos de funções e desarticulados do tecido urbano, constituem oportunidades de reabilitação e conversão, procurando a sua reintegração na cidade e na comunidade de forma a poderem regenerar e revitalizar o núcleo urbano.

O estímulo lançado neste trabalho pretende, melhorar as relações entre a cidade e a frente de mar, de forma a promover o regresso à margem e a proporcionar novos polos de atração segundo dinâmicas que permanentemente reativem o uso e o sentido deste lugar à margem de Sines. A proposta para o Lugar da Ribeira, pretende intervir em três planos distintos: a Ribeira de Cima sobre a arriba, a Ribeira de Baixo sobre a enseada e a Calheta que articula o lugar de cima com o de baixo. A intervenção pretende criar novos polos de centralidade no extremo poente de Sines, através da interligação destes espaços e da sua integração na cidade. O objetivo essencial passa por resolver os conflitos na relação fulcral entre a cidade, que ocupa a arriba e o núcleo fundacional do porto que ocupa a enseada, procurando requalificar o Lugar da Ribeira, reabilitando a Calheta e reconectando a Ribeira de Cima com a Ribeira de Baixo.

30. PORTAS, Nuno – *Água, Cidades e Frentes de Água*. 1998, p.11

*Intervenir equivale a actuar conscientemente en el proceso dinámico de la ciudad; debiendo añadirse que, en todo caso, habría de garantizarse la mínima estabilidad necesaria para que la forma urbana, en sus partes y en el todo, prolongue una identidad que ha sido conseguida lenta y trabajosamente. Como se ha dicho en outro passaje, la ciudad es un patrimonio del pasado a transferir hacia el futuro y, si es posible, mejorado por el presente.*³¹

31. DE GRACIA, F. - *Construir en lo construido, La arquitectura como modificacion*. 1992, p.179

32. Machado, José Pedro e
cordenação - Dicionário de Língua Portuguesa, 1968

Na Ribeira de Cima a proposta pretende criar um novo centralidade no extremo poente da cidade. Através da reabilitação urbana, do património e sobre uma nova arquitetura, a solução visa valorizar e evidenciar a identidade do sítio e eliminar o “ruído” das construções dissonantes que anulam o sentido do lugar.

Na Ribeira de Baixo, a proposta procura incrementar espaços de lazer e usufruto público ligados ao porto de pesca, ao paredão e à frente de mar, permitindo o acesso e uso da margem pela comunidade. A solução pretende através de uma nova arquitetura redesenhar o porto de pesca, explorando o seu potencial como estrutura de regeneração e revitalização da margem, preservando o funcionamento da indústria piscatória e promovendo novos usos e atividades na sua relação com a cidade e com o mar.

A intervenção na Calheta e nas Lógeas da Ribeira, pretende atuar como elemento unificador e articulador entre a cidade e a margem. Afirmando-se como património de Sines, constitui o elemento mais notório do sítio. O conceito de património foi evoluindo ao longo do tempo, contudo, entende-se por património o legado ou herança cedida como um bem. Os critérios de valor associados que permitem fazer o juízo de incluir ou excluir esses legados, caminham lado a lado com a evolução do conceito.

As Lógieas da Ribeira apresentam valor histórico e simbólico pela sua singularidade e identidade na relação com o lugar. Através da sua Reabilitação e reconversão procura-se restituir o seu valor, procurando a sua reintegração na cidade e na vida da comunidade. Reabilitação significa *recuperar do bom antigo conceito, restauração do bom conceito anteriormente perdido, restabelecer o crédito e o conceito anteriores por uma ação de justiça, restituir á estima pública*.³²

Ou seja a intervenção na Calheta e nas suas Lógeas através da realibitação tem como objetivo primordial potenciar o reconhecimento dos valores culturais, históricos e sociais, dos rituais e práticas do passado ligado ao mar e a pesca, valorizando a sua identidade e salvaguardando sua a memória. Construir no construído pressupõe o diálogo entre o património e a reabilitação, possibilitando novos usos e vivências nos lugares, reconciliando o passado com o presente de forma sempre contemporânea.

4.2. O QUE SE MANTÉM / O QUE SE ANULA

Colocada a intenção da proposta global, a tomada de decisão que envolve a preservação e manutenção de certos elementos e a demolição e anulação de outros na área de intervenção é essencial para a concretização da proposta. O lugar é composto por uma série de elementos dissonantes que não tiveram em conta as características do lugar, a relação com a paisagem e com o património histórico, sendo necessário clarificar o valor de alguns elementos em deterioramento de outros. As pré-existências a preservar devem corresponder aos elementos nos quais a memória e a identidade é vinculada.

A Calheta e as Lógeas da Ribeira classificados como património de Sines surgem como o elemento mais notório e singular do Lugar, o que sugere logo à partida uma responsabilidade de proteção. A intervenção cuidada nestas estruturas deve procurar manter a verdade e autenticidade do seu sentido, salvaguardando a memória e valorizando a sua identidade.

Ao intervir no Porto de Pesca propõe-se manter o seu carácter identitário, preservando as componentes necessárias ao seu funcionamento e anulando todo o “ruído” que contraria a sua leitura e entendimento. Deste modo, são mantidos os elementos chave que ostentam a sua imagem, o cais de descarga de peixe, o molhe e quebra-mar, o cais de abastecimento e a grande rampa de varadouro embora sobre um novo desenho.

São eliminados os edifícios dos tugúrios dos pescadores e o armazém de comerciantes, de pouca qualidade arquitetónica não concedendo a dignidade e o respeito que o lugar merece. De facto o imoderado protagonismo que estes assumem na paisagem localizados na margem à frente do paredão revelam um papel de rutura na obstrução com a paisagem sobre o mar. O mesmo sucede com a lota, construção pesada, maciça e pobre, provoca “ruído” e prejuízo para o porto na forma como se apresenta implantada no local. O desenvolvimento do edifício em dois pisos causa a completa rutura com a vista sobre o mar, contrariando o sentido de contemplação que o lugar quer ter. São também eliminadas as estruturas abarracadas da fábrica do gelo, armazéns de aprestos, posto de combustível e oficinas de manutenção, descaracterizadas produzem confusão no contexto geral do porto.

Ao intervir na Ribeira de Cima pretende-se preservar o conjunto de habitações consolidadas com frente para a rua do Forte e para a Calheta, onde se destaca no meio o edifício da Capitania do Porto de Sines. O Forte de Nossa Senhora das Salvas do século XVII sugere logo à priori um compromisso de proteção assente sobre a arriba e de uma arquitetura simples e barroca, constitui um vestígio bélico e um elemento icónico na história do lugar que deve incorporar a proposta.

072. O Lugar da Ribeira, Fotografia aérea Google Earth. Ilustração, 2016

Outro elemento de importante peso histórico a manter é o Palácio Pidwell do século XIX, de planta quadrangular com dois pisos e telhado de quatro águas. Apresenta-se como um testemunho enraizado na cultura e na história deste lugar, porém, hoje encontra-se abandonado e em mau estado de conservação surgindo entre pinheiros e arbustos, merece ser reabilitado de forma a assumir um novo uso e desempenho na relação com o sítio.

São ainda mantidas as antigas casas de pescadores, agarradas ao antigo muro da cerca da fábrica de cortiça com frente para o Caminho do Forte e para o Caminho do Beco. Apresentando valor pela sua arquitetura vernacular e típica da região, em razoável estado de conservação, podem facilmente ser reconvertidas para uma nova função. Contudo, são eliminadas algumas estruturas abarracadas e anexos posteriores que dificultam a leitura e clareza do lugar.

Por último é anulado o pavimento asfáltico e a estrada que invade o planalto sobre a arriba. A infraestrutura apresenta um impacto brutal e exagerado no contexto natural do lugar. O mesmo sucede com o estacionamento à superfície, de implantação irregular no meio da clareira, que é responsável pelo aterro que compromete a naturalidade da arriba, contrariando a identidade selvagem do lugar.



4.3. O PROGRAMA

Compreendido o conteúdo que se pretende alcançar com a proposta, apresenta-se de seguida as premissas programáticas delimitadas para o projeto. A tomada de decisão relativamente ao programa deve constituir a solução mais pertinente, segundo o tipo de função que mais se apropria à forma pela qual o lugar se pretende mostrar e que mais se ajuste aos objetivos e deliberações descritas anteriormente.

O programa no seu todo, pretende enriquecer a interpretação e leitura não só do lugar do território e da paisagem onde se insere, mas de uma forma informal contar a sua história, potenciando o reconhecimento dos valores culturais, históricos e sociais, dos rituais e práticas ligadas ao mar e à pesca, valorizando a identidade e salvaguardando a memória do lugar. As premissas programáticas propostas procuram criar novos usos e vivências que reativam o lugar, reintegrando-o na cidade e na comunidade.

Neste sentido, a solução programática é dividida em duas vertentes. A primeira regula-se num âmbito cultural e científico, propondo a criação do CIIM – Centro de Interpretação e Investigação do Mar. Esta através de uma estrutura plurifuncional procura o desenvolvimento de eventos artísticos, expositivos, científicos, formativos e didáticos permitindo uma aliança entre vários agentes e intervenientes. O programa não passa apenas por albergar estas funções, mas pretende através de um exercício ativo o entendimento e interpretação das ambiências e história do lugar.

O Centro de Interpretação e Investigação do Mar, ocupa diferentes valências, sendo redistribuído entre pré-existências e património a reabilitar e novas construções a propor. As várias componentes programáticas estendem-se desde a Ribeira de Cima à Ribeira de Baixo tendo como elemento articulador a Calheta, o que implica que sejam estruturadas de forma a poder funcionar de forma independente, mas que ao mesmo tempo estabeleçam uma ligação coesa e a incorporação de todo o conjunto.

A componente cultural é constituída por espaços multifuncionais destinados a exposições permanentes e temporárias, eventos e atividades didáticas de homenagem ao mar e à pesca de Sines. O programa não passa apenas pela conceção de um equipamento para responder a estas funções mas também pela vivência de espaços exteriores de paragem, introspeção e contemplação, integrando um parque urbano e miradouro, cafetaria e um centro de apoio turístico.

A componente científica traduz-se na constituição de um espaço independente de trabalho e investigação que permita acolher núcleos definidos sobre programas de pesquisa e estudos específicos ou o uso temporário de investigadores independentes, assente sobretudo sobre o estudo do mar e da pesca de Sines. Porém, também permite abrir o campo de investigação a outros temas e leituras do lugar.

Dentro desta componente pretende-se incorporar um polo do Laboratório de Ciências do Mar da Universidade de Évora (CIEMAR) que tem como objetivo a execução de atividades científicas, pedagógicas e culturais destinadas ao conhecimento do ambiente marinho e à utilização sustentável dos seus recursos na região costeira do Alentejo. Em funcionamento desde 1990, este polo tem desenvolvido vários estudos, prestando serviços na monitorização da qualidade de ambientes marinhos no Porto de Sines.

A segunda vertente incide no programa para o Porto de Pesca, procurando ter em conta o seu carácter industrial e funcional, tendo como foco principal assegurar o bom funcionamento do sector e da atividade piscatória. O programa incide na criação de um novo espaço de lota aberto ao público, armazéns de apoio, estacionamento para veículos comerciais.

O programa pretende também oferecer melhores condições aos pescadores através da criação de tugúrios/armazéns de aprestos individuais para titulares de unidades pesqueiras, balneários e dependências que visam servir a comunidade de pescadores, oferecendo-lhes um lar abrigado onde se possam recolher e passar as poucas horas em terra no intervalo da faina.

4.4. O EXEMPLO



Os casos de estudo são encarados como pontos de referência, não sendo assumidos como ideias arquitetônicas literais para o projeto proposto. Nestas obras são tratadas problemáticas semelhantes ao do objeto de estudo na Ribeira de Sines, deste modo ofereceram pistas conceituais, funcionais e programáticas que contribuíram para a realização do projeto.

No projeto delimitado para a Calheta e para Porto de Pesca são usados como casos de estudo, o Museu do Mar da Galiza da autoria dos arquitetos Aldo Rossi e César Portela, em Vigo e a Piscina das Marés da autoria do arquiteto Álvaro Siza Vieira, em Leça da Palmeira.

Em ambos os projetos, embora diferenciados nota-se o desenho cuidadoso do limite e da transição entre a terra e o mar, onde em momentos é afirmada a intervenção humana e noutros a indefinição intencional dos limites confunde-se com a dureza rochosa e natural da paisagem. Os volumes são introduzidos de forma a integrar a paisagem escondendo-a e enquadrando-a mas sempre desenhados de forma a incorporar o mar como elemento integrante do projeto.



073. Caís do Museu do Mar na Galiza.
Lalo R. Vilar, 2016

074. Vista dos tanques, da Piscina das Marés em Leça da Palmeira.
Thorsten Hümpel, 2004

075. Caís entre o Museu e o Farol.
Sérgio Portela, 2005

076. Chegada à Piscina das marés
Thorsten Hümpel, 2004

Na intervenção para a Ribeira de Cima sobre a arriba, são usados como casos de estudo, a Praça Gonçalves Zarco, no Passeio Atlântico do Porto, da autoria de Manuel de Solà-Morales e o Centro de Artes-Casa das Mudas, na Madeira, projetado por Paulo David.

As duas soluções totalmente distintas são escolhidas por motivos diferenciados, sendo a primeira de destacar pela solução de articulação com o espaço público que, através de uma rótula faz a agregação das vias, percursos e contruídos adjacentes, combinando o terreno com a construção e infraestrutura, permitindo simultaneamente o estacionamento enterrado, a circulação de veículos e o uso público da praça em cima. Na segunda solução é de destacar a relação íntima que estabelece com o terreno e com a paisagem, como se fizesse parte integrante da topografia. Através de peças esculpidas e pelo desenho da subtração cria espaços semienterrados num jogo entre a “natureza” e o artifício, que sobre uma arquitetura viril funde-se com a massa e com a dureza rochosa da arriba sobre o mar.

077. Desenho para a Praça Gonçalves Zarco na frente de mar, 1990.

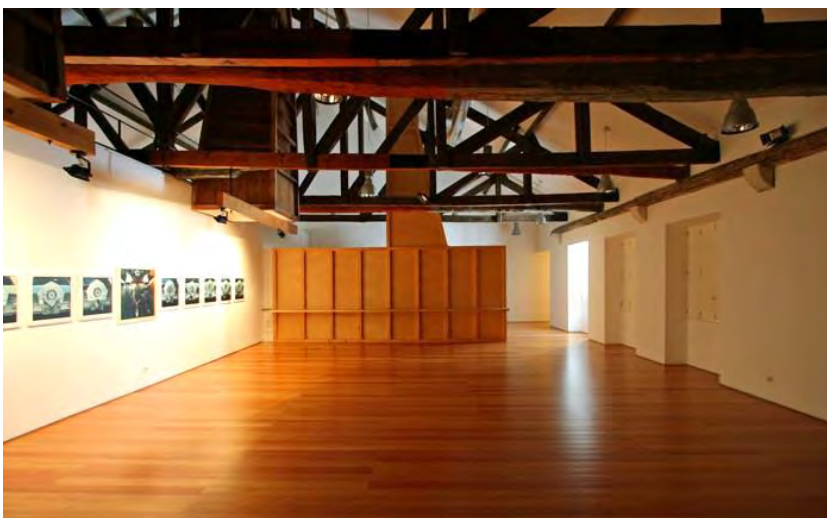
De cosas urbanas, E. Gustavo Gili, Barcelona, 2008, pág. 44.

078. Casa das Mudas.
Fernando Guerra, 2011



Para o projeto de reabilitação e reconversão das Lógeas da Ribeira foi usada como referências principais, a recuperação e requalificação do Laboratório Químico e Prefiguração do Museu das Ciências, em Coimbra da autoria de João Mendes Ribeiro, Carlos Antunes e Désirée Pedro e o Centro de Artes Visuais de Coimbra projetado também de João Mendes Ribeiro.

Em ambas as intervenções destaca-se a preservação e tratamento da estrutura como parte integrante da “alma” do edifício, procurando evidenciar e clarificar as asnas, as vigas e os elementos de madeira que, entre o branco das paredes e do teto afirma-se no espaço. Outro aspeto relevante destes projetos é a solução de infraestruturação e iluminação dos espaços, que através de dispositivos de controlo de luz natural, distribuição da luz artificial por calhas e cabos pendurados constituem as ambiências necessárias para os programas expositivos propostos.



079. Museu das Ciências em Coimbra.
Daniel Malhao, 2006

080. Centro de Artes Visuais de Coimbra.
Paulo Simões, 2004

CAPÍTULO V

O PROJETO

*The presence of architecture – regardless of its self-contained character – inevitably creates a new landscape. This implies the necessity of discovering the architecture which the site itself is seeking.*³³

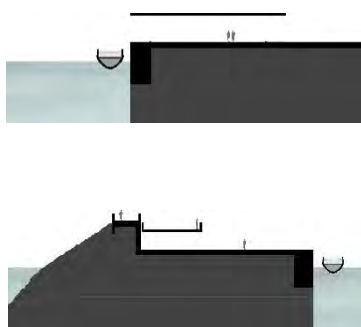
33. ANDO, Tadao – Toward New Horizons in Architecture in NESBITT, Kate – Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965-95. 1996, p.461

5.1. REDESENHAR O PORTO

O projeto delineado para o porto de pesca, a nível formal pretende clarificar as suas principais componentes identitárias, o cais de descarga de pescado, o cais de abastecimento e a grande rampa de varadouro e ser redesenhado de forma a evidenciar a Calheta como elemento gerador de todo o projeto.

O projeto para o cais de descarga de pescado substitui a antiga lota por uma nova arquitetura leve. A nova lota de planta retangular simples e de apenas um piso é construída abaixo do limite visual do paredão permitindo a completa contemplação da paisagem. Assente no limite do cais, estende-se a leste sobre o mar dando a ideia de um volume que se prolonga sobre a água. Por baixo do paredão que acompanha em cima o cais para leste, o projeto cria armazéns de apoio à lota e estacionamento coberto para os veículos comerciais. Neste processo é também redesenhado o remate com a praia a nascente através de uma rampa, e uma escadaria que agarra a lota e se funde com a areia e o mar.

O projeto para o cais de abastecimento e para o molhe, pretende manter a configuração da construção pesada de engenharia hidráulica. Sobre esta infraestrutura, o projeto cria em baixo, para os pescadores, tugúrios semienterrados em bateria ao longo do quebra-mar e em cima, um pontão de usufruto público, de passeio e contemplação da paisagem, que se estende sobre o molhe.



Os tugúrios em bateria propostos segundo um módulo de planta retangular simples, procuram servir como armazéns de aprestos individuais de apoio a titulares de unidades pesqueiras, podendo também desempenhar a função de espaços habitados de dormida no intervalo das fainas. Estas estruturas semienterradas, através de uma arquitetura pesada e maciça em betão armado pretendem assumir a dureza e rigidez do cais e do molhe, sendo iluminadas e ventiladas por pequenos rasgos na cobertura.

A grande rampa de varadouro entre os dois cais é redesenhada, sendo redirecionada de forma a estender-se até à Calheta, passando pelo túnel proposto, dando a ideia de uma grande rampa que surge no Lugar da Calheta e se estende até à água. Esta vontade surge da tentativa de voltar a abrir a Calheta para a margem promovendo o reencontro entre o antigo porto e o mar.

081. Cais de pescado e lota proposta
Ilustração, 2016

082. Cais de abastecimento e tugúrios
De pescadores propostos
Ilustração, 2016

5.2. REDESENHAR A RIBEIRA

O projeto para a Ribeira de Cima, passa por um novo desenho urbano, incidindo na reabilitação urbana e do seu património e sobre uma nova arquitetura que visa qualificar e valorizar a identidade do lugar permitindo a sua reintegração na cidade. Assumindo-se como um lugar multifacetado, marcado pela antiga Calheta, Forte do Revelim, Igreja de Nossa Senhora das Salvas e bairro de pescadores, que são tudo estruturas marcantes, ligadas à história e afirmação de Sines, deve ser incorporado na rede de lugares centrais da cidade.

Reabilitar o Lugar

A intervenção urbana para a Ribeira de Cima propõe desenvolver um parque urbano de descompressão da cidade, mantendo o seu carácter natural e selvagem, deste modo visa limitar o acesso de veículos e tornar todo o espaço à superfície pedonal.

O plano urbano propõe a reabilitação do Palácio Pidwell e da antiga propriedade, de forma a permitir acolher novos usos e atividades em conformidade com o programa cultural proposto.

A intervenção pretende trazer e incorporar no projeto um dos principais eixos da cidade através da extensão da Rua dos Pescadores, que vem desde o Centro Histórico da vila até ao Lugar da Ribeira, no extremo poente da cidade. Pretende também de certa forma recriar e reaver as ambiências do antigo Lugar da Ribeira, onde o seu sentido era mais nítido e autêntico, recriando através do parque urbano, da reconstrução dos limites da propriedade Pidwell, dos pátios privados das habitações os campos verdes, terrenos e loteamentos agrícolas que aqui antes cresciam, envolviam e enchiam a ambiência e a alma do lugar.

Todo o projeto urbano proposto é culminado pela nova construção que vai integrar e “coser” toda a proposta, servindo como uma rótula plurifuncional entre cultura, lazer e património. Ao nível do espaço público funciona como um espaço agregador que articula através de percursos, o parque urbano, a visita ao Forte do Revelim e ao Palácio Pidwell com a utilização da Calheta e dos novos conteúdos propostos no seu interior.

Construir na Arriba



O novo construído proposto, a nível formal procura recriar o antigo loteamento circular, composto por uma cerca/muro da antiga Fábrica Pidwell de preparação de cortiça, desenvolvendo a forma a partir do troço de muro que ainda se encontra no lugar. A nível conceptual pretende manter uma relação íntima com o terreno, comunicando visualmente como se fizesse parte integrante da topografia. Procura assim estabelecer a ideia de espaços semienterrados, descobertos pelo desenhar do vazio, através de uma construção de subtração na topografia e de uma arquitetura firme que se misture com a dureza rochosa da arriba.

A nova construção pretende também assumir o papel de edifício em percurso, não no seu interior, mas no exterior e na sua relação com o espaço público. Funcionando como uma estrutura em percurso que proporcione o movimento, o abrigo através de espaços mais inclusivos, o espreitar e o olhar através de espaços contemplativos de confronto com o mar e com o horizonte. Segundo estas ideias o construído deve permitir experiências como as descritas por Sophia:

*Um fio invisível de deslumbramento espanto me guia (...) Eis o mar e luz vistos por dentro. (...) Atravesso gargantas de pedra e a arquitectura do labirinto paira roída sobre o verde. Colunas de sombra e luz suportam o céu e terra.*³⁴

Deste modo, a cobertura é percorrível e integrada no espaço público funcionando como uma continuidade do parque urbano, um promontório e miradouro sobre a paisagem. A estrutura rotular é composta por duas rampas que envolvem a forma circular, permitindo o percurso constante entre a cobertura e o piso térreo.

Na cota baixa, a construção é rasgada pelo eixo nascente/poente e pelo percurso que reabre o Caminho do Beco, entre as pré-existências com acesso às Lóginas da Ribeira. A subtração destes eixos cria no centro, uma “praça” mais inclusiva, onde é desenvolvido um novo programa virado para o interior. Contém de um lado o volume destinado a exposições temporárias, que funciona como uma extensão do programa cultural da Calheta e do outro, o corpo que vai incorporar o espaço de cafetaria e de restaurante. A nova construção articula-se com a reabilitação das antigas habitações de pescadores adjacentes que se agarram ao troço de muro de pedra da antiga cerca. Através da conversão destas pré-existências desafetas criam-se as dependências necessárias ao funcionamento e gestão do programa cultural.

34. ANDRESSEN, Sophia de Melo Breyner – Livro sexto.

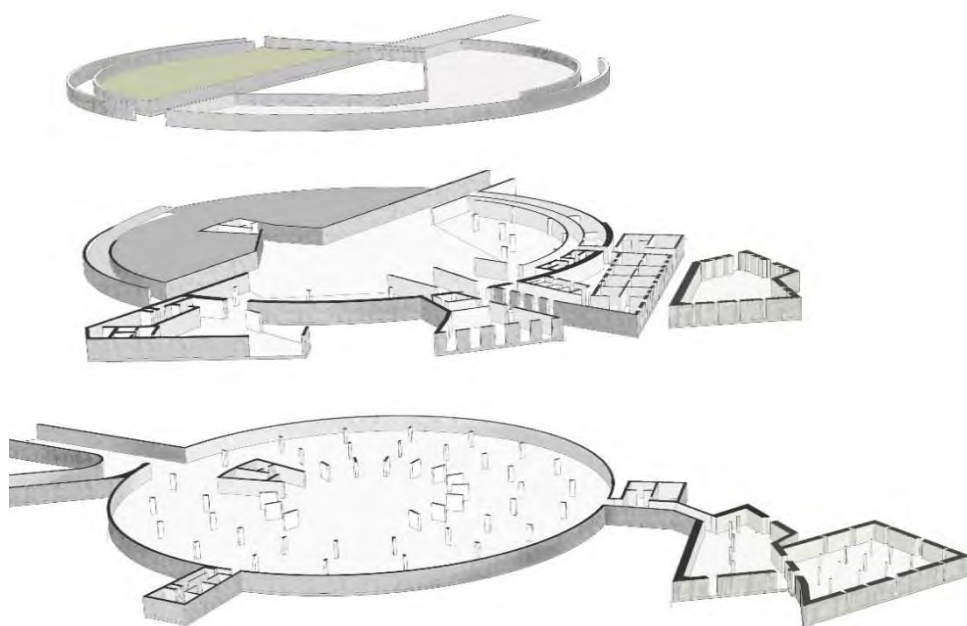
083. Sines, fotografia aérea GeoE Instituto Geográfico do Exército Centro de Informação Geoespacial do Exército 1940. Cerca antiga

084. Edifício rótula proposto Ilustração, 2016

O novo construído é servido por um estacionamento público enterrado, de forma a servir não só o novo programa cultural como o parque urbano e todas as pré-existências adjacentes. Com acesso de veículos a norte é organizado de forma circular e desenhado segundo uma estrutura concêntrica. Esta estrutura é composta por um núcleo de acesso à “praça” exterior em cima, um núcleo de acesso diretamente ligado ao espaço expositivo e um túnel de acesso direto às Lógeas da Ribeira. Para além da função principal de estacionamento tem entradas de luz zenital, podendo ser usado para eventos pontuais.

085. Edifício rótula proposto Axonometria Ilustração, 2016

Reconhecendo a importância do detalhe, das ambiências e texturas, a materialidade afirma-se como fator determinante na leitura e compreensão do construído. O projeto para o edifício proposto assume o betão estrutural e tectónico, de forma a evidenciar o antigo muro de alvenaria de pedra e a Calheta. Na reabilitação das pré-existências, o projeto pretende assumir a sua autenticidade e identidade típica da região, mantendo os pavimentos em soalho e as paredes de alvenaria de pedra caídas e pintadas de branco.

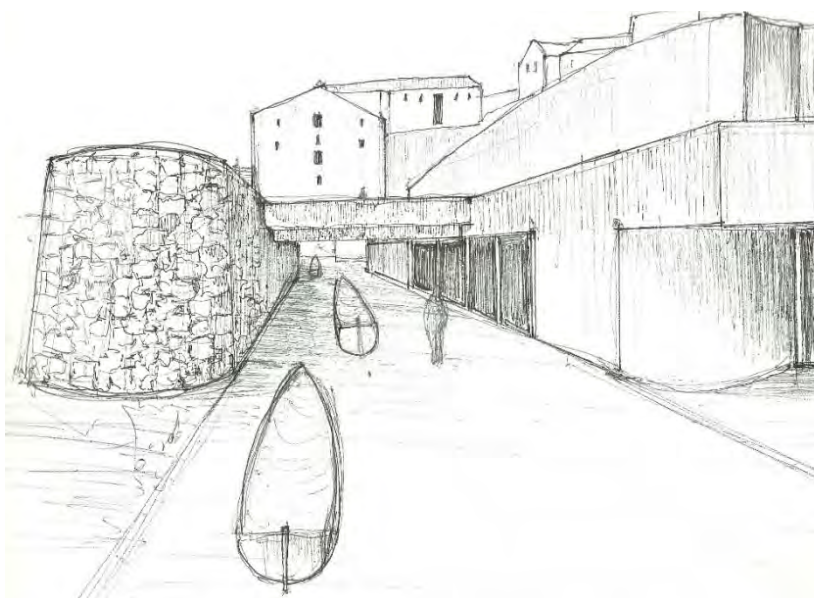


5.3. REVITALIZAR A CALHETA

A Calheta hoje encalhada é o centro de toda proposta, pois é a partir dela que se restabelece a ligação entre a terra e o mar e a cidade e a margem. Deste modo o antigo porto como ponto nevrálgico, pretende atuar como elemento unificar e articulador entre a Ribeira de Cima (cidade) e a Ribeira de baixo (margem).

A Ligação ao Mar

A intervenção restabelece a ligação íntima entre a Calheta e o mar, através da abertura de um túnel por baixo da marginal, voltando a abrir a Calheta para a margem e promovendo o reencontro entre o antigo porto e o mar. O projeto tenta recriar o antigo Lugar da Calheta como um lugar simbólico e de memória, funcionando como um museu de si mesmo e comunicando o seu próprio passado ao visitante, que ao percorrer e andar no lugar transpõe para uma interpretação constante e descoberta do sítio. Através da repavimentação pretende-se estender a rampa de varadouro do Porto de Pesca até à Calheta, dando ideia de uma grande rampa que tem início junto das Lógias da Ribeira, percorre o túnel proposto e se estende até ao mar.



086. Proposta de percurso, o Túnel
Ilustração, 2016

Construir na Passagem

Acompanhando o túnel que interliga a Calheta com o Porto de Pesca e com o mar, o projeto desenvolve um novo construído de baixo da marginal e do paredão com o objetivo de ativar a passagem e funcionar como elo de ligação entre o programa proposto para a Calheta e o programa do Porto de Pesca. Acolhendo a componente científica pretende ser um espaço de trabalho, de investigação e de interação entre investigadores e visitantes.

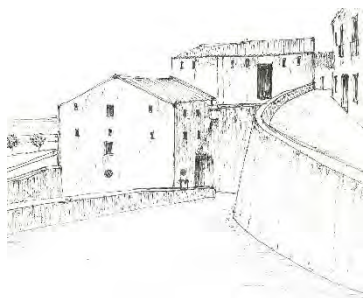
A nível formal desenvolve-se em dois corpos interligados por uma zona de entrada comum, desenhados segundo os principais eixos da marginal, do túnel e do molhe do Revelim. Segundo uma arquitetura pesada que suporta em cima a marginal, pretende ser interpretado como um espaço esculpido por baixo do paredão, que se funde com a dureza do betão maciço e tectónico da infraestrutura do porto.

O acesso ao Centro de Investigação é feito por uma entrada a meio, recuada e coberta, com frente para o porto. A partir de um átrio central, de um lado é desenvolvido o corpo destinado à investigação, organizado por um corredor de distribuição nas traseiras, sendo constituído por salas de trabalho, laboratório de investigação, administração e sala de reuniões, com frente para o Porto de Pesca. O construído é composto por chaminés de luz que introduzem iluminação natural nos espaços.

No corpo que acompanha o túnel da Calheta são desenvolvidos os espaços de cafeteria, comunicando diretamente com a passagem exterior e uma sala polivalente que invade o vazio da Calheta, onde no topo é rasgado um grande vão que emoldura as Lógeas da Ribeira. Em cima, o avanço da sala polivalente que se prolonga sobre o vazio da Calheta, cria um alargamento do passeio e uma bolsa que serve como um espaço de paragem e de contemplação, desta vez não sobre o mar, mas sobre a Calheta e as Lógieas da Ribeira.

A nova construção, no que toca às materialidades pretende assumir o betão armado estrutural, plástico e aparente, integrado com o carácter sólido e consistente da estrutura de engenharia hidráulica do Porto de Pesca. Visualmente pretende fazer parte integrante da dureza do paredão e do porto, sendo rasgado pontualmente por vãos com remates metálicos que iludem suportar todo o peso da marginal.

Reconverter as Lógeas



087. As Lógeas da Ribeira e o rasgo proposto na fachada do Armazém pequeno, Ilustração, 2016

35. BAEZA, A – *Principia Architectonica*. 2013, P.67

As Lógeas da Ribeira do século XVII, classificadas como património, constituem o elemento mais notório do lugar, tanto pelo seu valor histórico enraizado na cultura e identidade do sítio, como pela sua implantação singular no terreno. A sua reabilitação e reconversão sugere logo à partida um compromisso de proteção, razão pela qual se propõe uma intervenção cuidada e pertinente.

Como elementos de maior valor arquitetónico acolhem o programa cultural principal do Centro de Interpretação e Investigação do Mar. Nos vários pisos ao longo dos dois armazéns são desenvolvidas salas de exposição e atividades artísticas, formativas e didáticas ligadas ao culto do mar e pesca. O projeto pretende que os armazéns funcionem como uma peça articuladora central que interliga e unifica toda a proposta. Deste modo, através de um percurso interior pretende-se interligar todos os pisos e salas do conjunto, funcionando como um museu em percurso desde da cota alta da Rua do Forte até a cota baixa do vazio da Calheta.

Com a reabilitação das Lógeas da Ribeira, no exterior pretende-se manter o carácter pesado e sólido das paredes grossas de alvenaria de pedra rebocadas e caiadas, que são pontualmente rasgadas por pequenos vãos e frestas nas fachadas. No interior através de intervenção leve pretende-se evitar uma excessiva alteração dos espaços, permitindo acolher um novo uso cultural, mas preservando o seu carácter próprio sem adições excessivas.

Deste modo no interior, pretende-se preservar e evidenciar a estrutura vernacular e rudimentar composta por pilares de troncos circulares, vigas com encaixe embutido na parede e travamentos de madeira empenados como peças constituintes da riqueza da sua arquitetura. A estrutura tosca e singular é a “alma” do edifício, a partir da qual juntamente com as paredes grossas de alvenaria de pedra se faz a leitura e o entendimento do seu carácter e identidade.

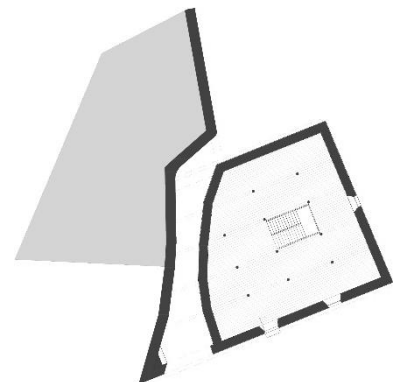
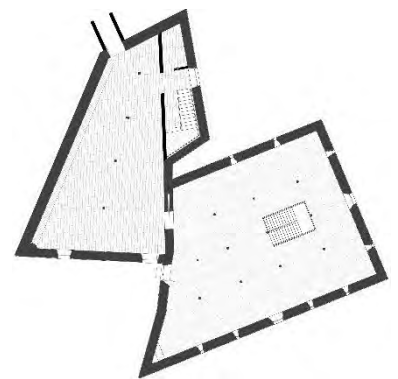
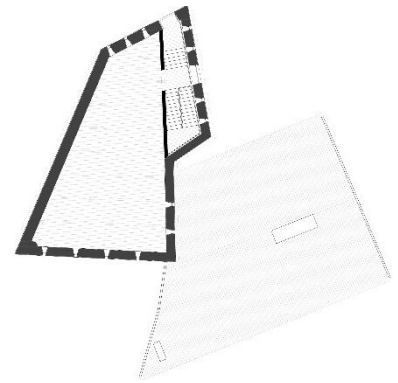
No armazém a norte, aproveitando a variante espacial formada pela saliência da parede virada a nascente é desenvolvida uma caixa de escadas que faz a interligação entre os dois pisos, composta por uma escada leve que se agarra e se esconde por detrás de dois painéis de madeira. Em busca da iluminação da escada através da relação com a fachada, são ligados os dois vãos no alçado nascente, criando um grande rasgo de cima a baixo recriando o antigo vão do projeto original.

São mantidos todos os vãos e frestas originais do armazém, sendo no piso inferior, na parede enviesada a norte, rasgado um túnel por baixo do Caminho do Forte. Esta opção permite uma ligação interior ao programa cultural do novo construído da Ribeira de Cima. De forma a estabelecer o livre percurso interior é também aberta uma passagem que estabelece a ligação entre os dois armazéns.

No piso inferior é mantido o pavimento em tijoleira burro e o banco corrido que acompanha a parede. A estrutura composta pelos pilares, vigas embutidas nas paredes e elementos de travamento a 45°, em madeira que suportam o pavimento do piso superior são preservados e reforçados. No piso superior, o pavimento de soalho em mau estado de conservação é substituído. A estrutura que suporta o telhado de duas águas, constituída por um conjunto de oito asnas de tesoura simples paralelas entre si, juntamente com o sistema de ripas é preservado e reforçado, contudo a cobertura é impermeabilizada, o teto forrado a madeira e as telhas substituídas.

No armazém principal, a partir da ideia do rasgo existente na abóbada de canhão entre o piso térreo e o primeiro piso, o projeto prolonga o buraco aos outros pisos abrindo um rasgo nos pavimentos de cima abaixo do edifício, onde desenvolve uma escada de madeira, de dois lances solta e leve que percorre o construído no meio do espaço e interliga os vários pisos do edifício. A escada desenhada entre os troncos e vigas de madeira de forma a preservar a estrutura original pretende visualmente fundir-se com as peças heterogêneas e toscas, surgindo entre os pilares e as tábuas de travamento como se fizesse parte integrante da estrutura. Numa procura de iluminar a escada é aberto no telhado uma clarabóia que através de um fosso de luz marca e ilumina toda a caixa de escadas.

Para estabelecer a ligação interior entre o primeiro piso e o piso térreo, aproveitando o terreno por debaixo do túnel entre os armazéns é escavado um corpo retangular anexo ao edifício composto por uma escada de tiro, um túnel de acesso e por instalações sanitárias que servem o programa.



088. Armazém pequeno, piso superior
Ilustração, 2016

089. Armazém pequeno, piso inferior e
Armazém principal último piso
Ilustração, 2016

090. Armazém principal, segundo piso
Ilustração, 2016

No piso térreo são reabertos os dois arcos que permitem o acesso pelo vazio da Calheta, sendo também reaberta a entrada lateral rasgada no Molhe do Revelim a sul pela marginal. No interior são demolidas as infraestruturas do antigo viveiro de marisco e o pavimento substituído por tijoleira burro de forma a permitir acomodar o novo programa, mantendo a cobertura abobadada. Nos pisos intermédios e no último piso, toda a estrutura é preservada, os pavimentos são substituídos e a cobertura impermeabilizada.

As ambiências criadas pretendem manter a autenticidade e identidade dos armazéns. As paredes são pintadas de branco, juntamente com os painéis de madeira e os tetos dos pisos superiores, de forma a clarificar as asnas, as vigas e os pilares empenados que ganham força e afirmam-se no espaço.

Tendo em conta os fatores necessários para o funcionamento do edifício de forma a ser utilizado e acomodar o programa cultural proposto, a ventilação dos armazéns é feita pelas frestas, onde são substituídos os antigos vidros e caixilhos de chumbo, por janelas batentes com caixilhos de alumínio, permitindo assim a ventilação e a climatização dos armazéns. Desempenhando um carácter expositivo, também foi necessário criar mecanismos de controlo de luz natural, de forma a permitir, consoante a necessidade da exposição a entrada ou privação de luz, interferindo na maneira como vemos e sentimos o espaço. Deste modo são introduzidas portadas de madeira interiores.

Ao desenvolver o projeto, foi também necessário ter em conta a infraestruturização do edifício como parte integrante da arquitetura. A ventilação da casa de banho no piso térreo é feita através de um fosso que se estende até a cobertura. A rede elétrica para a iluminação do armazém a norte, percorre pelo interior da parede falsa de painéis de madeira da caixa de escadas proposta, sendo redistribuída para as asnas no piso superior e para as vigas do piso inferior, de forma a libertar as paredes grossas de alvenaria de pedra para a sua instalação. No armazém principal, a distribuição é feita através de uma corete vertical num dos cantos que faz a ligação à cobertura e aos tetos ao longo de todo o edifício. A iluminação artificial pretende através de um sistema de calhas sobre as asnas e vigas dos tetos e coberturas, permitir variados tipos de iluminação.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido para o Lugar da Ribeira e para a Calheta procurou uma total compreensão do lugar singular e fascinante no extremo poente de Sines, propiciando um interesse enorme pelo entendimento deste universo onde se cruza o mar, o território, a paisagem, o património e a arquitetura.

Em paralelo com a investigação, dada a falta de conteúdos e dados para a compreensão do objeto de estudo, foi feita uma extensa análise do território, passando pelos campos da geografia e geologia como base. Para a compreensão do património e das pré-existências, neste caso, a Calheta e as Lóginas da Ribeira foi elaborado ao longo do trabalho um levantamento cuidado e demoroso por métodos tradicionais *in situ*.

A história rica do lugar pela qual me envolvi levou-me a uma incessante procura na compreensão do valor do sítio, onde as viagens a Sines, ao Arquivo e ao Museu no Castelo foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. A leitura social e antropológica, em contacto diretamente com a atividade da pesca e a comunidade de pescadores e marinheiros de Sines, desempenhou neste processo um papel estratégico, uma vez que são eles que melhor conhecem, sentem e amam o lugar.

Deste modo, a investigação histórica facilitou a perceção e a lucidez sobre o património. A leitura formal permitiu a descoberta do diálogo de comunicação entre o lugar, o edificado, o mar e a paisagem. A leitura antropológica com uma componente fenomenológica forneceu pistas sobre a identidade e personalidade pela qual o lugar se mostra e quer ser, pistas essenciais para a realização da nova arquitetura em conformidade com o contruído existente e com o sítio.

Neste sentido, a proposta incide em três planos diferentes, na Ribeira de Cima, na Ribeira de Baixo, na Calheta e suas Lógeas, funcionando como um todo, tanto a nível formal, como a nível programático, segundo uma solução de conjunto e integridade. O Projeto restabelece a ligação entre a Ribeira e a margem, entre a Calheta e o mar. Onde a terra e o mar se encontram, onde a arriba e a água se tocam, é redescoberta a sua identidade como porta entre a cidade e a margem.

Em suma, propõe-se transformar este lugar esquecido, confuso e sem relação com a cidade, à margem de Sines, num novo espaço central na vida da urbe e da comunidade. Através de um programa sociocultural e científico pretende-se potenciar o reconhecimento dos valores culturais, históricos e sociais ligados aos rituais do mar e da pesca, valorizando a identidade do lugar e a sua manutenção como espaço de memória e como porta de ligação entre os dois “mundos”: a terra e o mar.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, José – Cor e cidade histórica. Estudos cromáticos e conservação do património. FAUP, Porto: FAUP, 2005
- AL BERTO – O Medo. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997
- ANDO, Tadao – Pensé sur l' espace souterrain. In L'architecture d'aujourd' hui N° 340, maio-junho 2002 p.58-67
- ANDRESSEN, Sophia de Melo Breyner – Ilhas. Lisboa: Texto Editora, 2011
- ANDRESSEN, Sophia de Melo Breyner – Histórias da Terra e do Mar. Lisboa: Texto Editora, 1989
- AUGÉ, Marc – Não-Lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Bertrand Editora, 1994
- BAEZA, A. – Principia Architectonica. Lisboa: Caleidoscópio, 2013
- CAMPOS, Cláudia – Sines. In Índia. [S.l]: [s.n]. nº único, 1898
- CARVALHO, Alcídio – Porto de Sines: Porta Atlântica da Europa. Sines: APS, AS, 2005
- CONSELHO DA EUROPA: Guidance on urban rehabilitation. Estrasburgo: CE, 2014
- CHOAY, Françoise – Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2013
- CHOAY, Françoise – Urbanisme, Utopies et Réalités. Paris: Edit. Seuil, 1965
- DE GRACIA, F. – Construir en lo construido, La arquitectura como modificacion. Madrid: Nerea, 1992
- DIEGUES, António Carlos – A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. Etnográfica, Vol. III (2), 1999
- FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge – Caminho do Oriente – Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, 1999
- FOLGADO, Deolinda – *“A Memória ao Negro” ou a salvaguarda como reduto da memória in Património*. Lisboa: Estudos nº6, 2004

- GREGOTTI, Vittorio – Introdução ao estudo da cultura tectónica. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1998
- GUEDES, Lívio – *Aspectos do Reino de Portugal nos Séc. XVI e XVII, a “descrição” de Alexandre Massai (1961): II Tratado. Separata do 58.º volume do Boletim do Arquivo Histórico Militar. Lisboa: Arquivo Histórico Militar, 1989*
- GUIMARÃES, João – *Cidade Portuária, o Porto e as suas constantes mutações*. Lisboa: ParqExpo, 2008
- HENRIQUES, Fernando – *A Conservação do Património Histórico Edificado*. Lisboa: LNEC, 1991
- LÓPES, Francisco Luiz – *Breve Notícia de Sines, Patria de Vasco da Gama*. Lisboa: Na Typographia do Panorama, 1850
- LOUREIRO, Adolfo – *Os Portos Marítimos de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1909
- LYNCH, Kevin – *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1982
- Machado, José Pedro – *Dicionário de Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto Editora, 1968
- MADEIRA, João – “Os corticeiros e o sindicalismo em Sines”. In *História*, primeira série, nº142, Julho de 1991
- MONTANER, Josep Maria – *A Modernidade Superada, a arquitectura, arte e pensamento do século XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil S.A., 1997
- NORBERG-SCHULTZ, Christian – *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli, 1980
- PAIVA, J.; AGUIAR, J.; PINHO, A. – *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. Lisboa: LNEC-INH, 2006
- PEREIRA, Nuno; Mestre, Vítor – *Património Construído: Reconverter para conservar*. Lisboa: APAI, 1990
- PEREIRA, Luz – *Reabilitar o Urbano ou como Restituir a Cidade à Estima Pública*. Lisboa: LNEC, 1987
- PORTAS, Nuno – *Água, Cidades e Frentes de Água*. Lisboa: APL, 1998

PROAP – *Concursos perdidos, lost competitions*. Lisboa: Perez Soc-Tip, 2011

QUARESMA, António – *Alexandre Massai: a 'Escola Italiana' de Engenharia Militar no Litoral Alentejano (séculos XVI e XVII)*. Lisboa: Centro Cultural Emmerico Nunes, 2008

RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1987

RIBEIRO, Orlando – *Portugal: Posição geográfica e o território*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1986

SCHAMA, Simon – *Landscape and Memory*. London: Harper Collins, 2004

SILVA, Júlio Gomes – *Quadros da minha terra – II os Penedos*. Renovação. Sines, nº 7, 15 de Novembro de 1931

SOLEDADE, Arnaldo – *Sines, Terra de Vasco da Gama*. Sines: Câmara Municipal de Sines, 1990

TORRES DE CARVALHO, Alcídio Ferreira – *Porto de Sines, Porta Atlântica da Europa, APS*. Sines: SA, 2005

ZUMTHOR, Peter – *Atmospheres*. Basel, Boston, Berlin: Birkhauser– Publishers for Architecture, 2006

ZUMTHOR, Peter - *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005

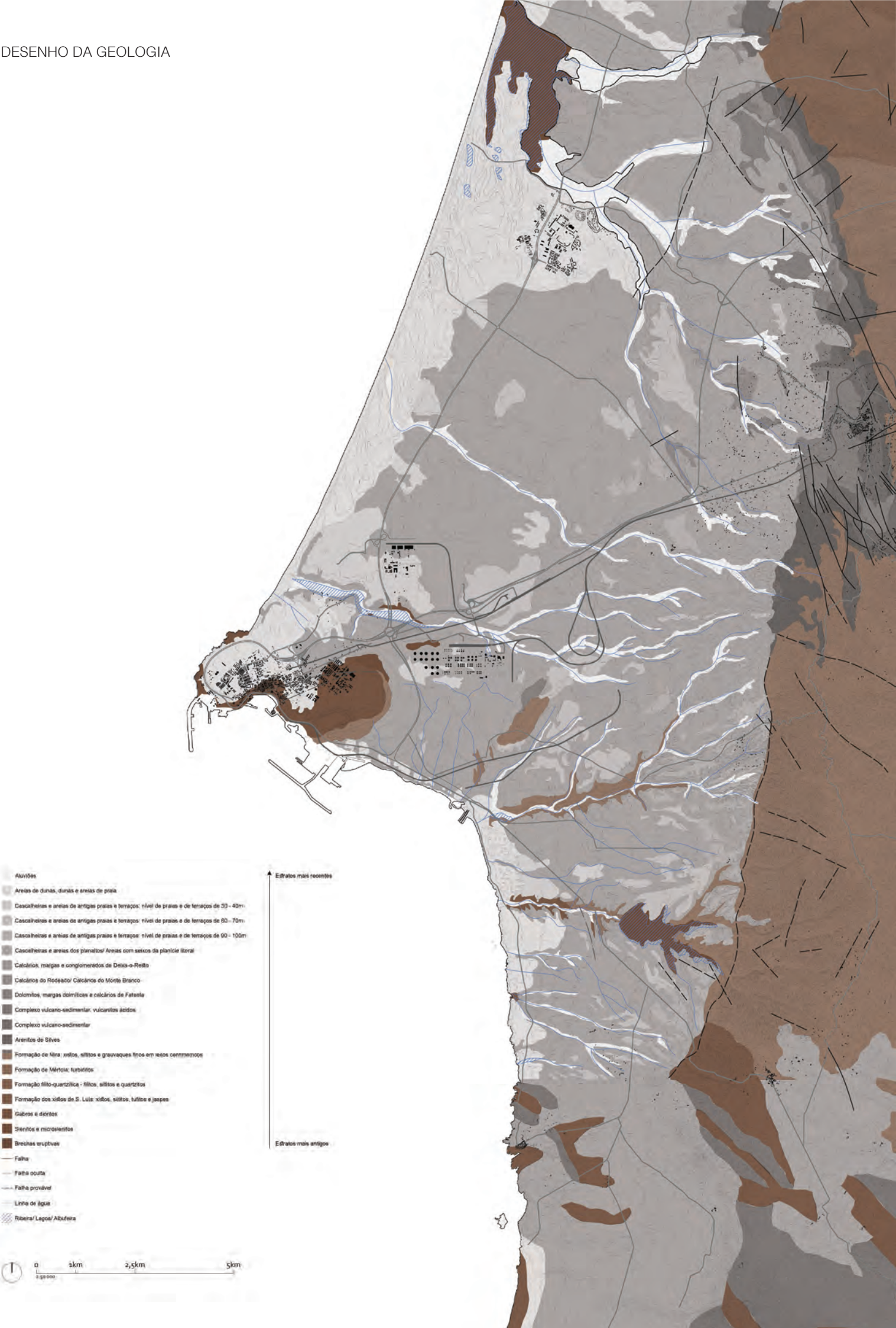
ANEXO I

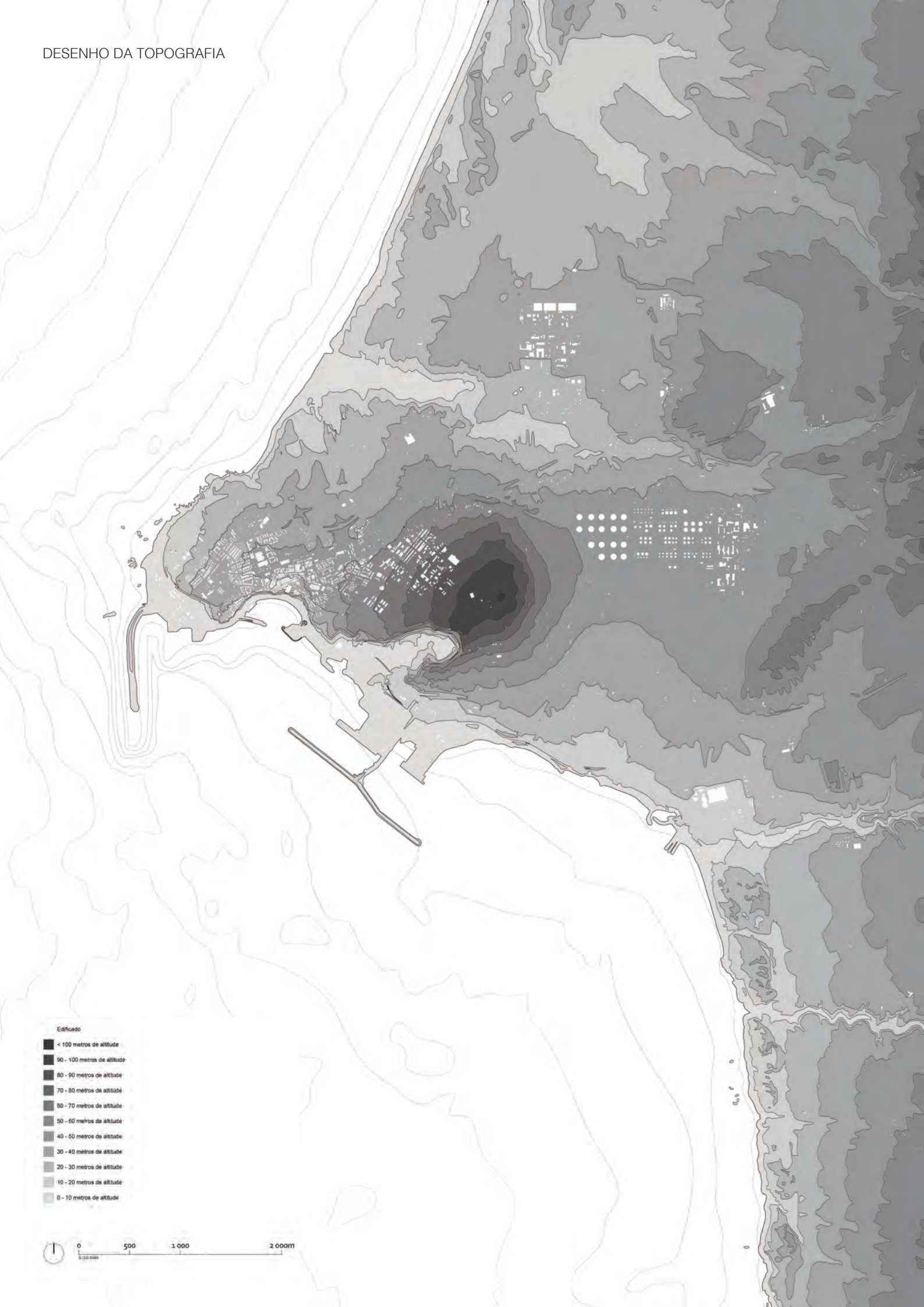
CADERNO DE ANÁLISE DO TERRITÓRIO



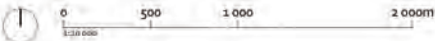
O Território

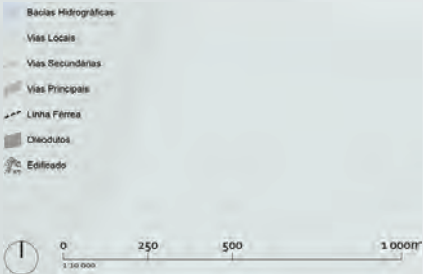
SINES 1940, fotografia aérea
IGeoE – Instituto Geográfico do Exército
Centro de Informação Geoespecial do Exército



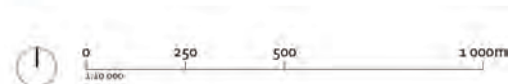


- Edificado
- < 100 metros de altitude
 - 90 - 100 metros de altitude
 - 80 - 90 metros de altitude
 - 70 - 80 metros de altitude
 - 60 - 70 metros de altitude
 - 50 - 60 metros de altitude
 - 40 - 50 metros de altitude
 - 30 - 40 metros de altitude
 - 20 - 30 metros de altitude
 - 10 - 20 metros de altitude
 - 0 - 10 metros de altitude



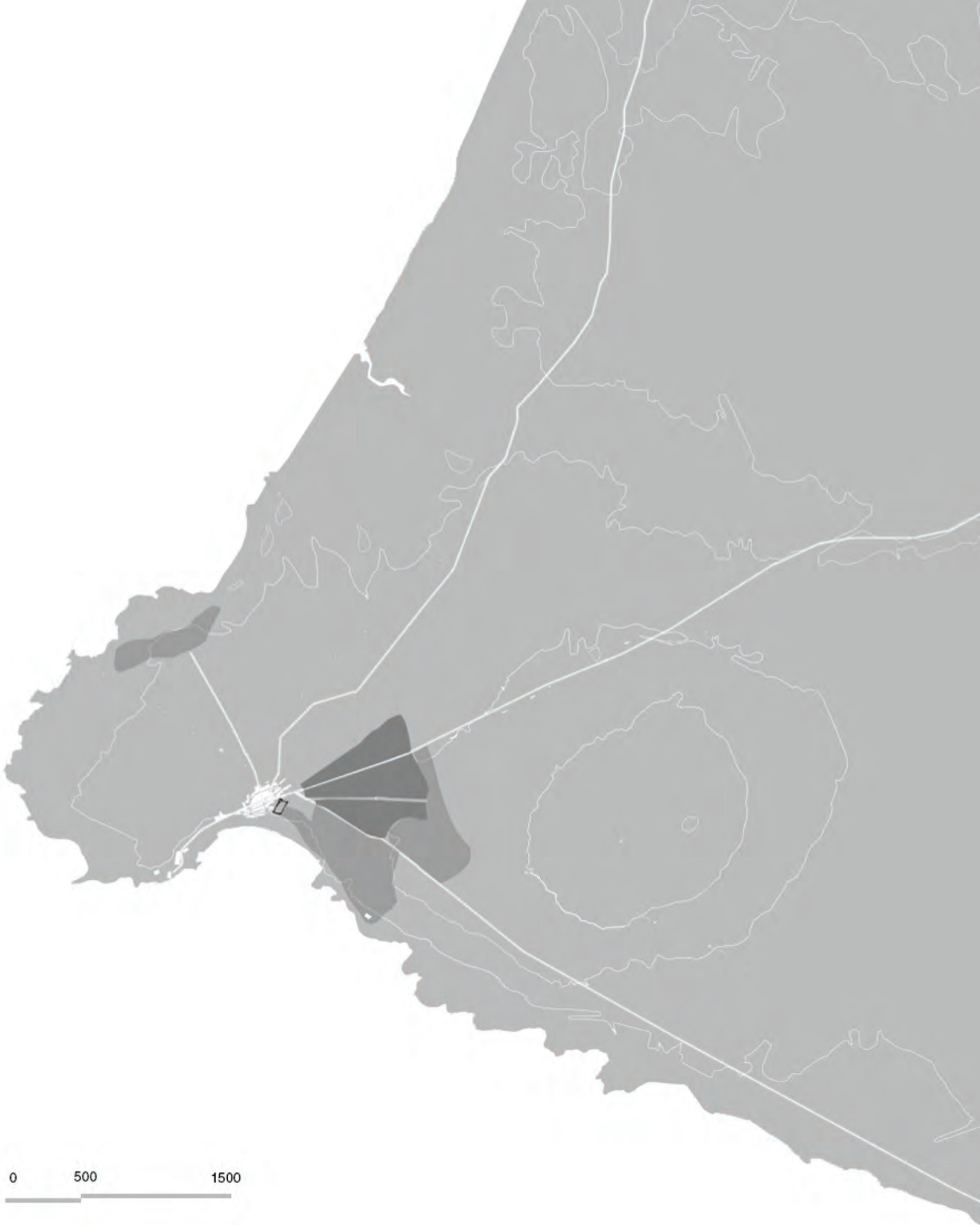


- Território Sines
- Zonas Industriais
- Serviços da APS
- Área de Jurisdição da APS
- Vias Locais
- Vias Secundárias
- Vias Principais
- Linha Férrea
- Oleodutos
- Edificado





A EVOLUÇÃO DO TERRITÓRIO
DA CIDADE-PORTO À CIDADE PORTO-INDUSTRIA

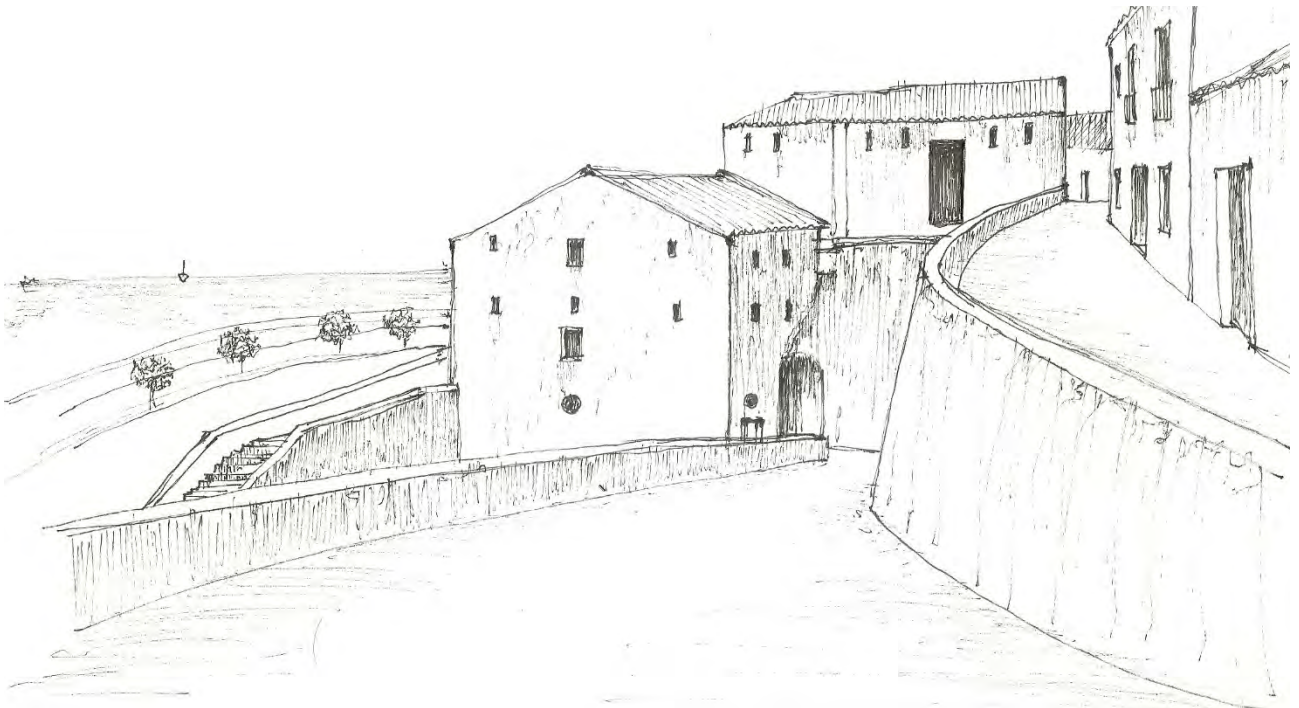
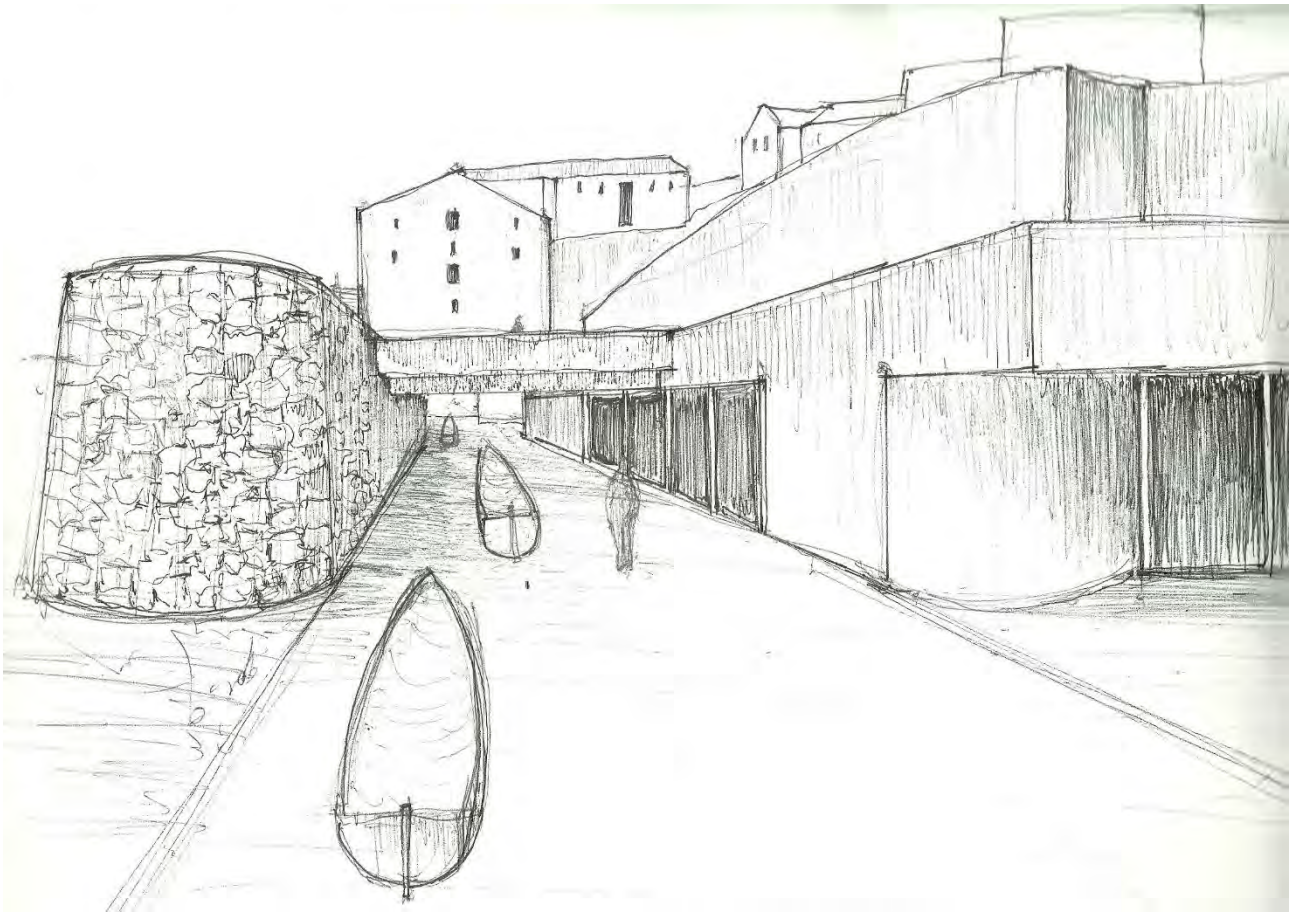


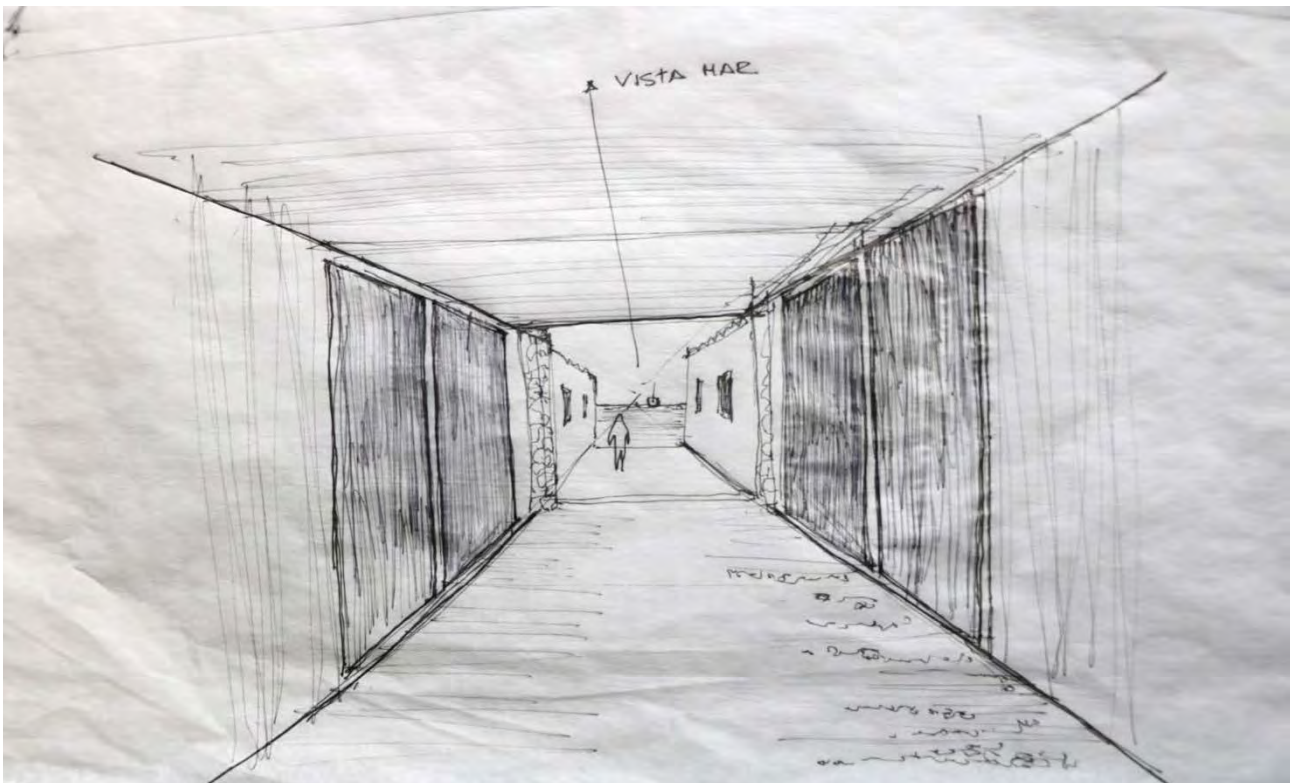
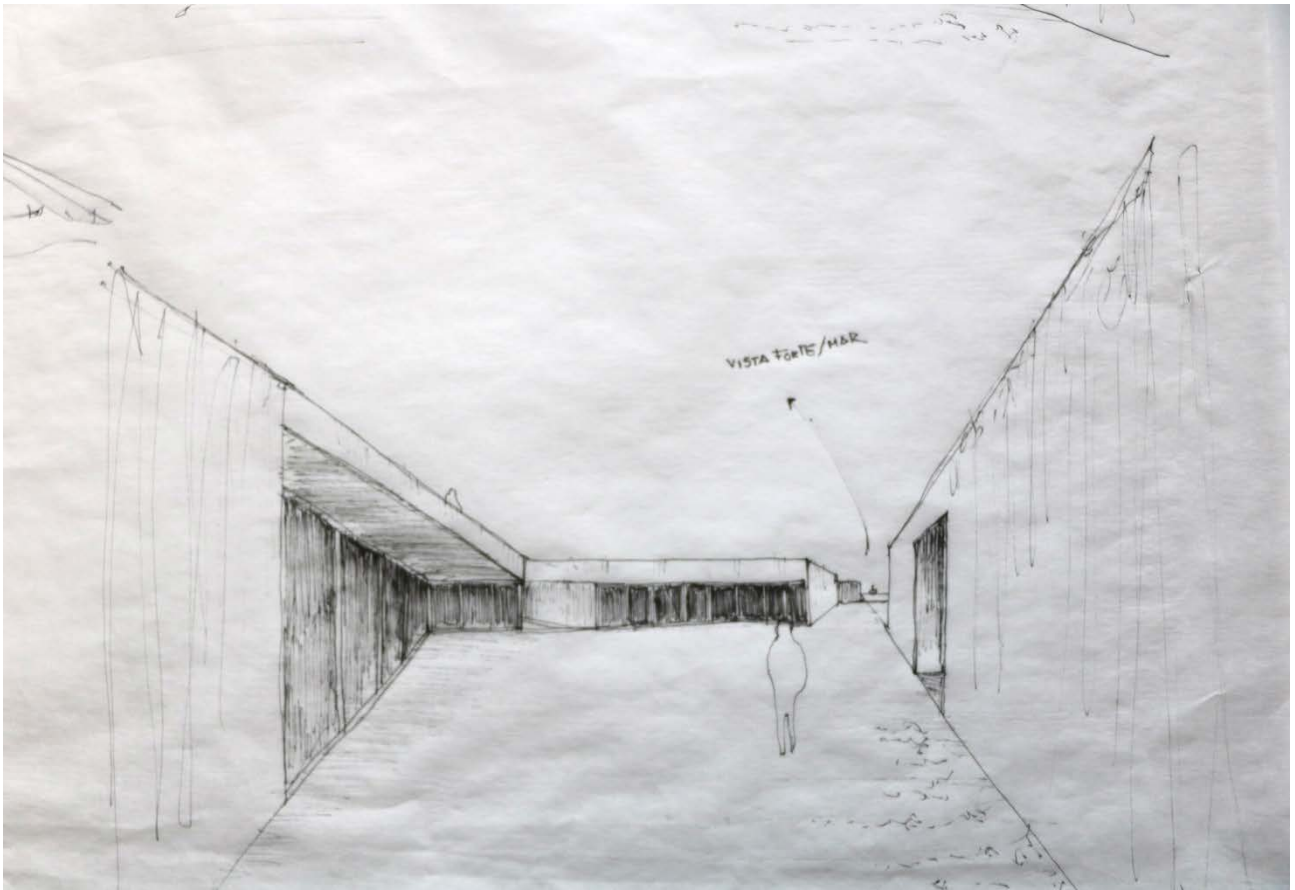


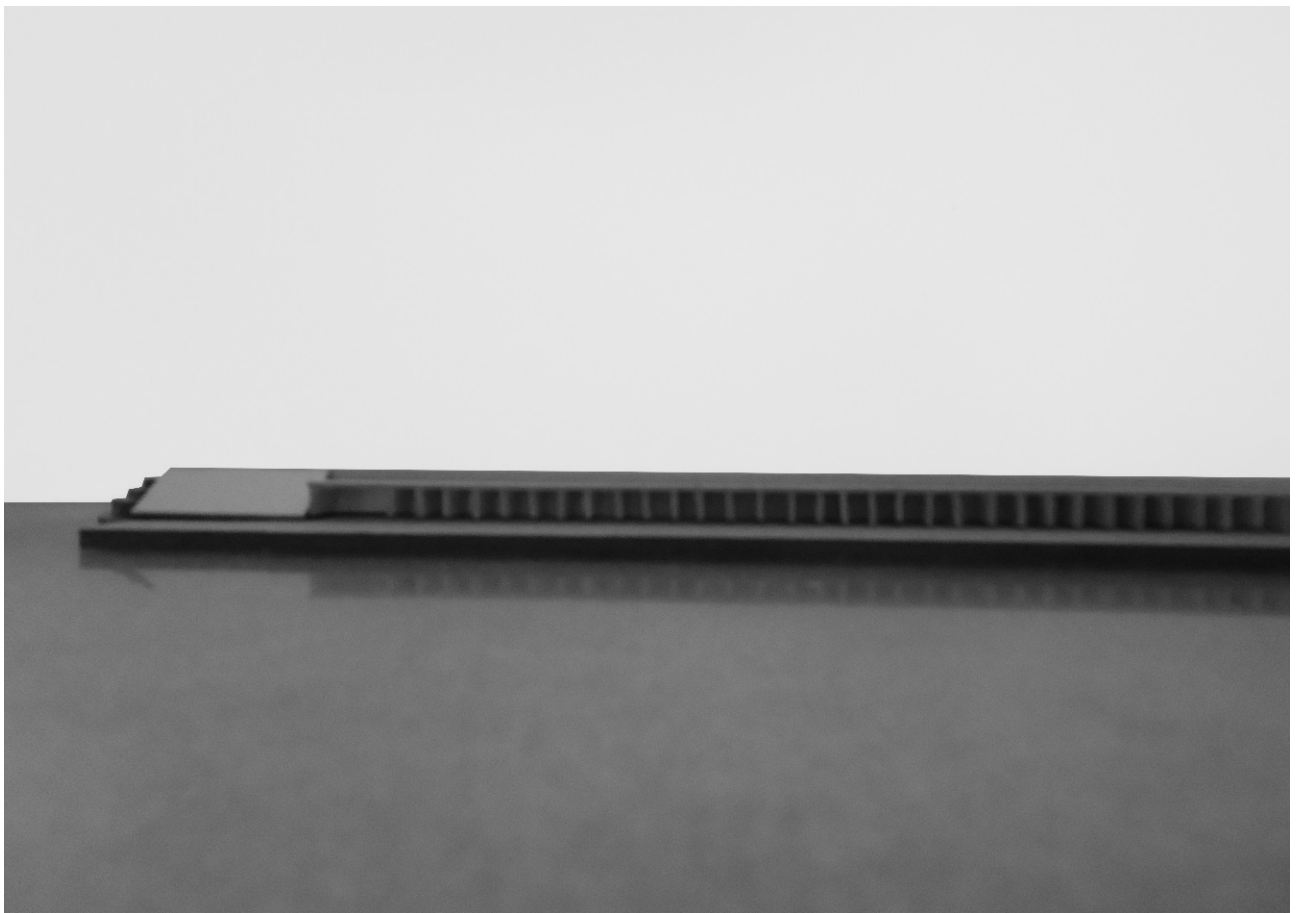
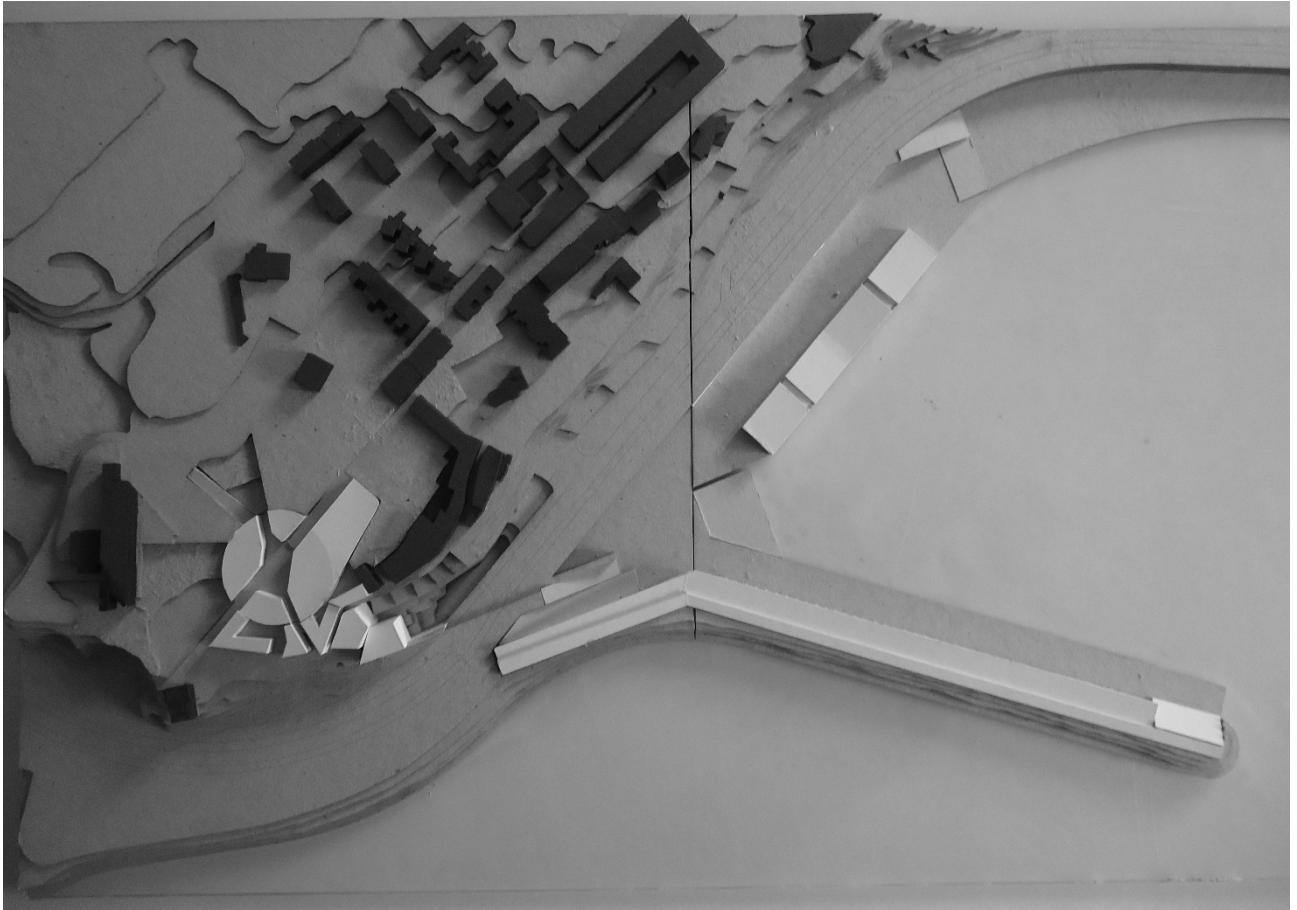


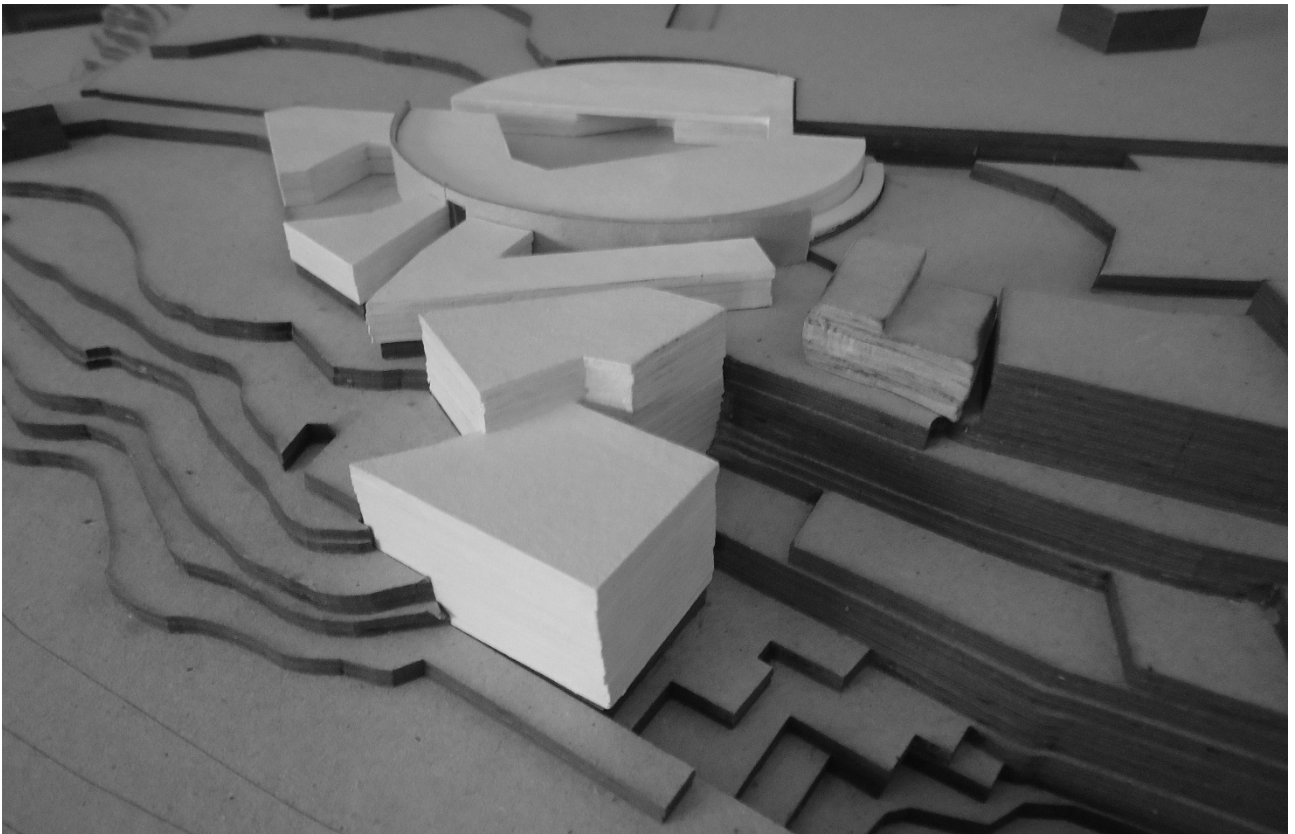
ANEXO II

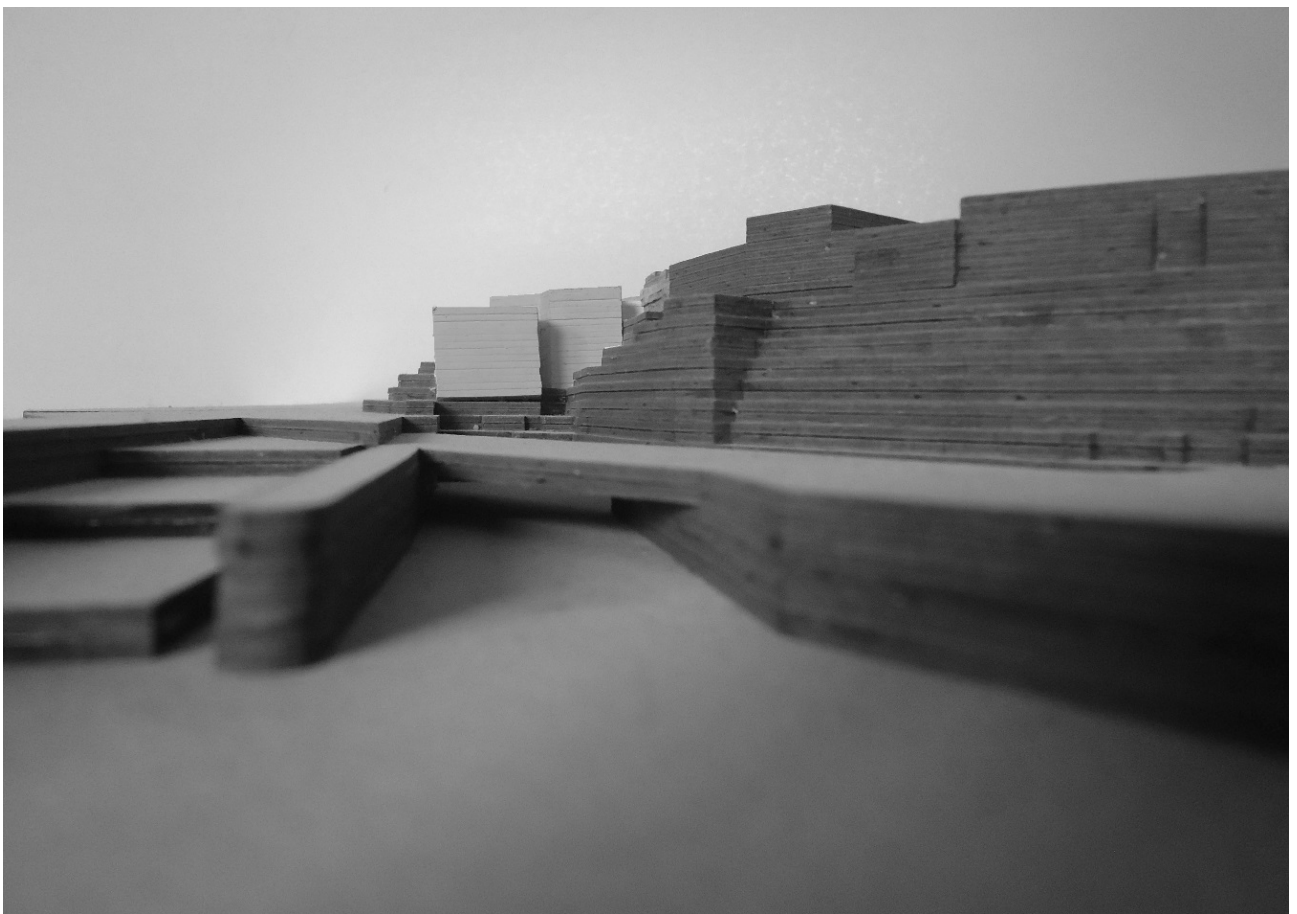
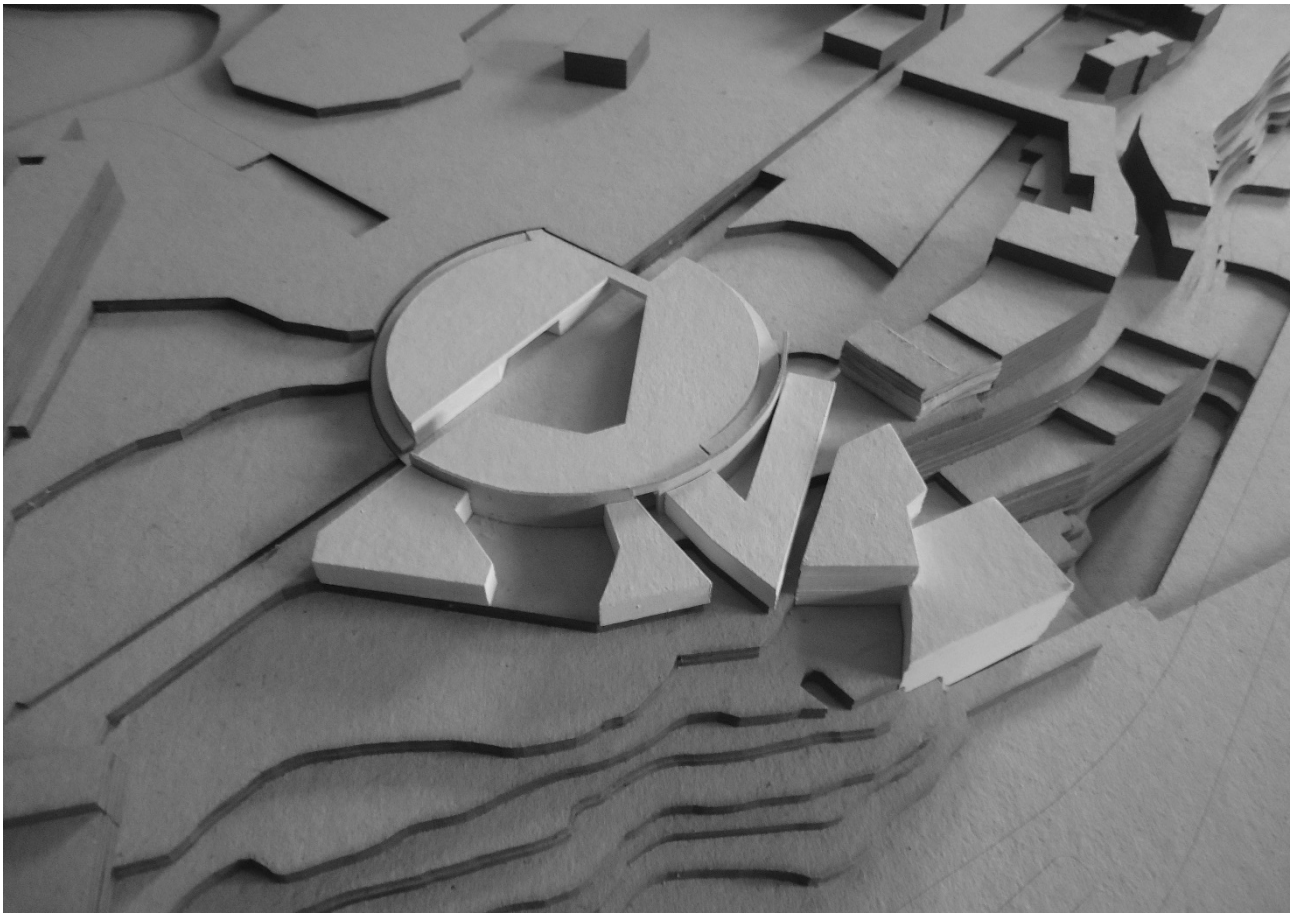
ESQUIÇOS, MAQUETES E PEÇAS DESENHADAS

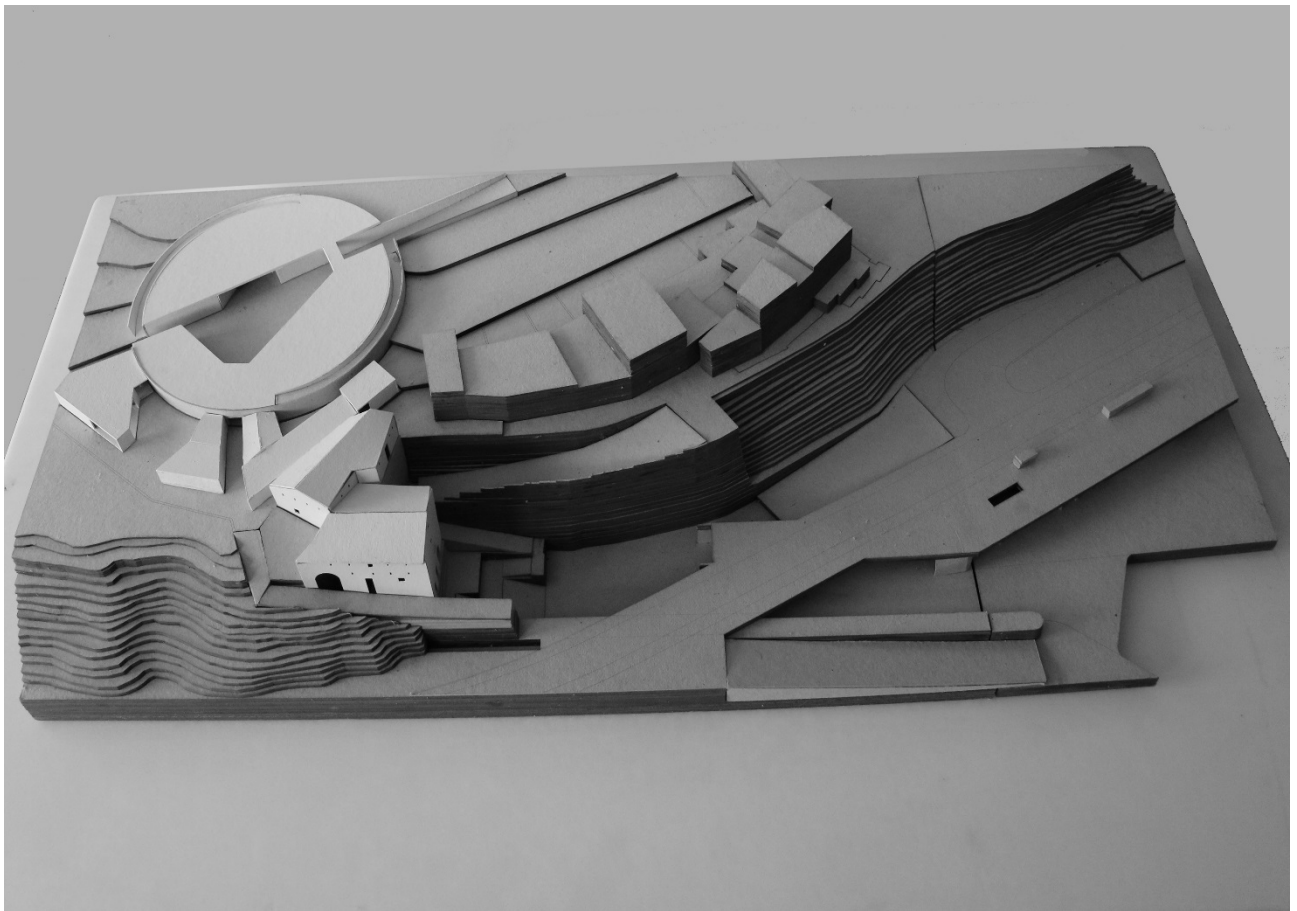
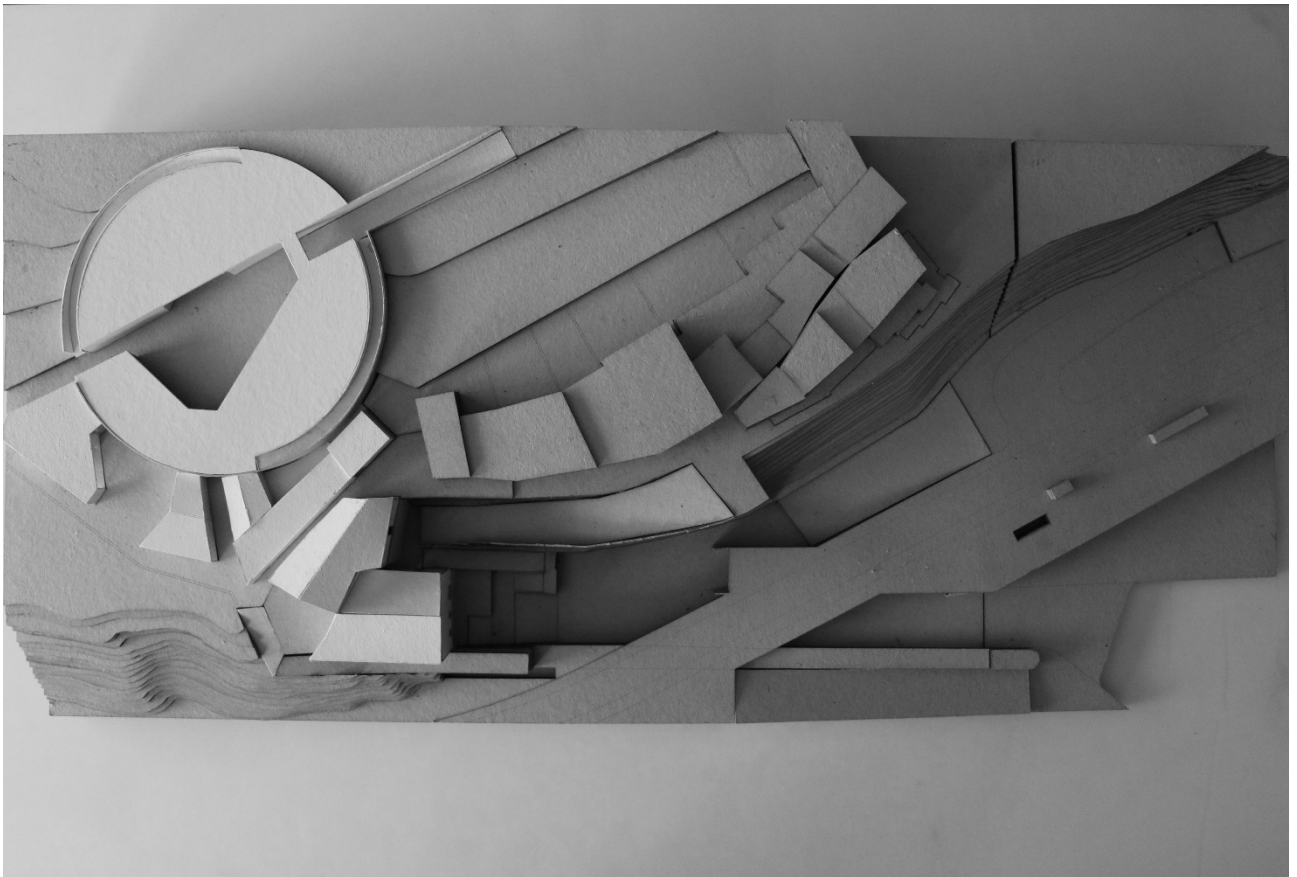














Praia do Norte, arco litoral de 65 km entre o Cabo de Sines e o estuário do Sado. Zona arenosa, composta por praias, depósitos de aluviões, sistemas de dunas, terraços e arribas rasgadas pela Ribeira dos Moinhos e pelos sistemas de lagoas de Sancha, Santo André e Melides.

A implementação do Complexo Industrial à margem, deve-se à proximidade dos terminais, a partir dos quais recebe a matéria prima. O polo Industrial estabelece a rutura entre os núcleos urbanos de Sines e Santiago do Cacém.

Agregado urbano que se desenvolve a partir do eixo rodoviário principal de ligação entre a cidade de Sines e o núcleo urbano de Santiago do Cacém.



A Vila Histórica e a cidade de Sines que nasceu sobre a arriba e cresceu a partir da relação com o mar, estando associada às atividades marítimas, portuárias e piscatórias.

O Terminal de Contentores de Sines, conhecido como terminal XXI, é um dos principais da Europa Atlântica. Estas Infra-estruturas de grande escala que ocupam a frente de mar, funcionam de forma autónoma sem relação com a cidade.

Áreas de jurisdição de APS- Administração do Porto de Sines, destinadas à expansão portuária, industrial e logística.

Corredor de São Torpes a Sagres, caracteriado por uma linha de costa de arribas e praias intercaladas, sistemas dunares, agulhas e ilhéus, onde se destaca a Ilha do Pessegueiro.

"Banha o dilatado Oceano a parte mais Ocidental da Província do Alentejo, que estende a sua costa desde o istmo, ou península de Troia (...) até ao cabo de S. Vicente, ou Promontório Sacro (...) Haverá vinte e cinco léguas, que se dilatam em praias, baías, rochedos, restigas, e cabos. No meio desta mesma distância está a antiga, e célebre Vila de Sines."
Francisco Luiz Lopes

Geograficamente localizado no sul do País destaca-se no litoral pela sua qualidade de fina terra, sendo no recorte litoral o mais notável acidente entre Setúbal e o Cabo de São Vicente, marcando o extremo poente do Alentejo. O promontório que invade o mar a norte e o abrigo natural formado na baía a sul fazem deste território um lugar singular. Ocupando uma posição estratégica, tornou-se num dos principais portos de águas profundas da Europa Atlântica e no principal ponto de paragem nas rotas comerciais entre Lisboa e o Mundo Mediterrâneo. Os atributos da baía estabeleceram as condições necessárias ao desenvolvimento de Sines enquanto cidade-porto e depois, enquanto cidade-porto-indústria. A cidade de Sines nasceu sobre a arriba e o porto cresceu sobre a enseada e é nesta relação vital entre o planalto urbano e o plano marítimo que vive Sines, e a partir da qual desenvolveu a sua identidade. Contudo o complexo industrial e portuário vem criar uma divisão entre duas unidades: por um lado a cidade habitada que pertence a um grupo de pessoas e por outro a cidade-máquina afirmando-se como um não-lugar e um território de ninguém. Deste modo, Sines vive hoje sobre um território antagónico por um lado marcado pelo "polo de crescimento" sobre um papel económico e político focado na troca de bens e serviços convertidos em valor acrescentado. Por outro lado marcado por um lugar enraizado em culturas e tradições, sobre testemunhos com valor histórico e patrimonial e por uma comunidade de marítimos que conserva e defende o seu modo de vida, na forma como se relaciona com o mar e ocupa o território.

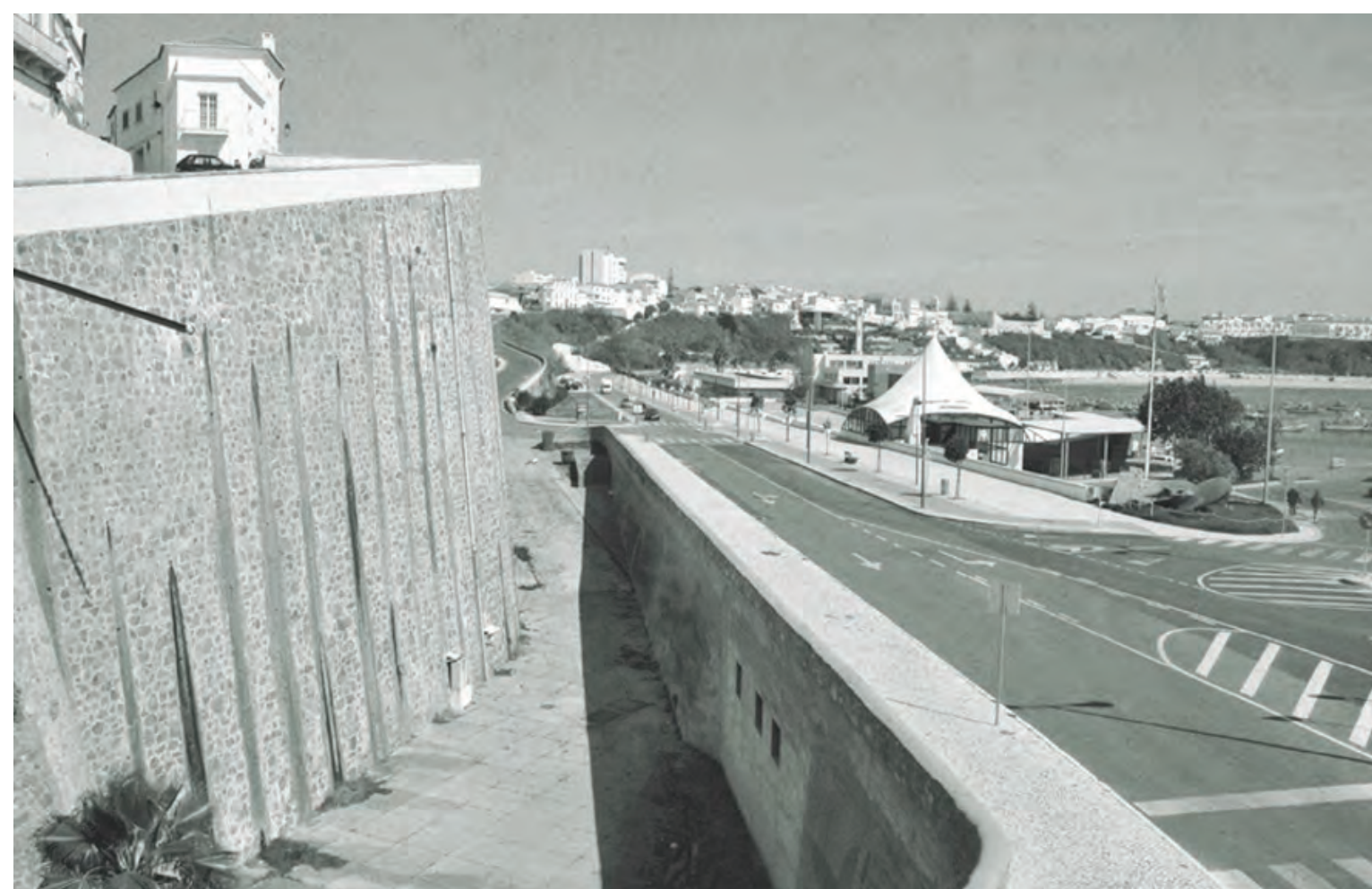
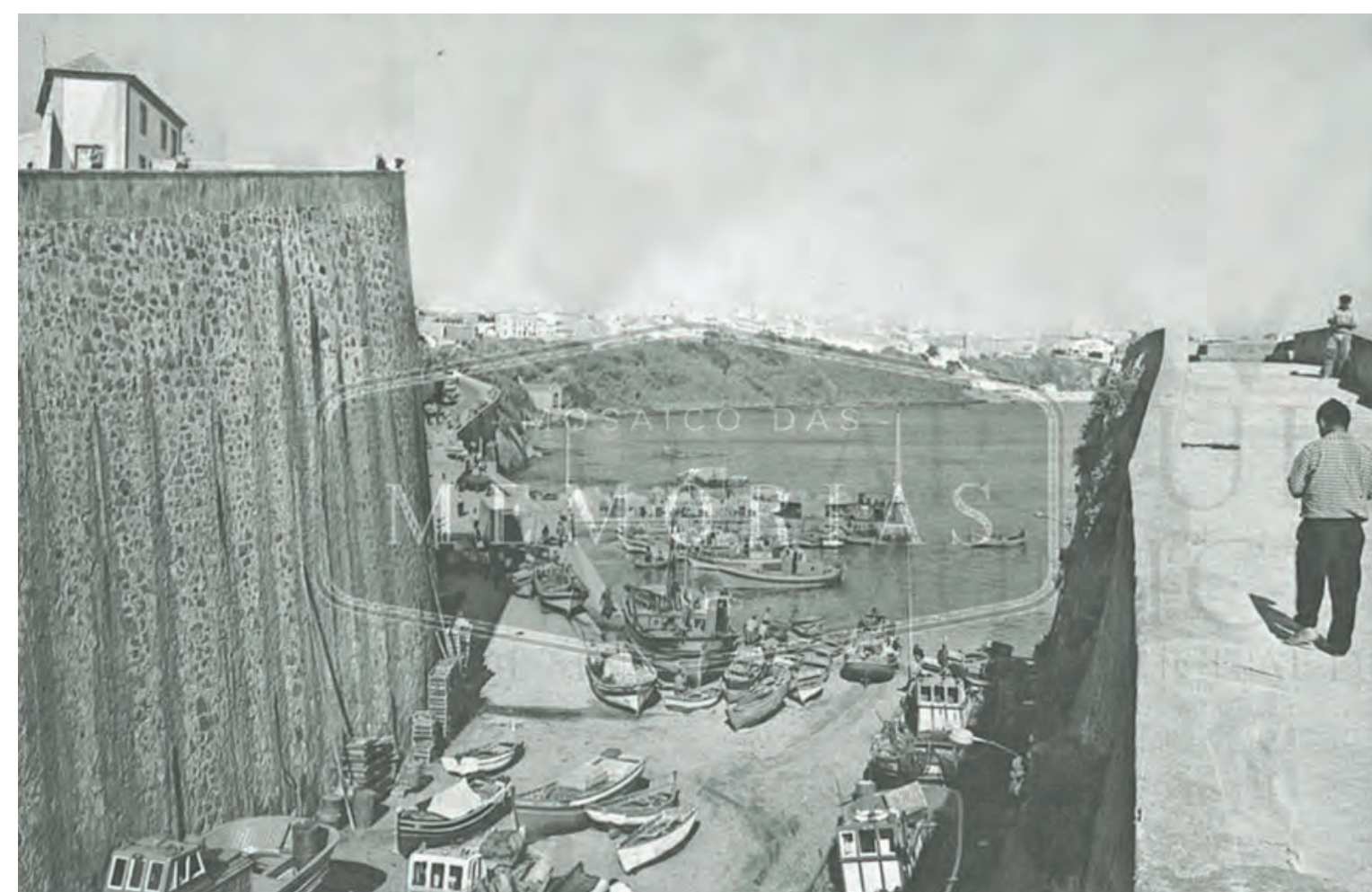
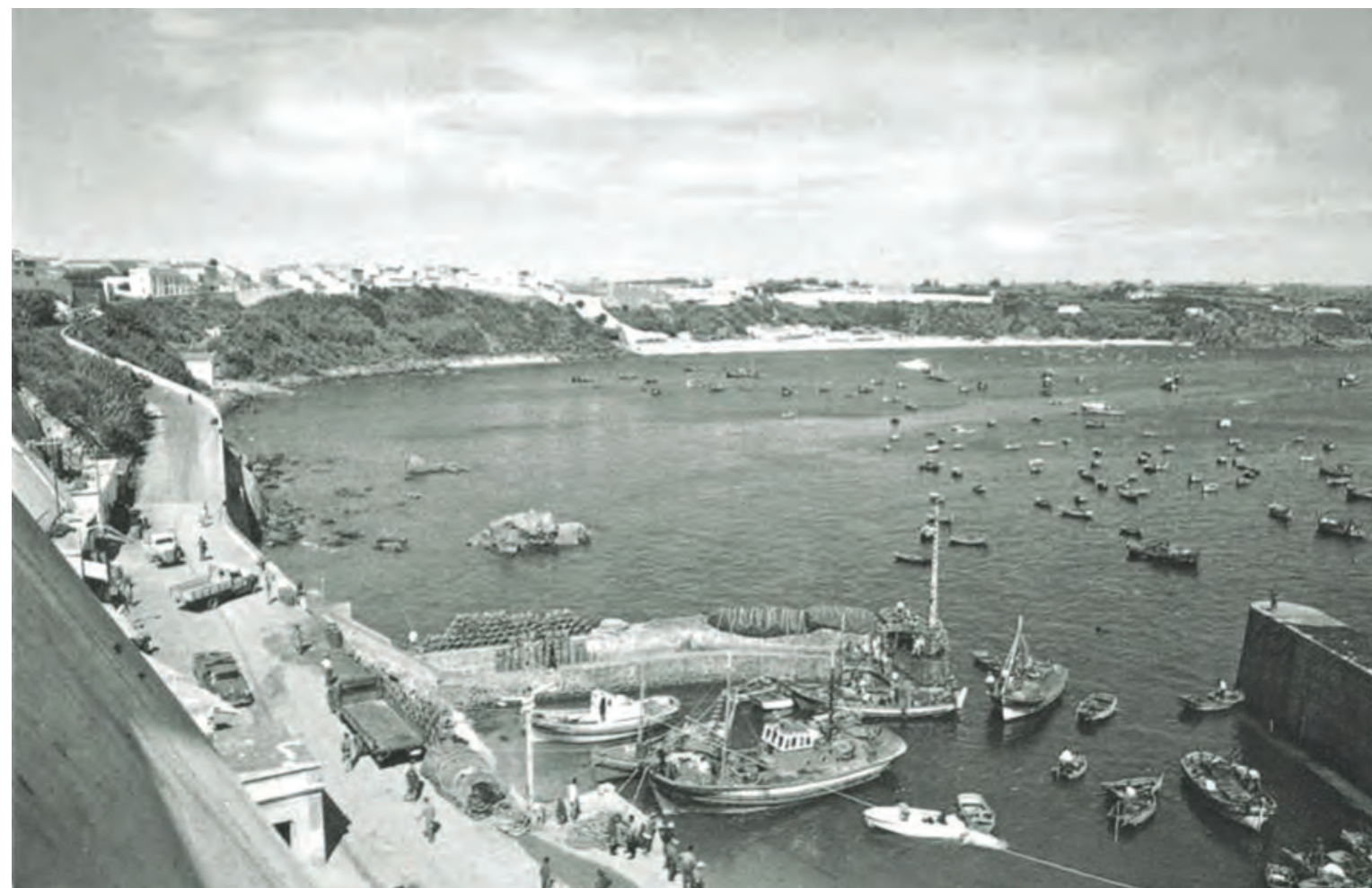
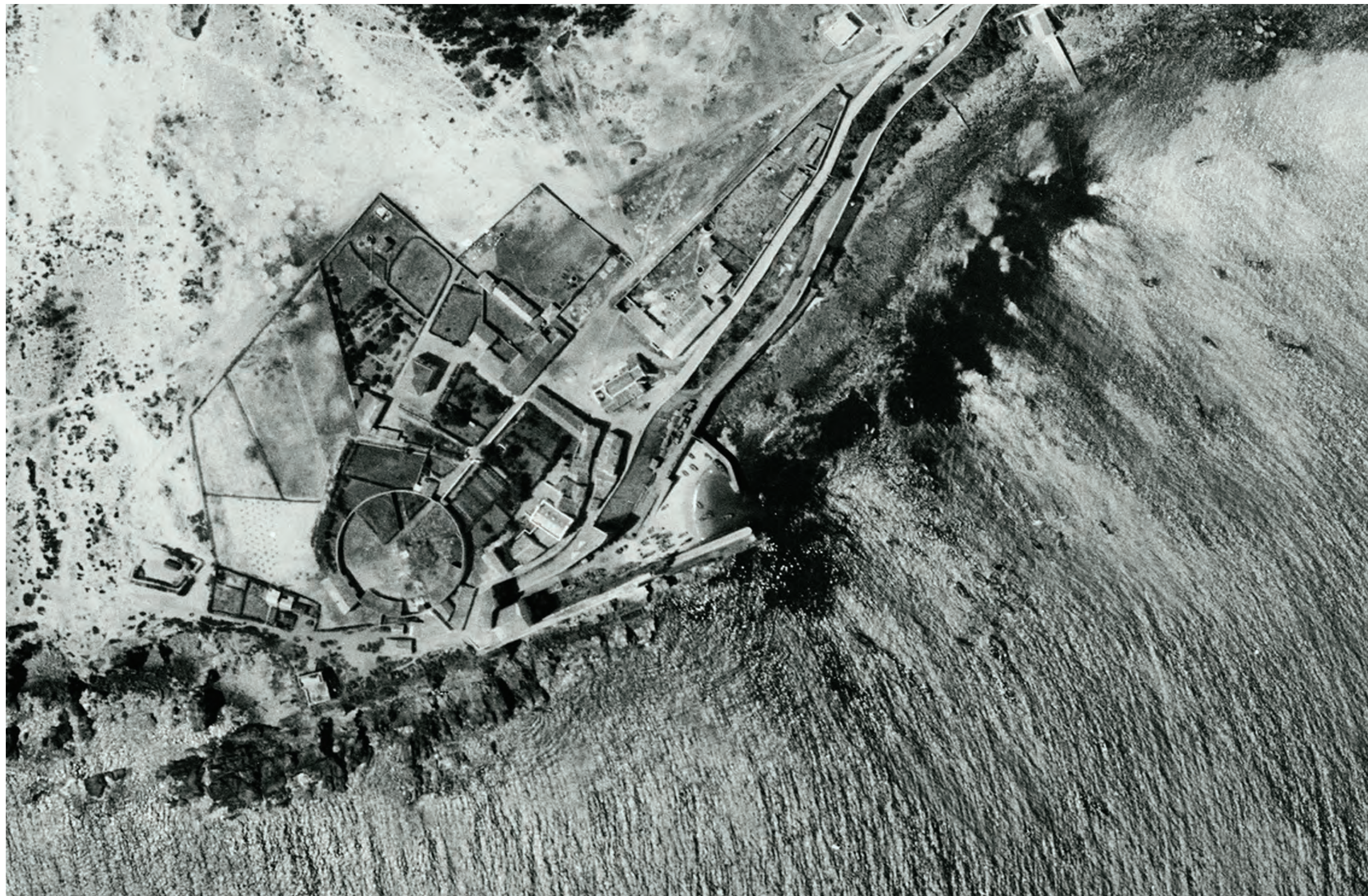
Petroquímica da ZILS

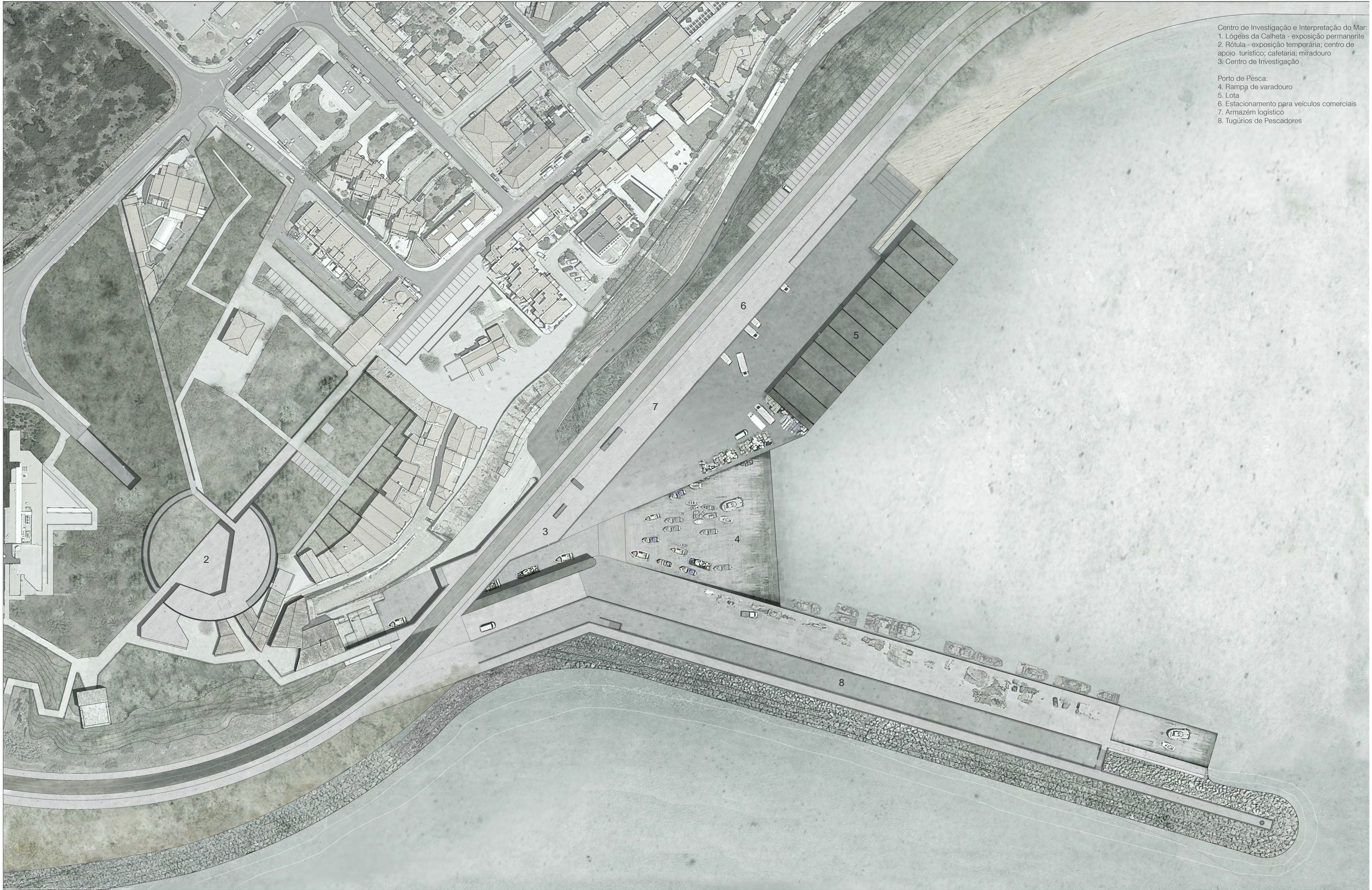
Refinaria da ZILS

Terminal XXI

Central Termoelectrica





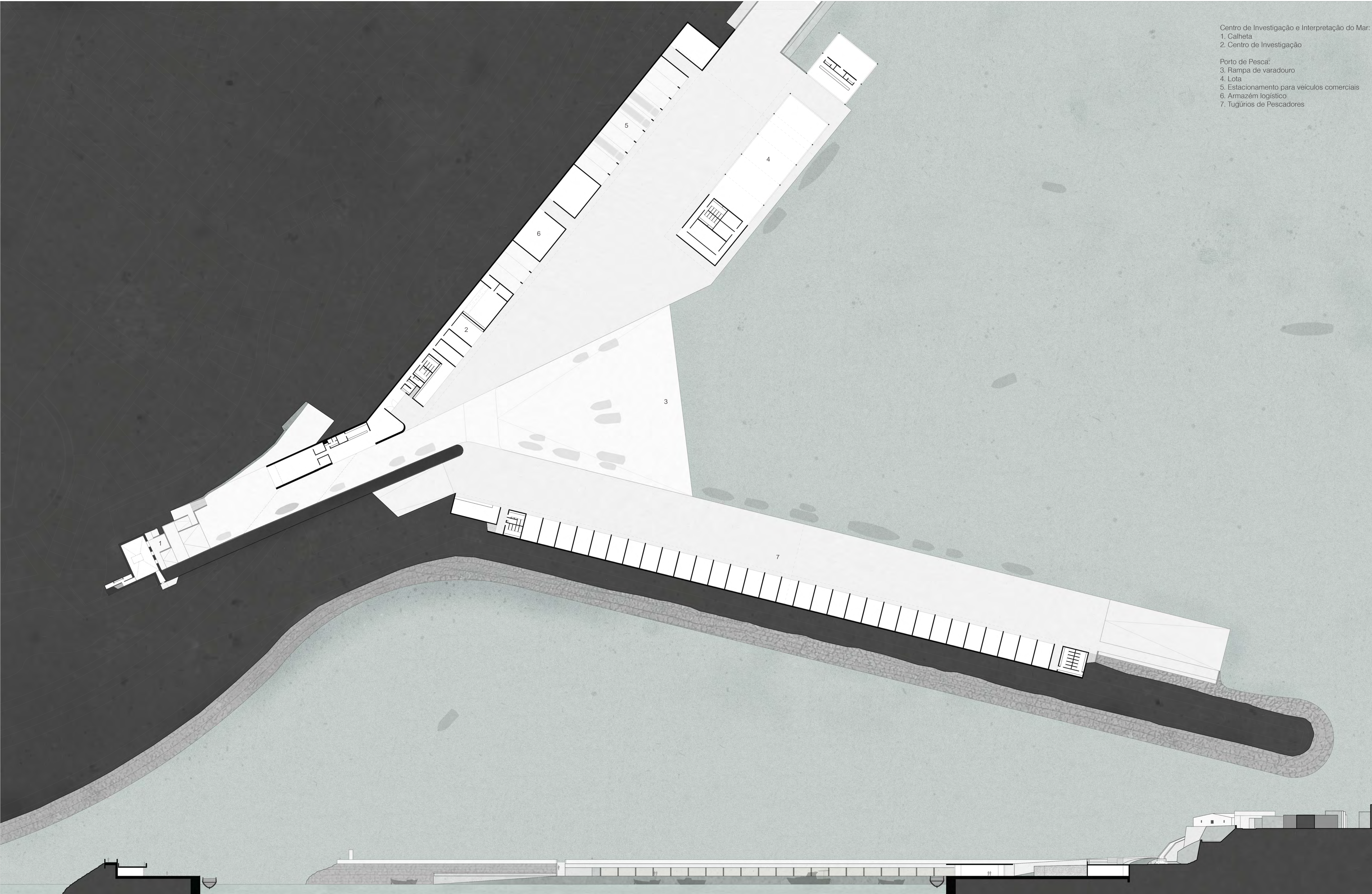


Centro de Investigação e Interpretação do Mar:
1. Lógeas da Calheta - exposição permanente
2. Rótula - exposição temporária; centro de apoio turístico; cafetaria; miradouro
3. Centro de Investigação

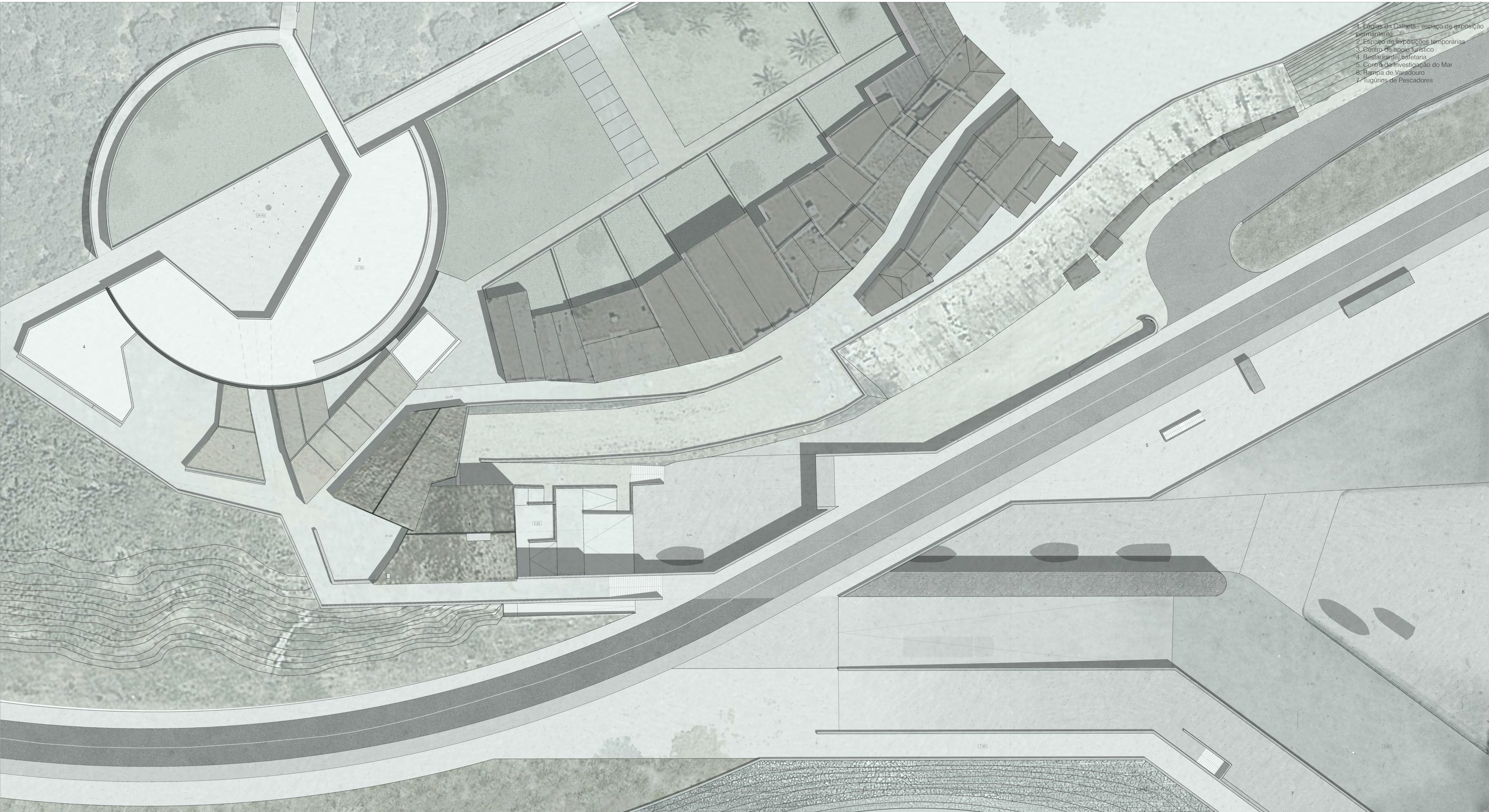
Porto de Pesca:
4. Rampa de varadouro
5. Lota
6. Estacionamento para veículos comerciais
7. Armazém logístico
8. Tugúrios de Pescadores

Centro de Investigação e Interpretação do Mar:
1. Calheta
2. Centro de Investigação

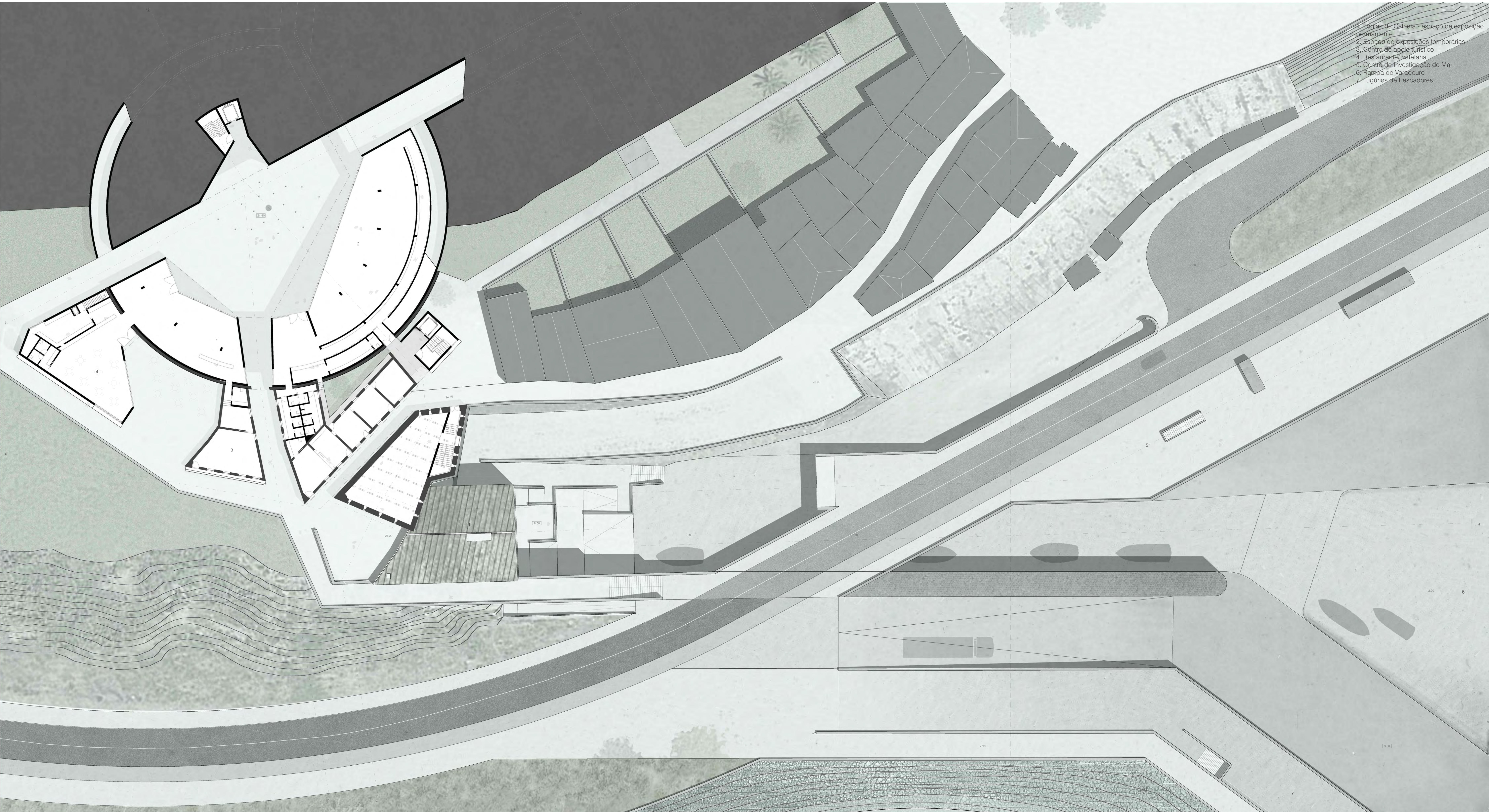
Porto de Pesca:
3. Rampa de varadouro
4. Lota
5. Estacionamento para veículos comerciais
6. Armazém logístico
7. Tugúrios de Pescadores



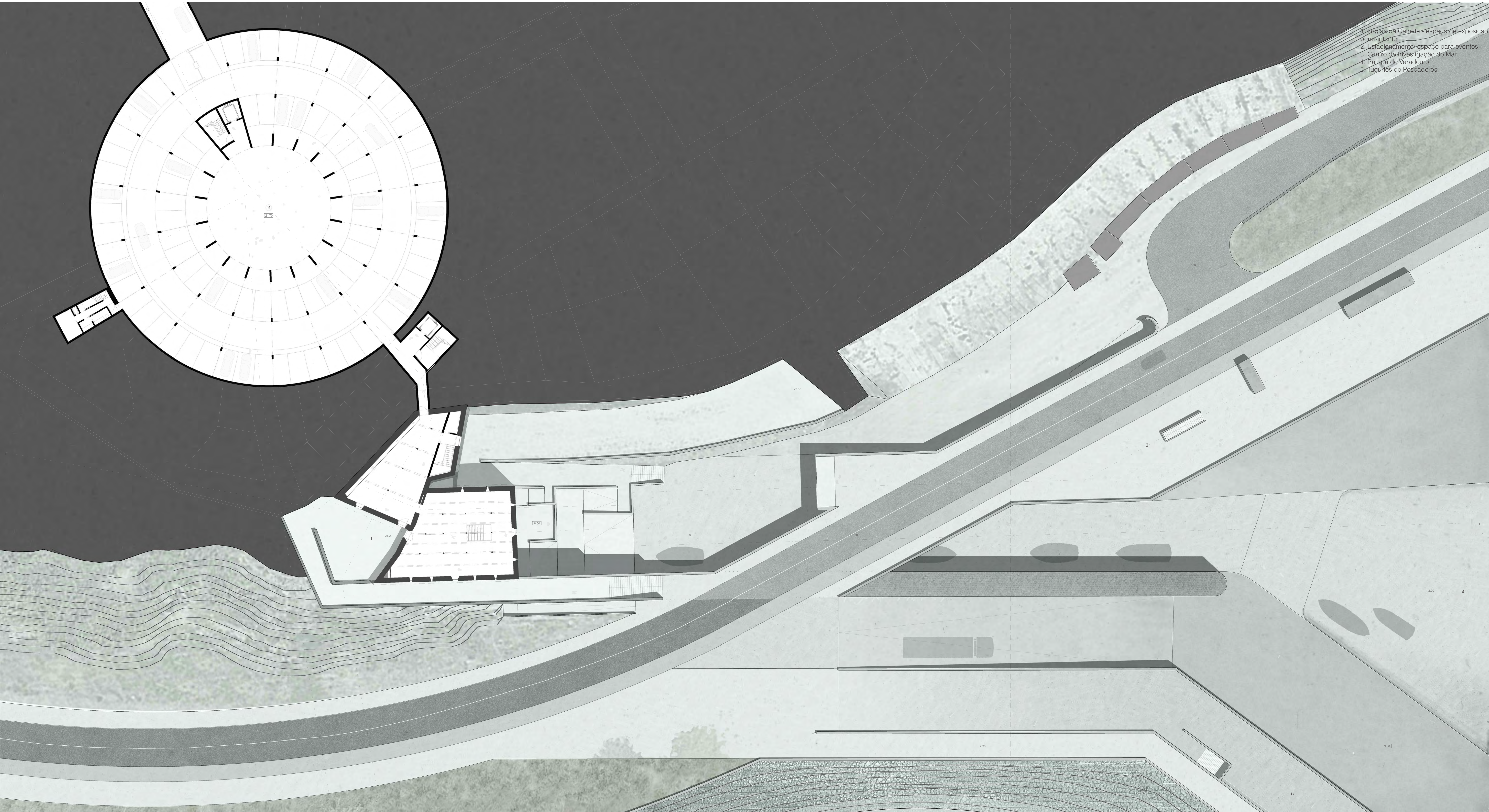
- 1. Lojas da Calheta - espaço de exposição permanente
- 2. Espaço de exposições temporárias
- 3. Centro de apoio turístico
- 4. Restaurante/cafetaria
- 5. Centro de Investigação do Mar
- 6. Rampa de Varadouro
- 7. Lugários de Pescadores



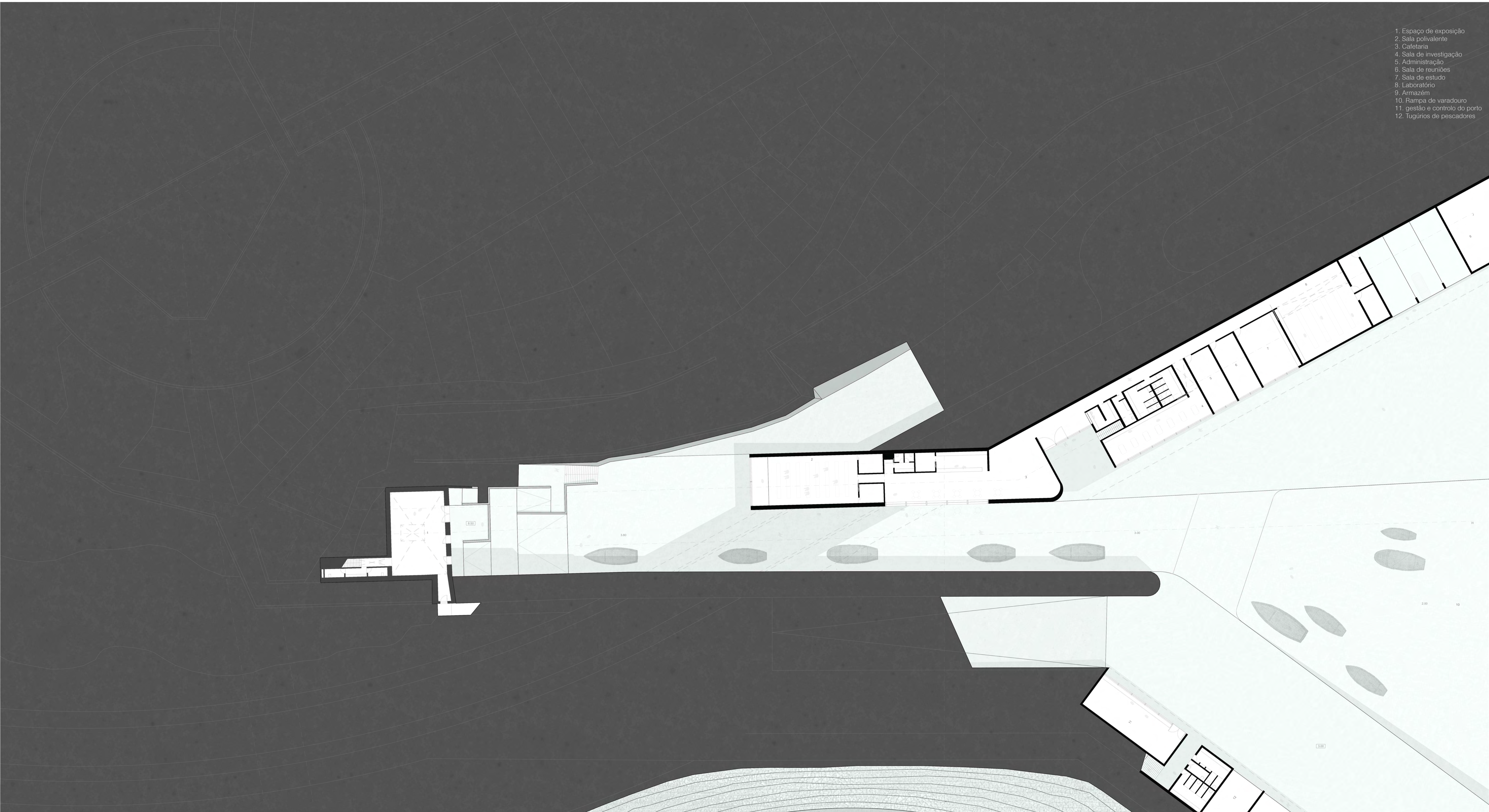
- 1. Logias da Calheta - espaço de exposição permanente
- 2. Espaço de exposições temporárias
- 3. Centro de apoio turístico
- 4. Restaurante/cafetaria
- 5. Centro de Investigação do Mar
- 6. Rampa de Varadouro
- 7. Lugários de Pescadores

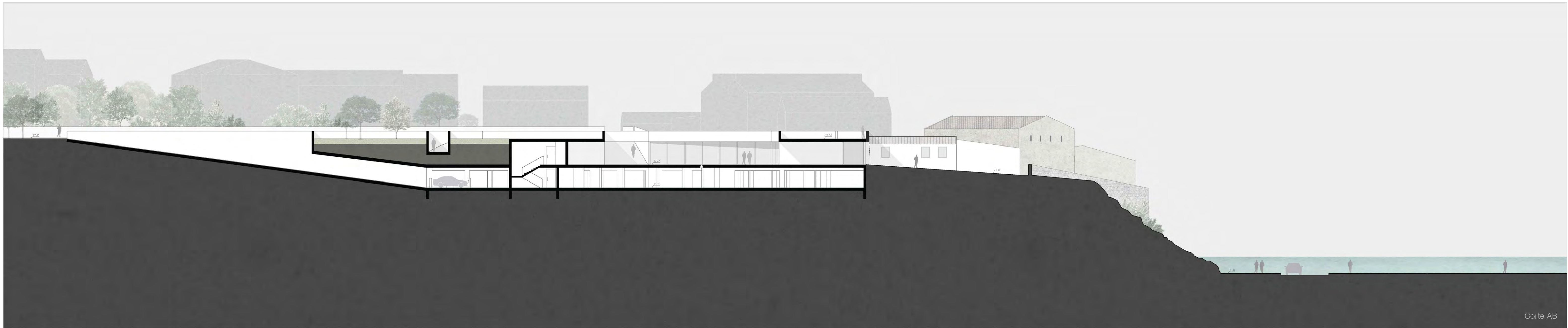


- 1. Logias da Calheta - espaço de exposição permanente
- 2. Estacionamento - espaço para eventos
- 3. Centro de Investigação do Mar
- 4. Rapana de Varadouro
- 5. Lugares de Pescadores

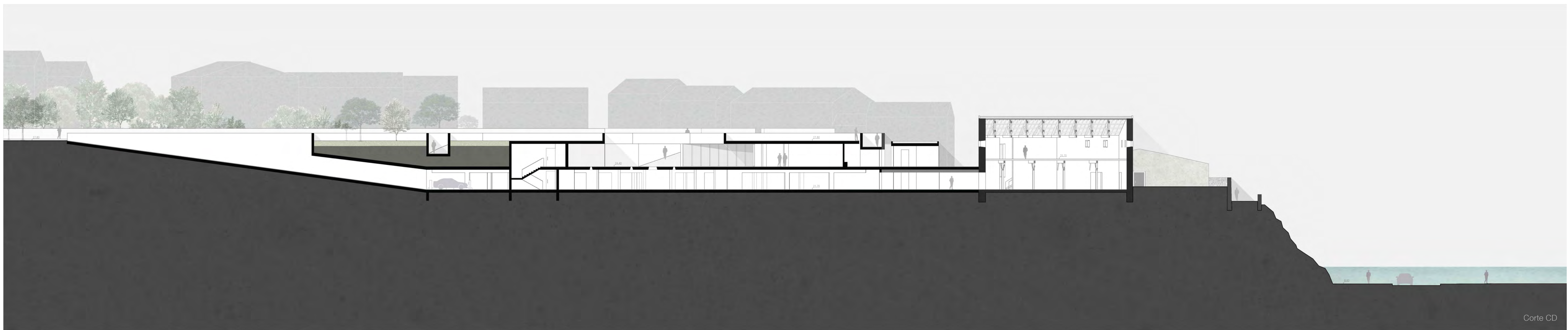


- 1. Espaço de exposição
- 2. Sala polivalente
- 3. Cafetaria
- 4. Sala de investigação
- 5. Administração
- 6. Sala de reuniões
- 7. Sala de estudo
- 8. Laboratório
- 9. Armazém
- 10. Rampa de varadouro
- 11. gestão e controlo do porto
- 12. Tugúrios de pescadores

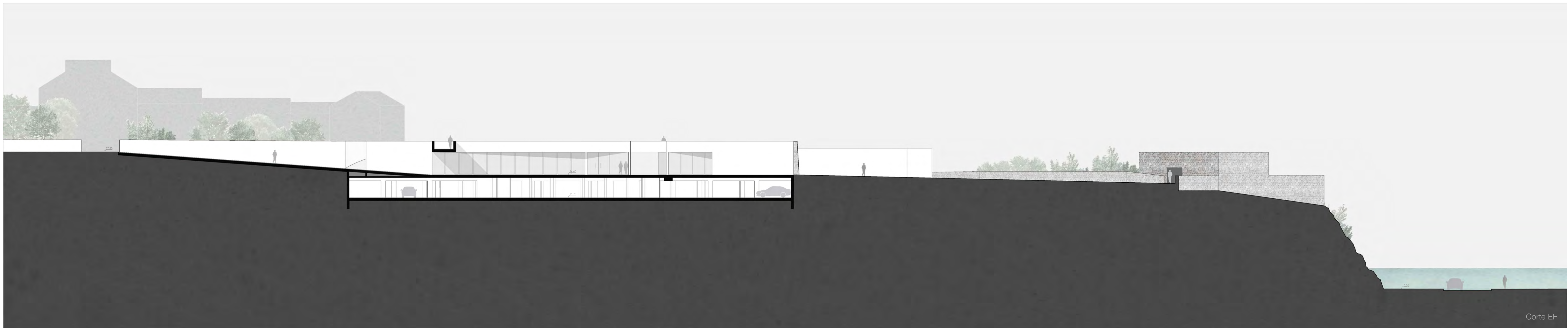




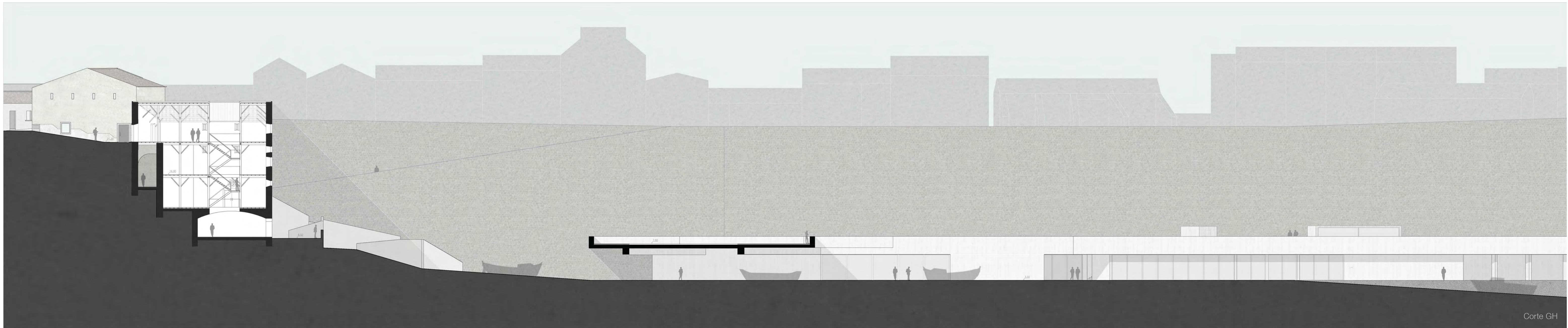
Corte AB



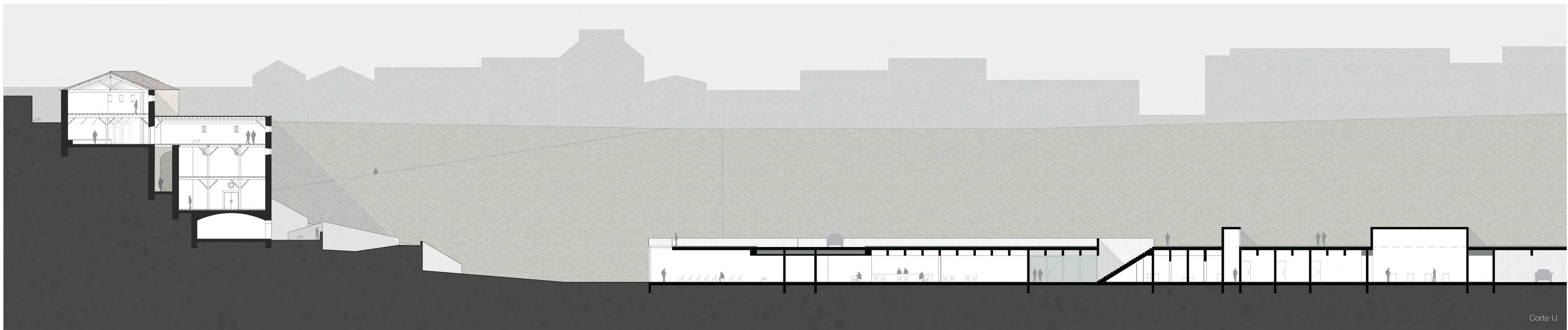
Corte CD



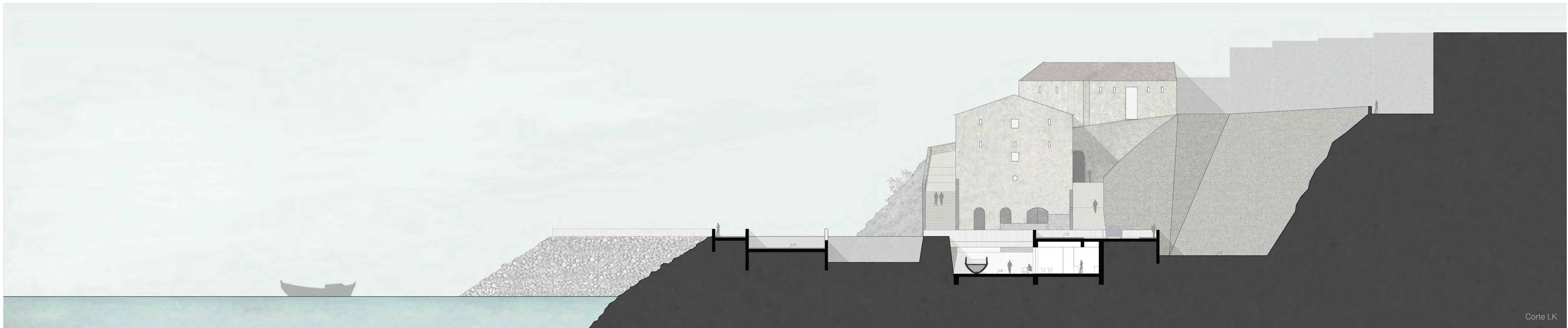
Corte EF



Corte GH

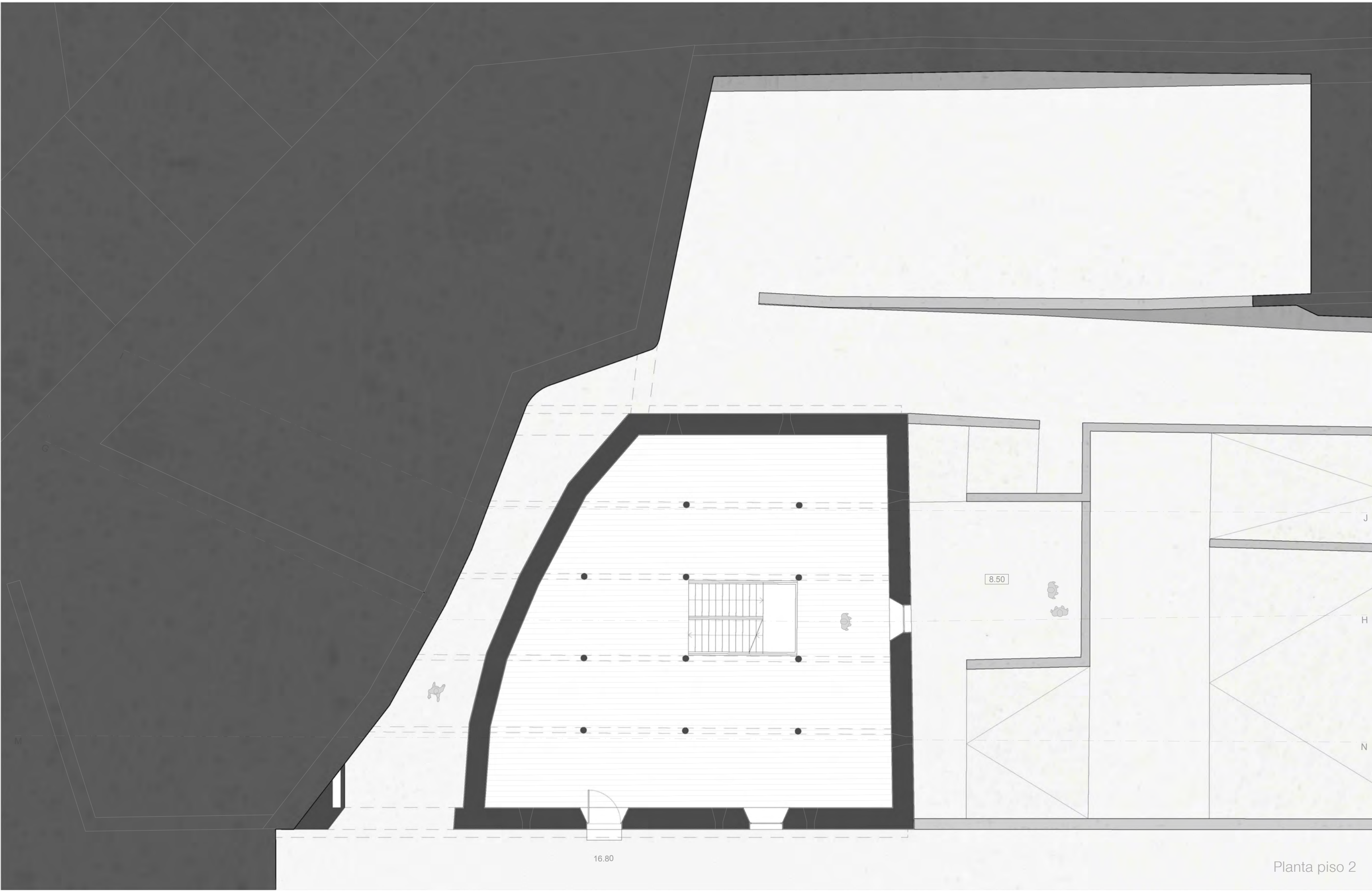
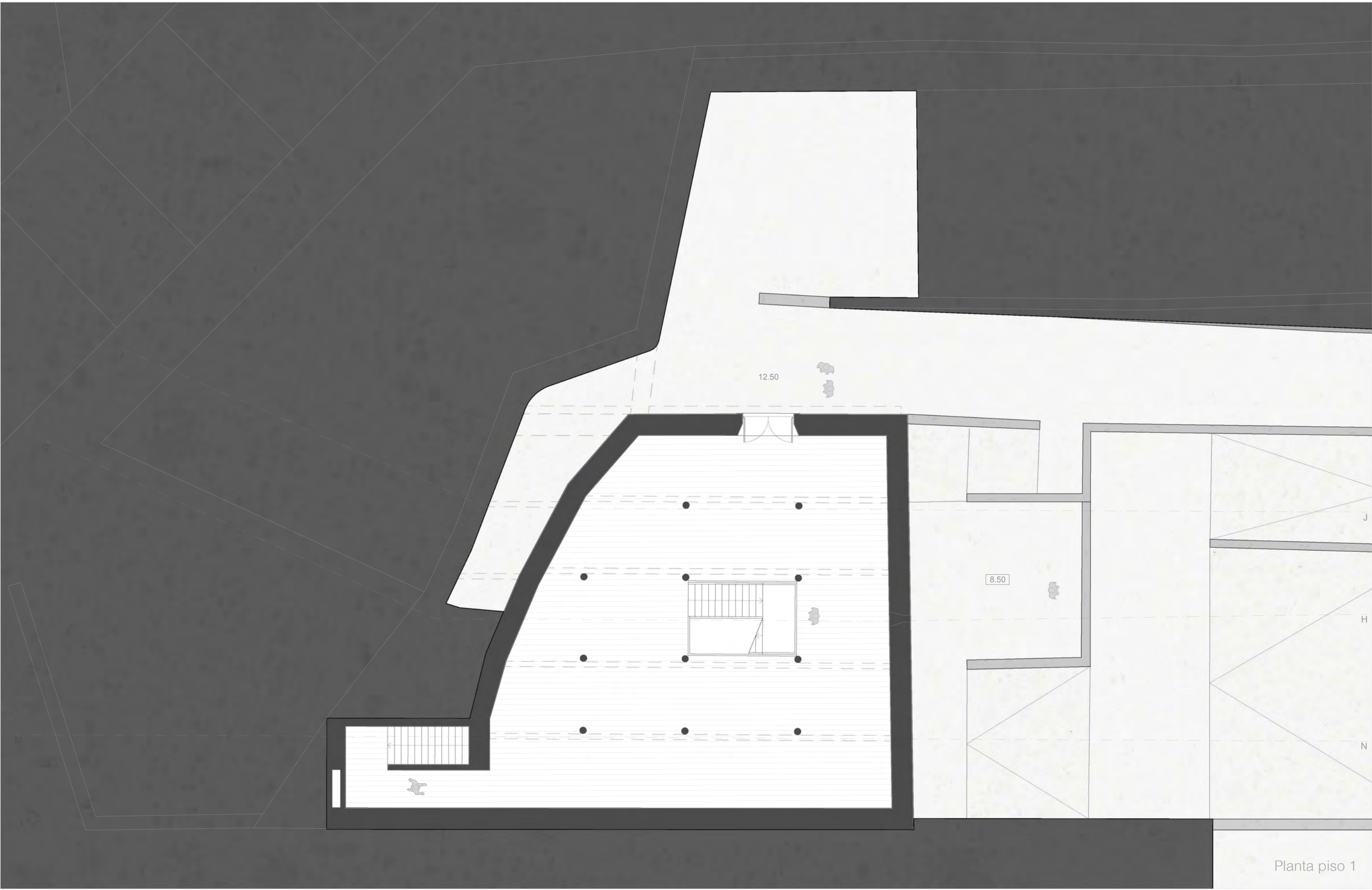
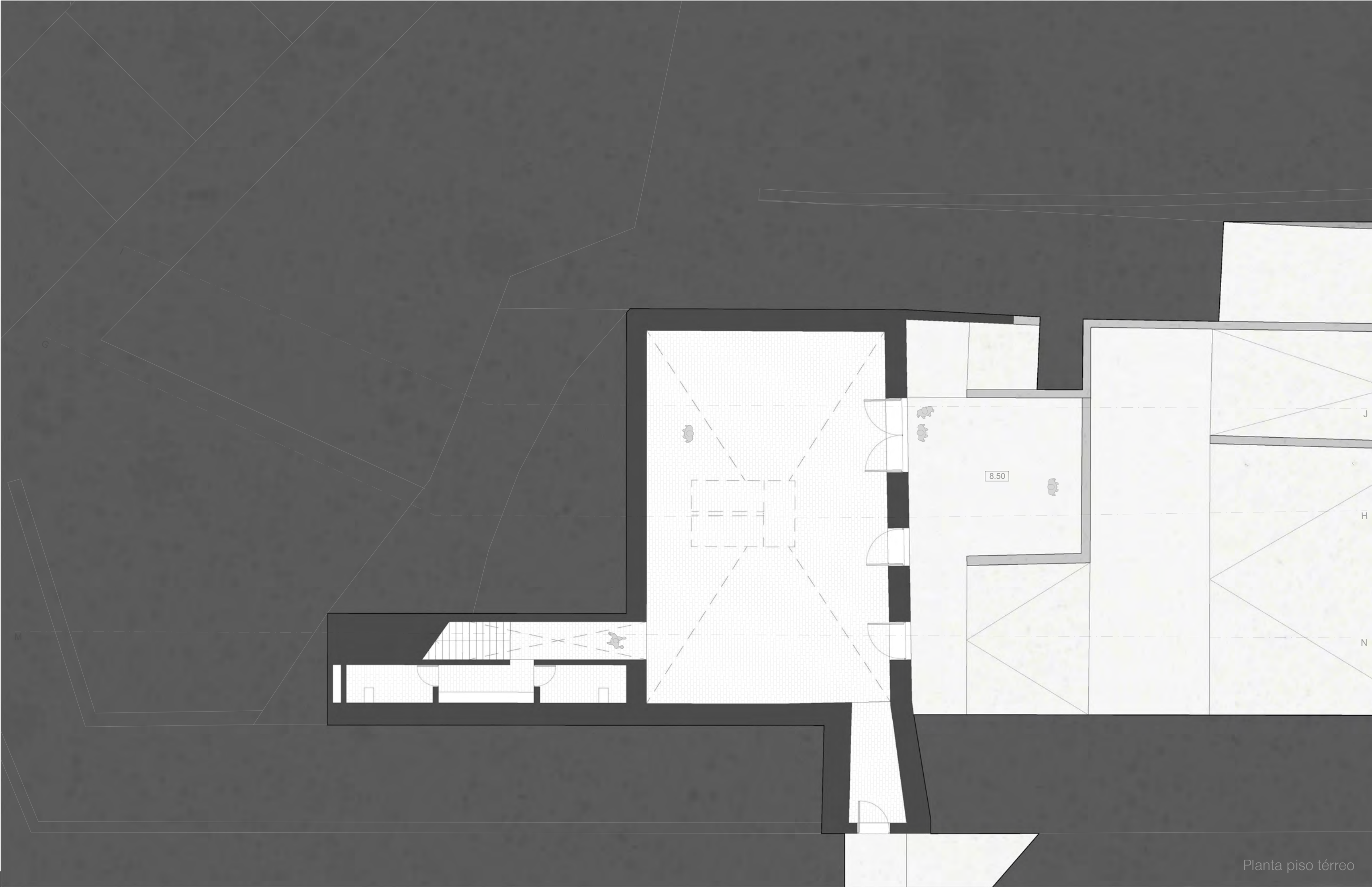
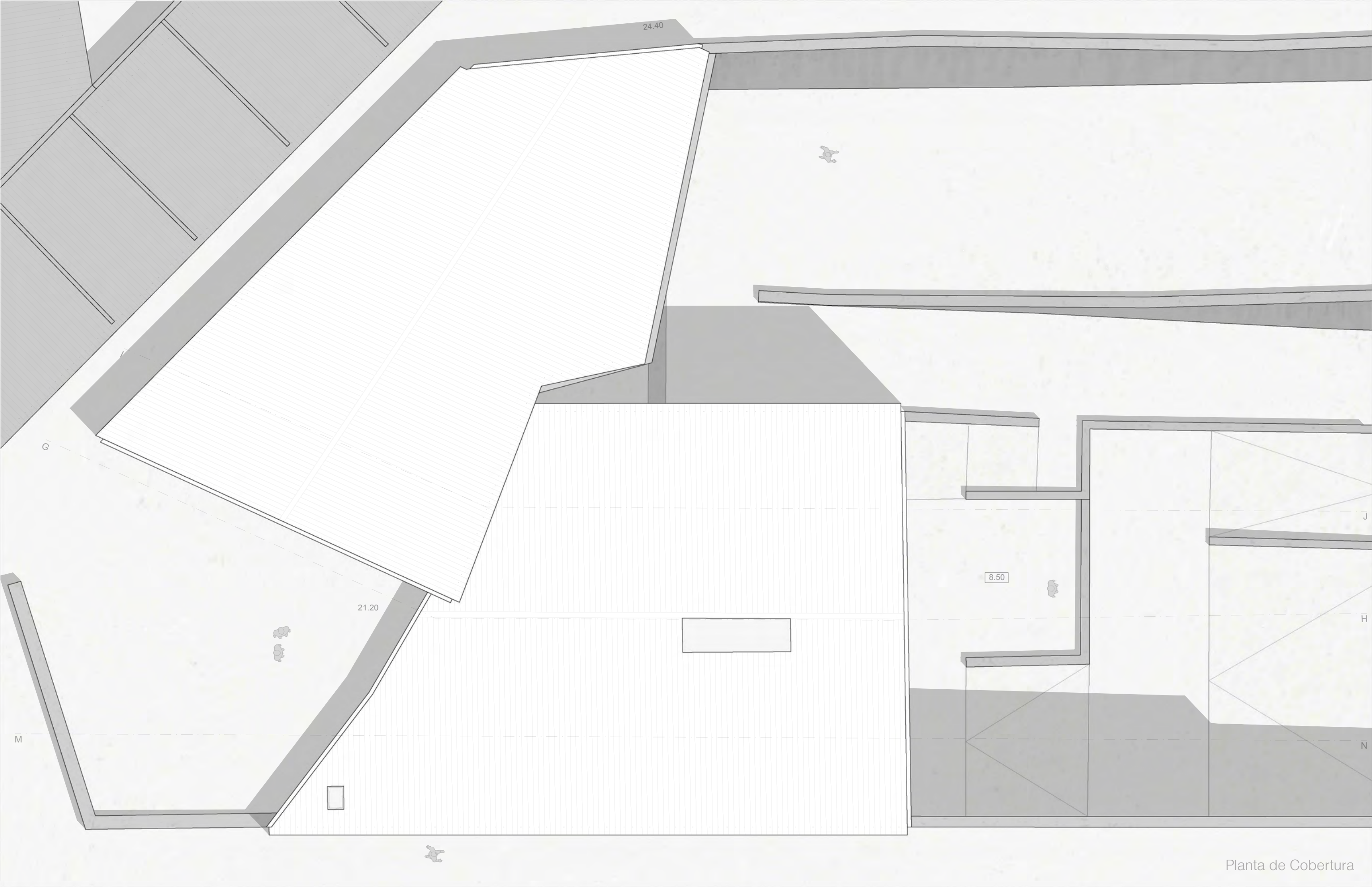


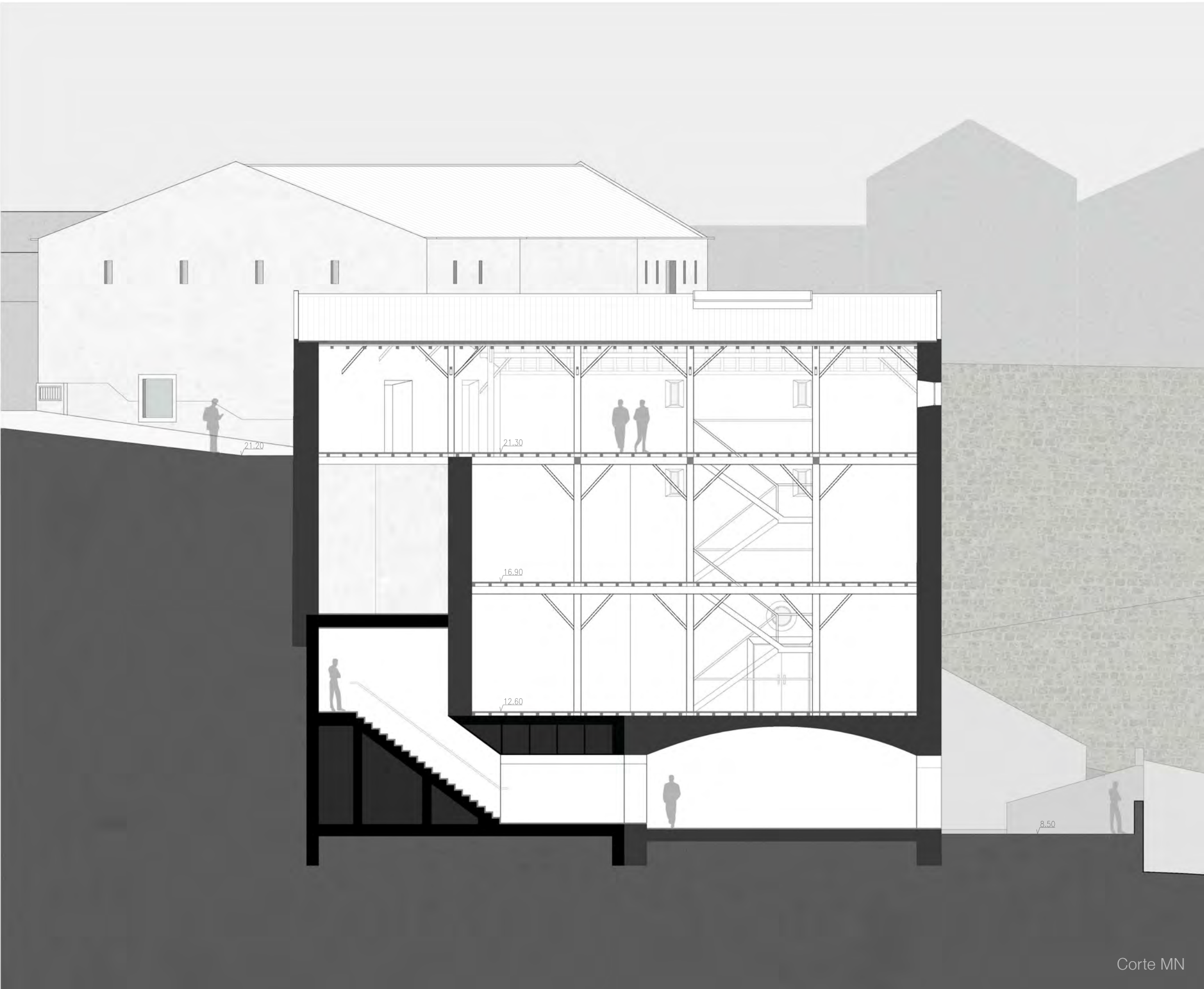
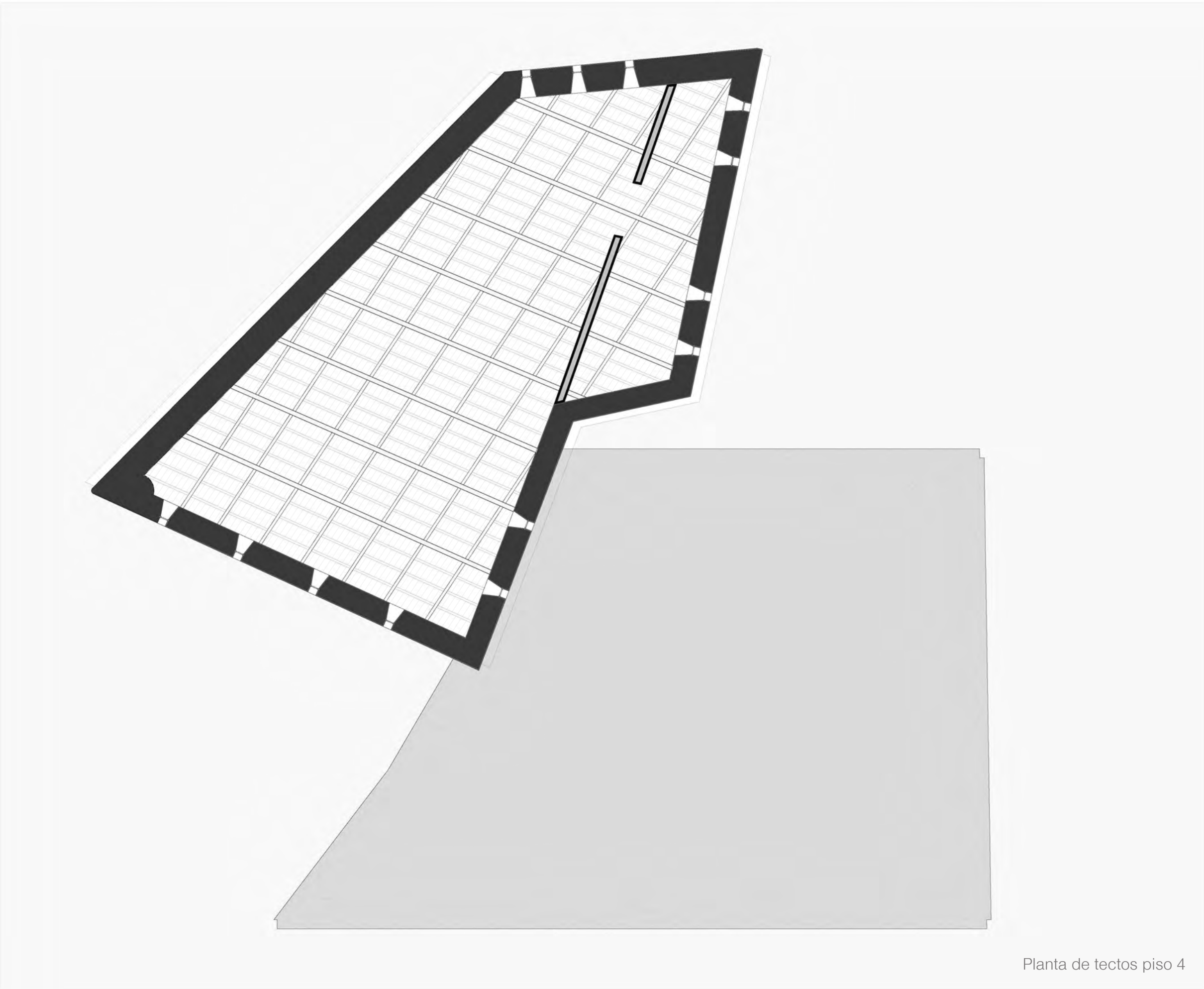
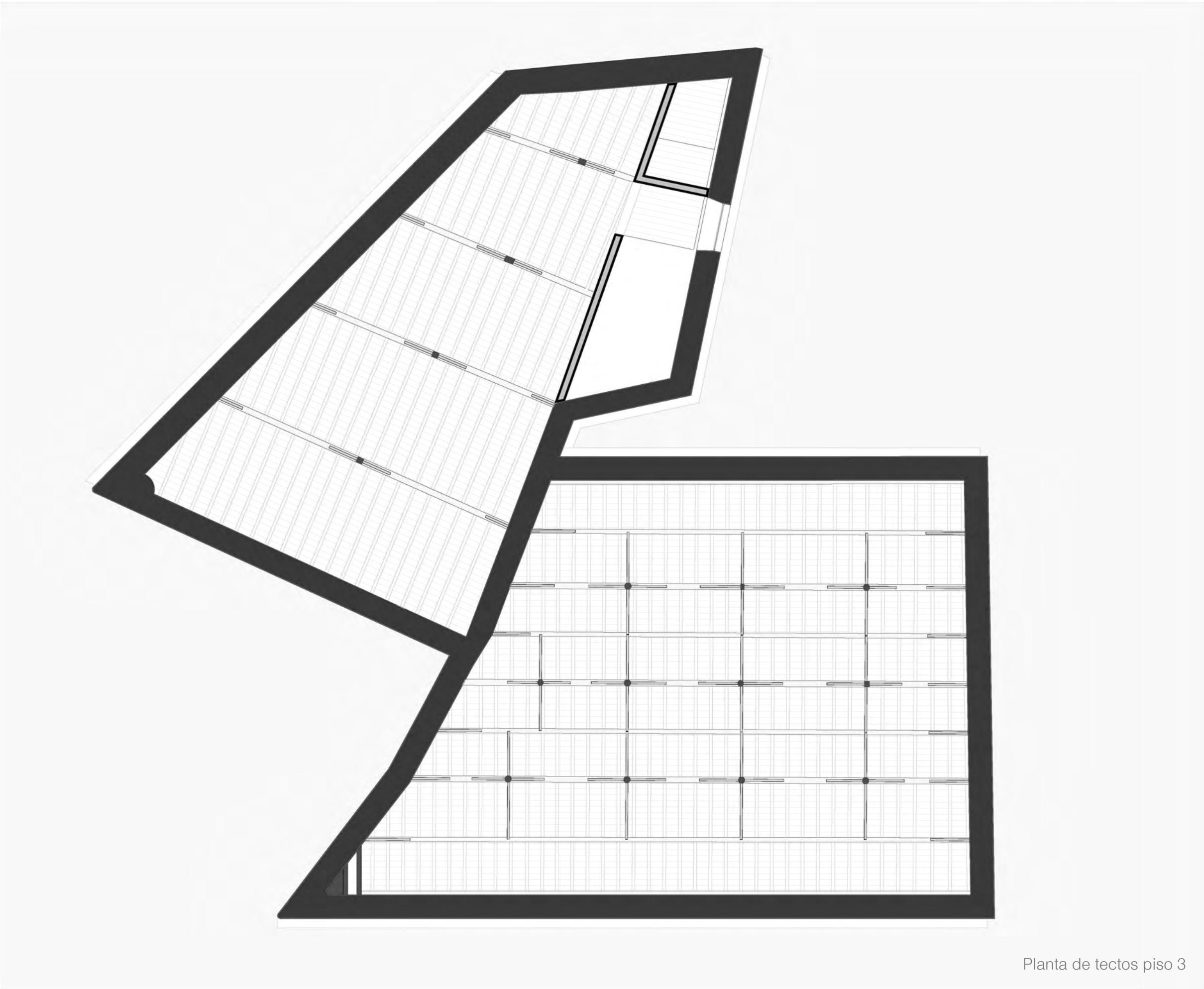
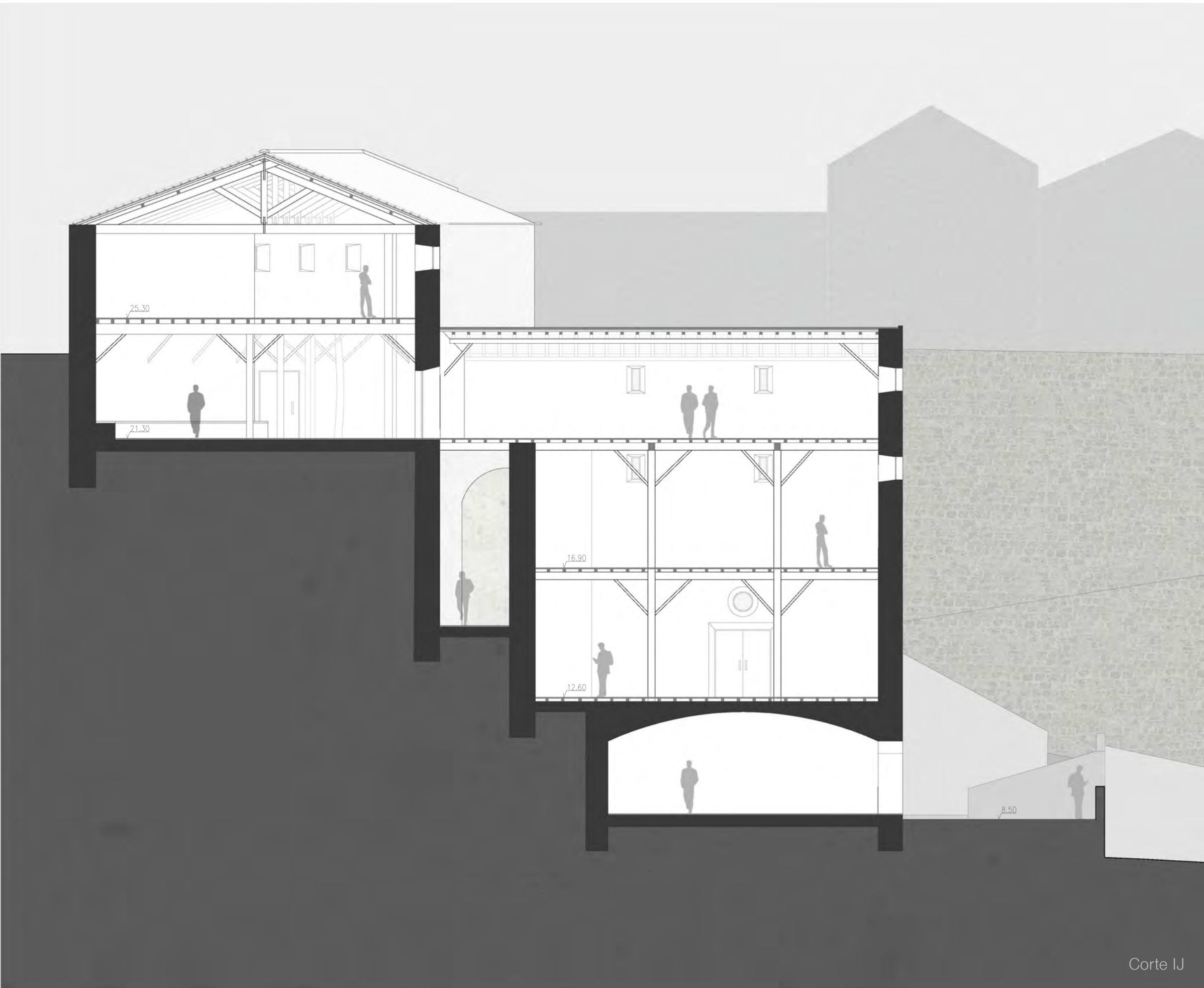
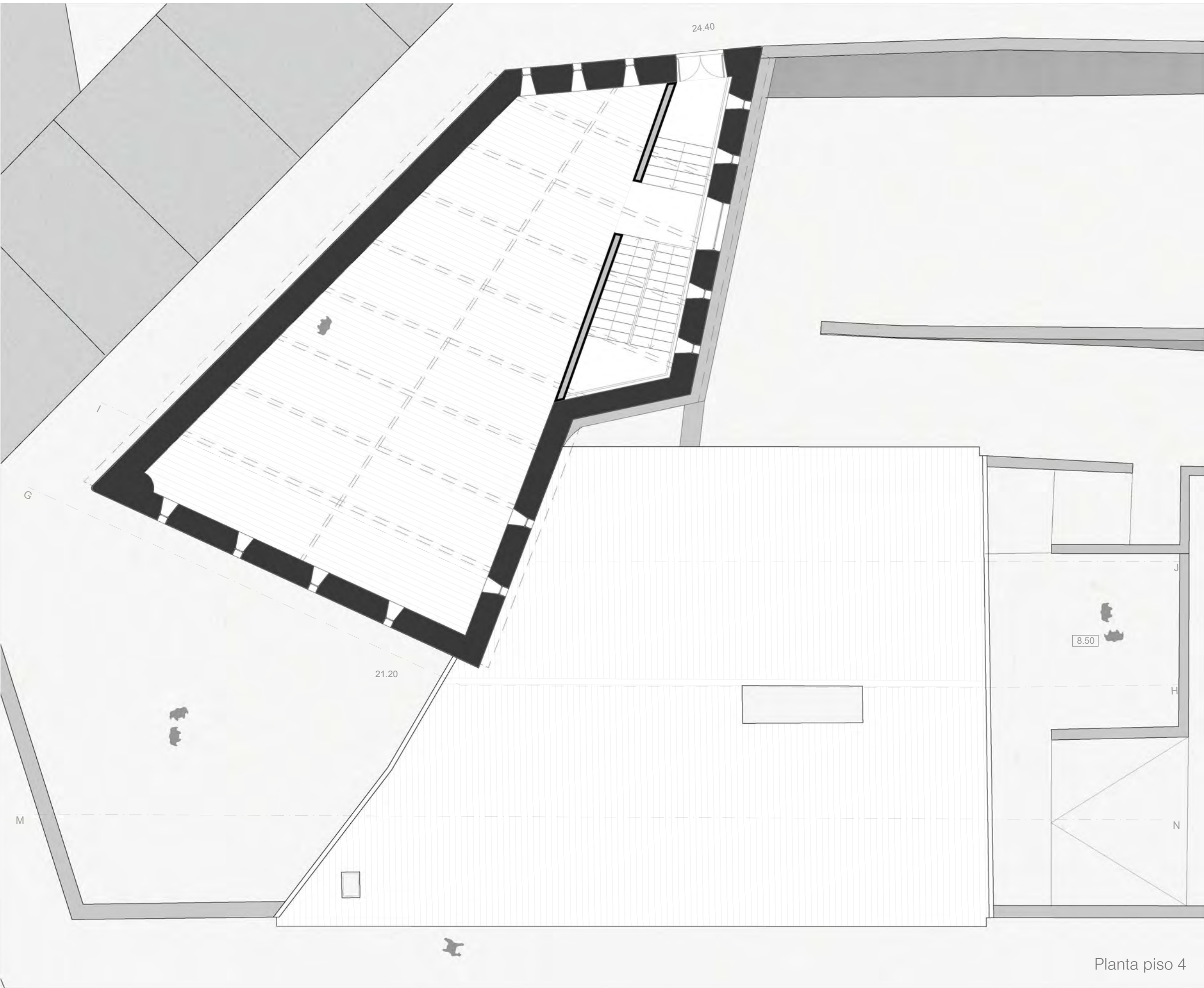
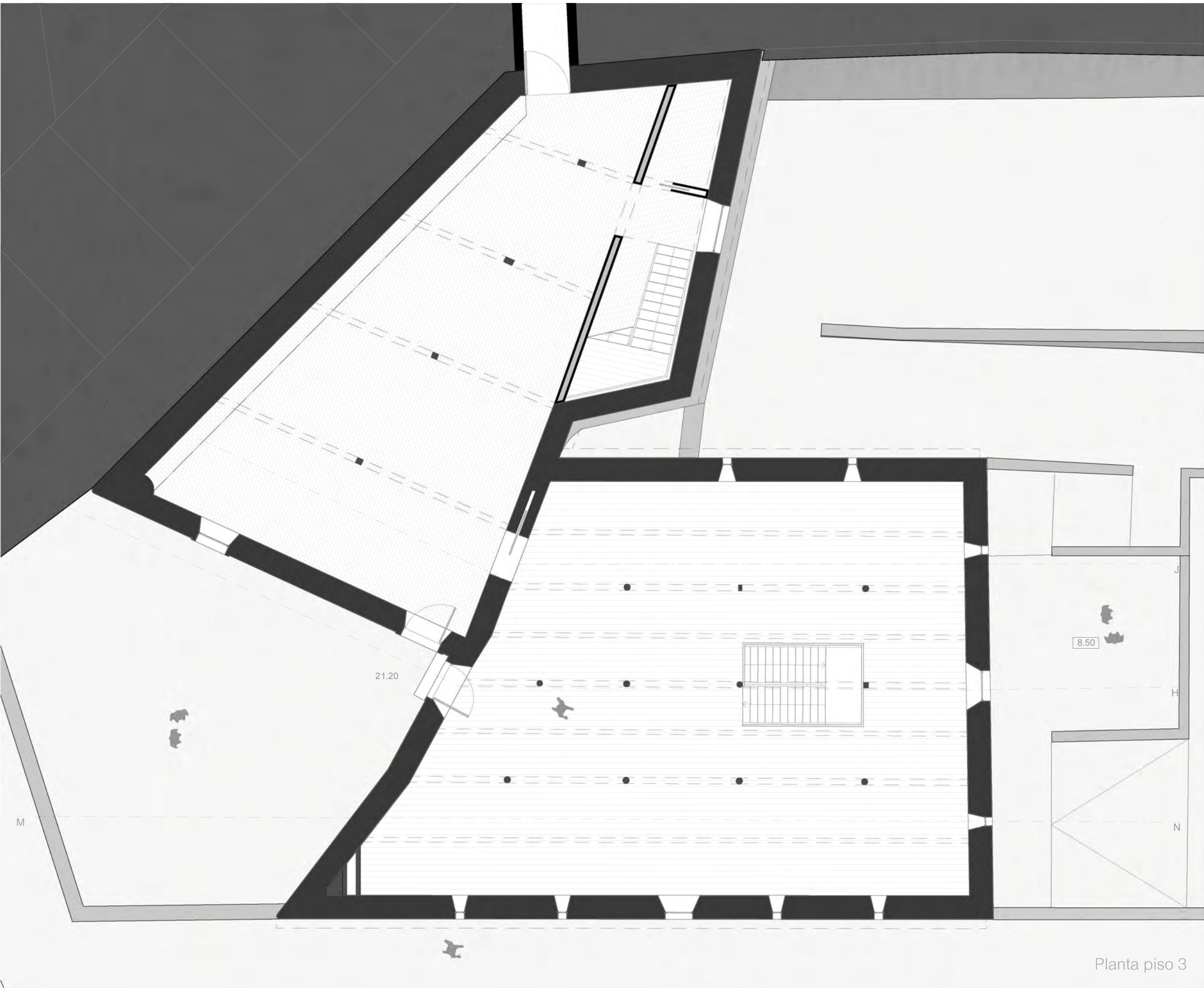
Corte IJ

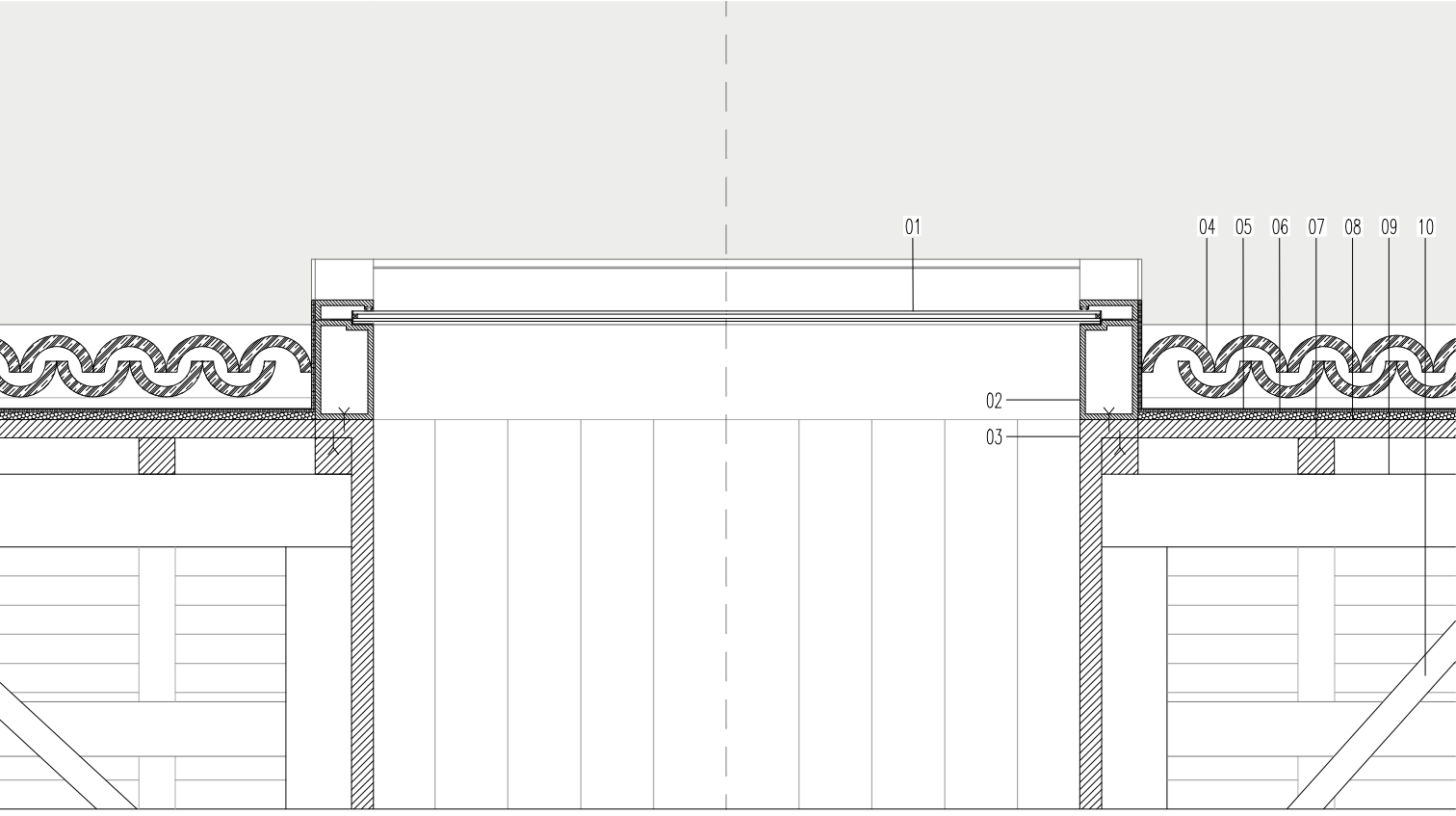
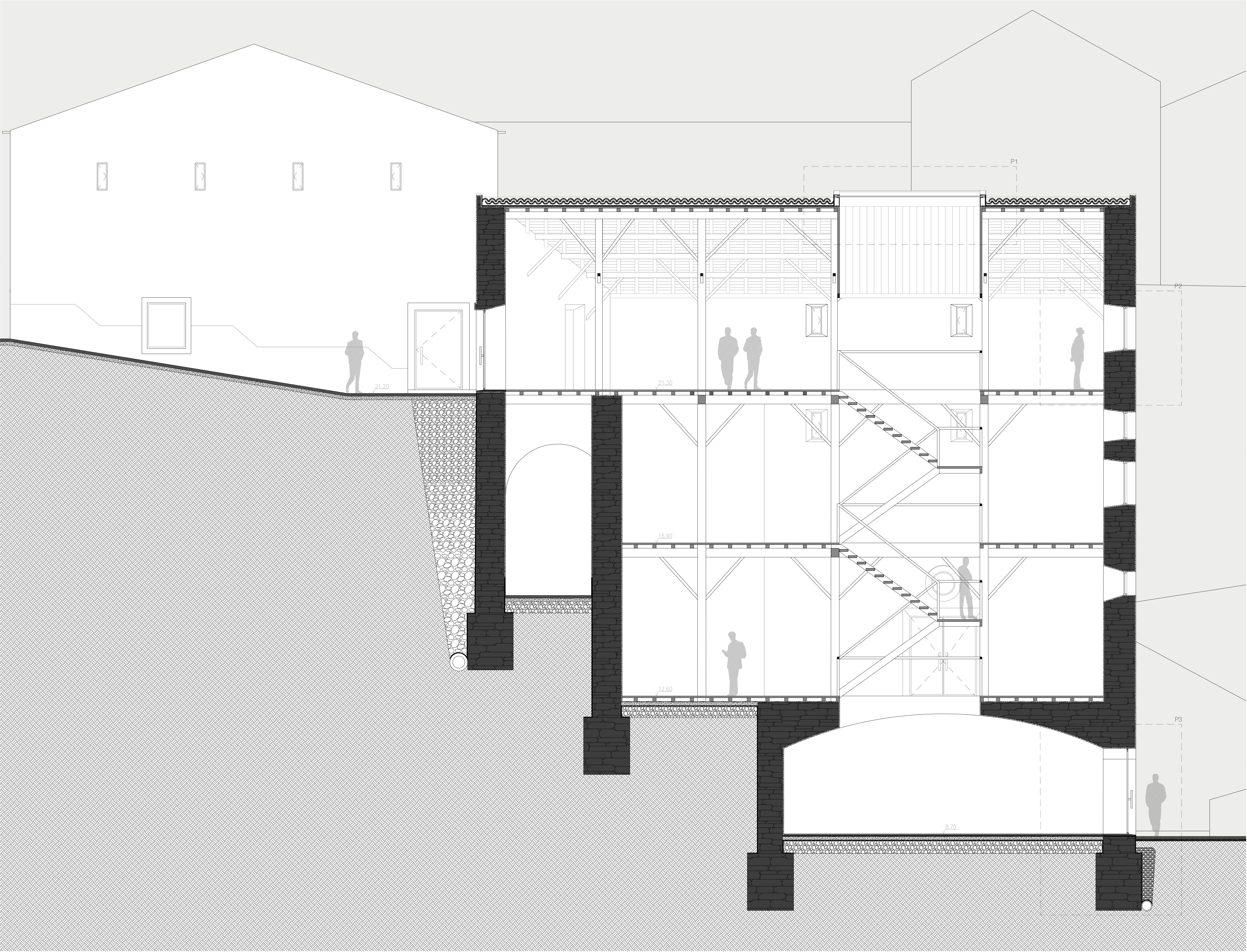


Corte LK

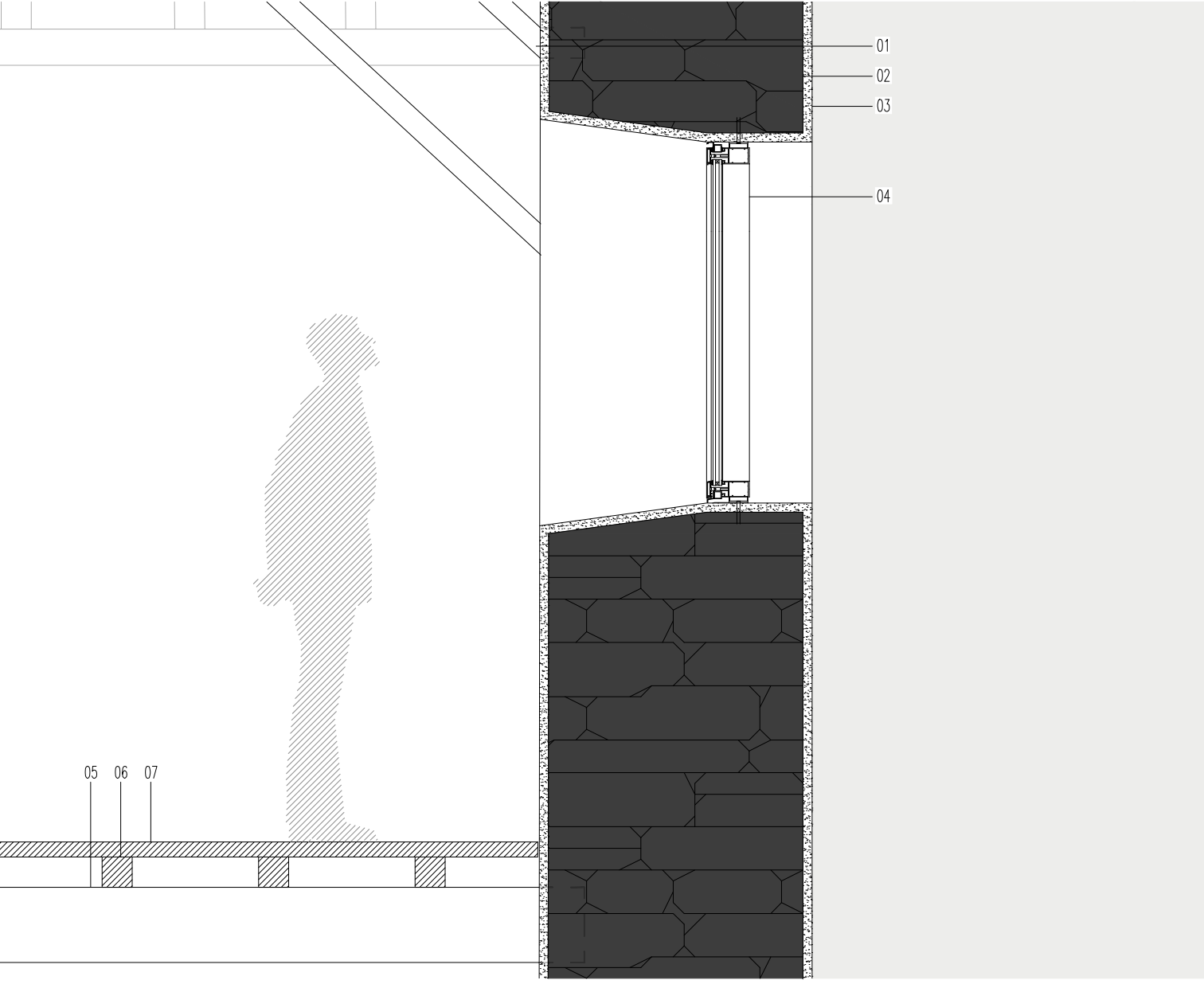




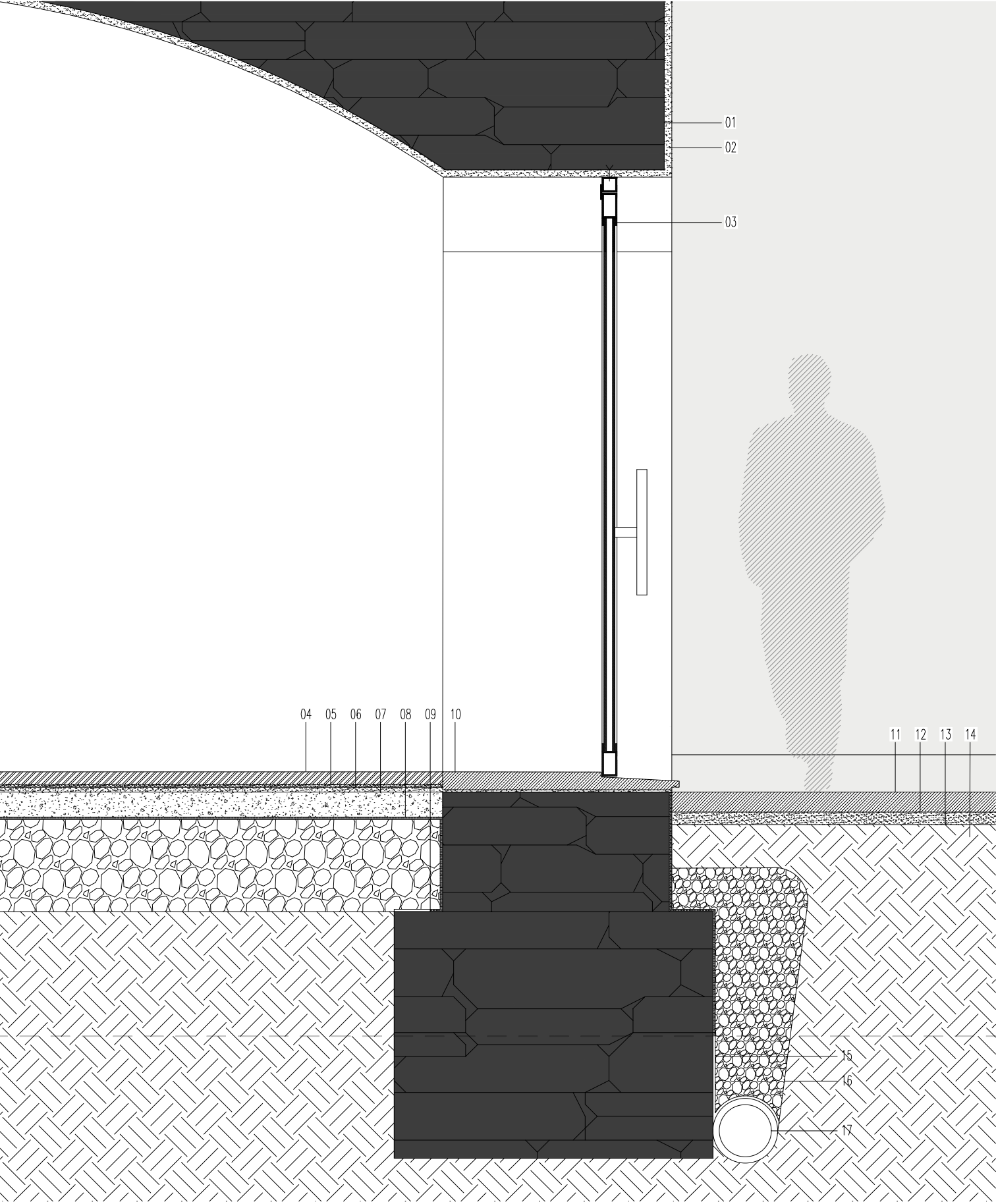




P1, escala 1:20
1. clarabóia com vidro duplo
2. caixilho em aço galvanizado preto
3. túnel de luz em madeira pintada
4. telha canal
5. sistema de impermeabilização
6. isolamento térmico tipo roofmate
7. sistema de ripas de madeira
8. tecto de contraplacado marítimo
pintado de branco
9. sistema de vigas de madeira
10. travamentos de madeira



P2, escala 1:20
1. sistema de travamento embutido na parede
2. parede de alvenaria de pedra
3. reboco pintado
4. vão com vidro duplo e caixilharia em aço galvanizado preto
5. sistema de vigas embutidas na parede
6. sistema de ripas do pavimento
7. pavimento em solho



P3, escala 1:20
1. parede de alvenaria de pedra
2. reboco pintado
3. porta em aço galvanizado preto
4. pavimento de tipoleira burro
5. argamassa de assentamento
6. argamassa de regularização
7. massame
8. enrocamento
9. fundação directa em pedra
10. soleira de pedra
11. pavimento exterior em saibro
12. argamassa de assentamento
13. argamassa de regularização
14. terra compactada
15. sistema de impermeabilização
16. cone de drenagem em brita
17. tubo drenante

Francisco Gonçalves Jordão
Janeiro de 2017